

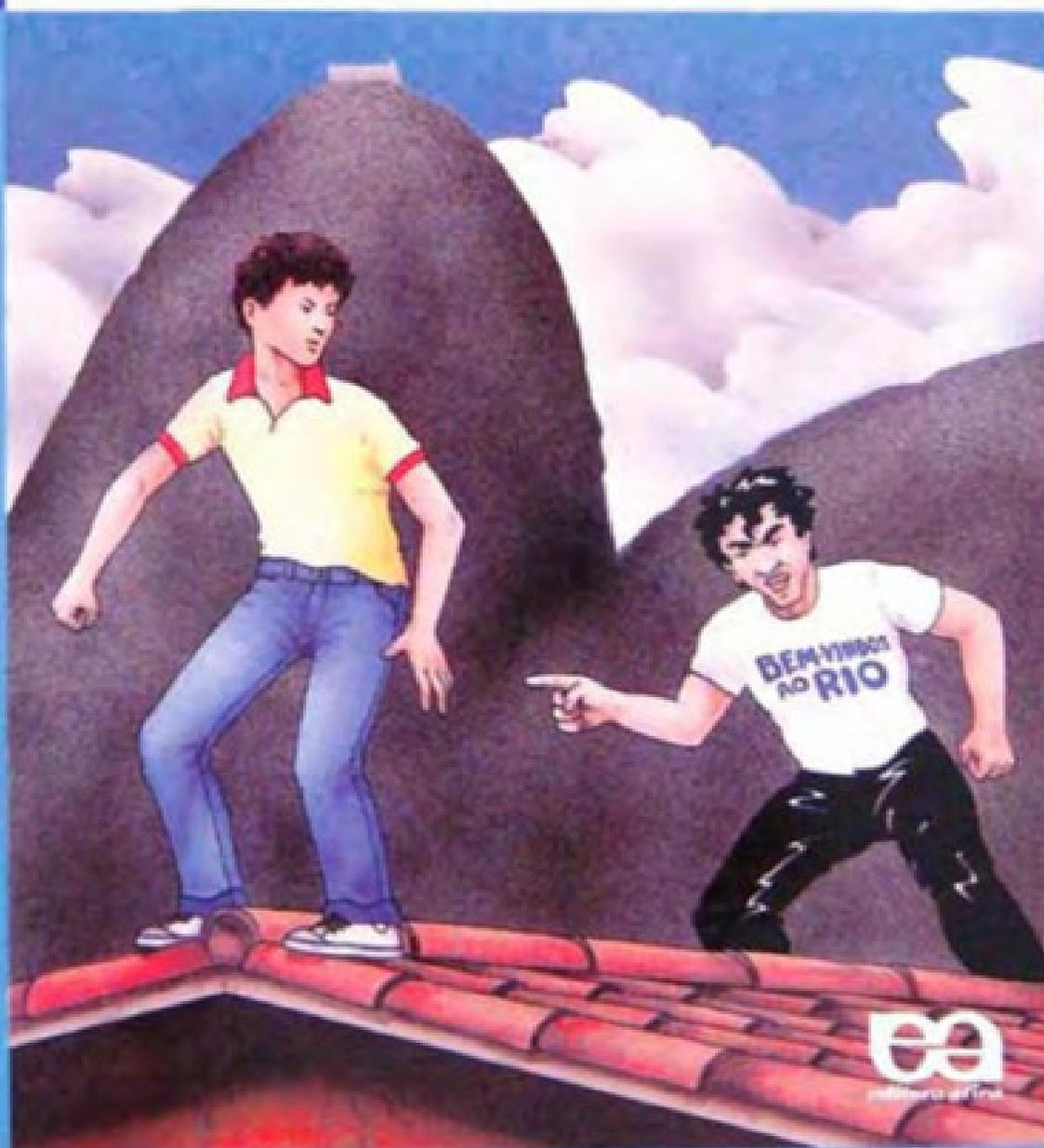


Vaga-Lume



Marcos Rey

BEM-VINDOS AO RIO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

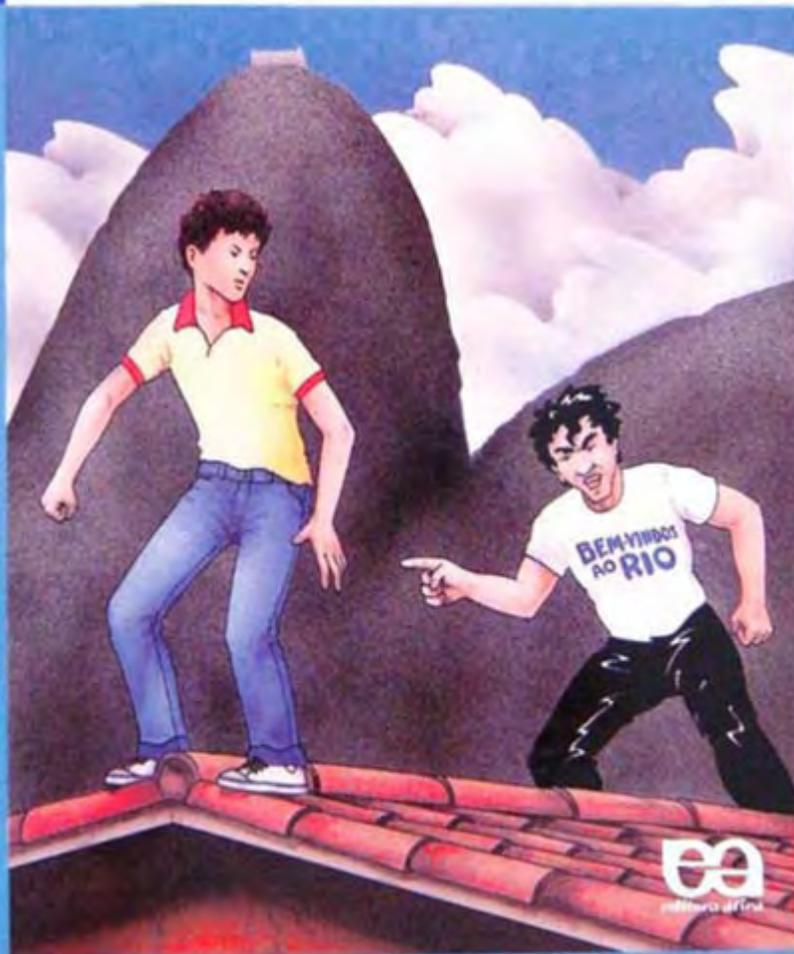
O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Vaga-Lume

 **Marcos Rey**

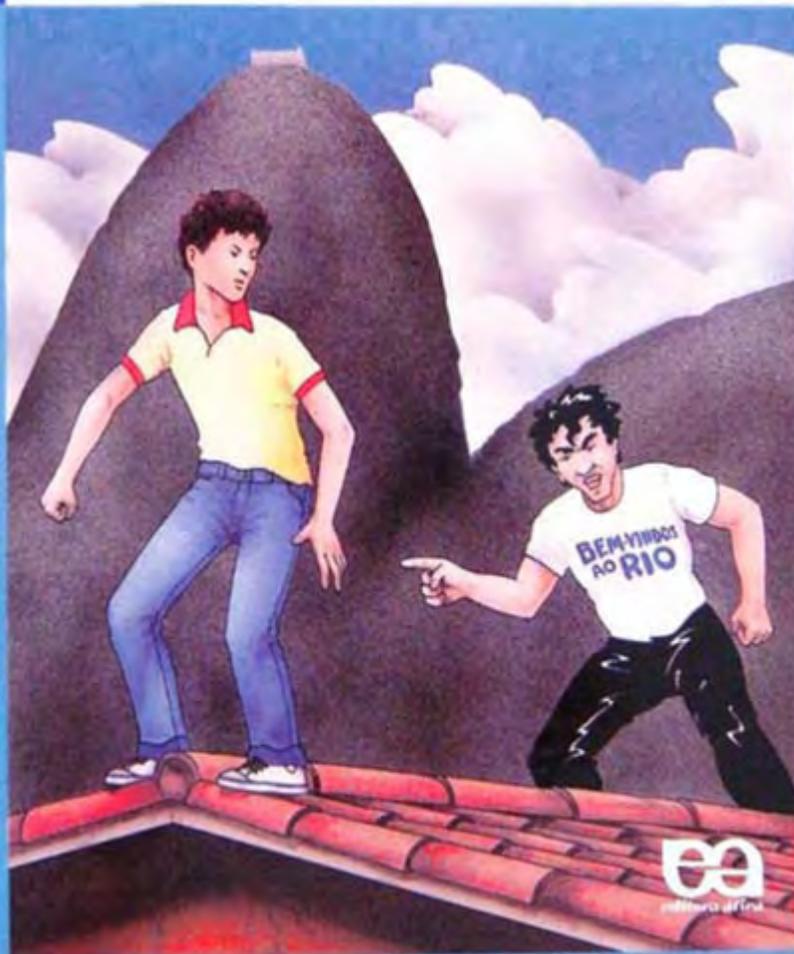
BEM-VINDOS AO RIO



Vaga-Lume

 **Marcos Rey**

BEM-VINDOS AO RIO



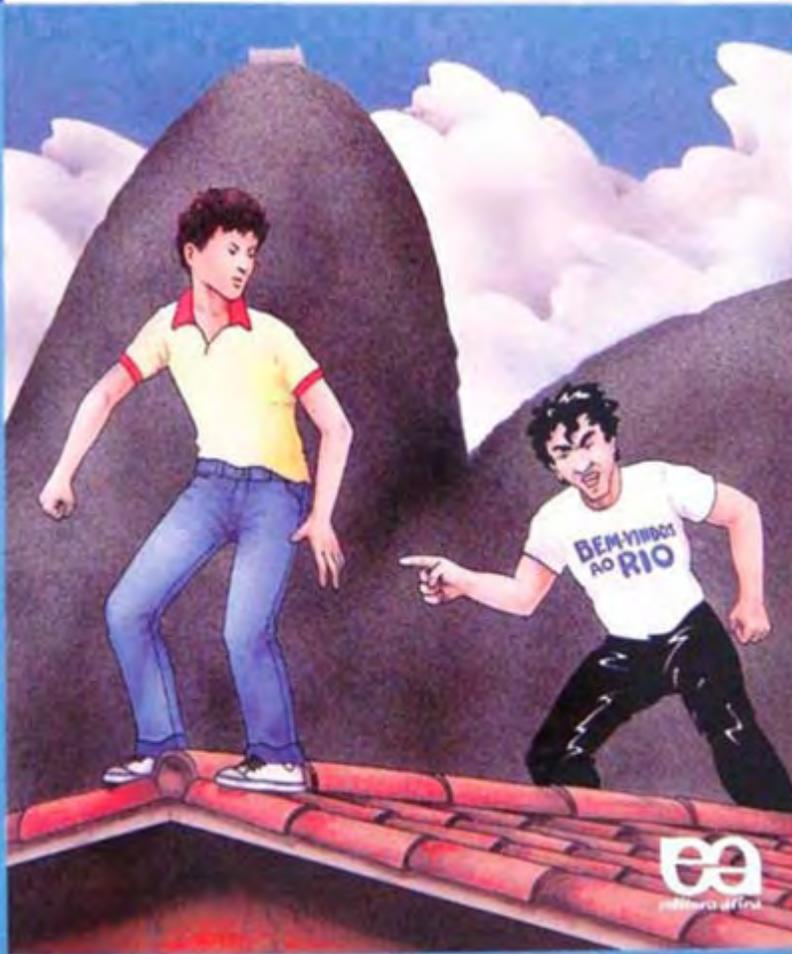


Vaga-Lume



Marcos Rey

BEM-VINDOS AO RIO





Marcos Rey

BEM-VINDOS AO RIO

Série Vaga-Lume

Texto

Edição: Fernando Paixão

Assistência: Marta de Mello e Souza Suplemento de trabalho:
Antônio Carlos Olivieri Preparação dos originais: Pedro Cunha Jr.

Arte

Edição: Antônio do Amaral Rocha Layout de capa: Ary de Almeida
Normanha Ilustrações de capa e miolo: Cláudio Rocha e Jô Fevereiro
Diagramação: Elaine Regina de Oliveira Arte-final: René Etienne
Ardanuy Editora Ática, 1986

Este e-book:

Digitalização: ?

OCR, revisão e formatação: SCS
em setembro/2013



ILUSTRAÇÃO

SUMÁRIO

Quatro pessoas sofredoras se
 Quem é o autor.....5

encontram.....	67
Rio, estou aqui!.....	7
Intervalo para um banho de mar: o A garota que veio de Brasília	7
Baixo e a Tereca.....	69
O anjo colorido e o Cristo Redentor	9
A oportunidade	71
Meu Deus, onde está Pat?.....	10
Outro telefonema	79
Os dois na casa abandonada	15
O ensaio geral para o resgate.....	81
À espera do chefe	19
Visita à casa da estrada.....	84
Os sequestradores se reúnem	21
O palco do resgate	86
O interrogatório	25
Se escrevem carta, estão vivos	87
Os pássaros rezam	31
É fácil roubar um carro?.....	91
Quem é que manda na Toca?	32
Cláudio e Pat: confidências à luz de vela Tia Elisa começa a se mexer	33
.....	93
Meia-noite em Curitiba	35
Uma fuga desesperada.....	95
O caso chega à polícia.....	35
Uma camiseta serve de pista?	98
Antes do dia seguinte	37
Uma carta feita de letras de jornais... ..	99
O retrato de Pat, uma esperança.....	38
Sonhos duma noite de verão	101
Ninguém atende no 322	39
Um receio a mais para os pássaros.. ..	102
O rádio colabora	39
Uma carta para Deus entregar.....	103
Surge uma pista vaga: o museu	41

Uns esperam, outros agem	103
O primeiro susto depois do sarampo .	42
Acabaram as palavras, começa a ação Um que deserta	43
.....	105
Um dos sequestradores ao telefone...	45
A primeira entrega	109
Um rosto aflito no vídeo: tia Elisa.....	46
Uma fortuna sobe o Morro.....	113
O Baixo retoma o comando	47
Enquanto isso.....	116
Uma conversa amigável com os Baden e Pequinês: o que fizeram com pássaros	50
os milhões	116
Quem rouba os ladrões	52
Por que não soltam Pat?	118
Um buraco na gaiola	55
Que bom! Cláudio revê sua mãe!	119
Uma ida até o morro.....	56
Comam doces, Tito paga	120
Chegam os pais de Cláudio	59
Mágica: o carro branco fica preto....	124
A divisão dos milhões que ainda não Perseguição na zona sul	126
chegaram	60
Feliz aniversário, Nariz!.....	130
Seu Walter e uma voz	62
Qual foi o pior momento?.....	131
Sequestrados também fazem planos..	63
Tereca, à janela, vê o seu destino	132
Chegam também os pais de Pat	64
A volta da camiseta: BEM-VINDOS AO Baden, que já foi Raimundo	66
RIO.....	133

QUEM É O AUTOR

Marcos Rey chegou à Escola para bater um papo com seus leitores. No pátio, sentados, reuniam-se alunos da 5ª à 8ª série. Ele foi logo dizendo que não faria nenhum discurso, preferia responder a perguntas, como se cada aluno fosse um repórter de jornal ou televisão. A primeira pergunta custou um pouco a sair mas saiu.

Aluno — Quem foi que o estimulou a escrever?

Marcos — Foi o próprio livro. Meu pai, Luís Donato, era gráfico e encadernador. Minha casa vivia cheia de livros. Um dia resolvi ler um deles. E adquiri o hábito da leitura. Daí a começar a escrever não demorou muito.

Aluno — Foi fácil publicar seu primeiro livro?

Marcos — Foi difícil escrever e mais difícil ainda publicar. Durante quatro anos os editores o recusaram.

Chamava-se *Um gato no triângulo*. Nada é fácil no início, seja qual for a carreira.

Aluno — Prefere escrever livros para adultos ou para a juventude?

Marcos — Para mim não há diferença, pois muitos adultos lêem meus livros para a juventude e muitos jovens já estão lendo meus livros para adultos.

Aluno — Quais os livros que já escreveu para jovens?

Marcos — *O mistério do cinco estrelas, O rapto do Garoto de Ouro, Um cadáver ouve rádio. Sozinha no mundo, Dinheiro do céu e este*. Para crianças até a 5ª série só um: *Não era uma vez*.

Aluno — E quantos para adultos?

Marcos — Somando romances e livros de contos, doze.

Pela Ática saíram *Malditos paulistas*, um policial superquente, *A última corrida*, cheio de emoções e surpresas, *A arca dos marechais*, com muito suspense e perigo em cada página e *Esta noite ou nunca*, para quem quiser saber algo mais sobre o mundo e a vida.

Aluno — Quanto demora para escrever um livro?

Marcos — Depende do tamanho, é claro. Mas antes de escrever há outro trabalho: planejar a história. Isso pode levar muito tempo. Depois sim, com um resumo feito, começo a escrever. Mas não pensem que acerto logo na primeira vez.

Geralmente, é só na terceira que o prato pode ser servido.

Aluno — Que mensagem ou conselho gostaria de transmitir aos seus leitores?

Marcos — Que procurem ler muito, mesmo se não sentirem vocação pelas letras. A leitura, além do prazer que proporciona, desenvolve o raciocínio e passa toda a sorte de conhecimento. Tudo que o homem sabe está nos livros, sejam de estudo ou ficção. Mesmo não tendo o hábito da leitura, você poderá até ser um bom aluno, o primeiro da classe, mas a vida não termina com um diploma, termina?

RIO, ESTOU AQUI!

A mão que mais acenava (em média dez adeuses por segundo!) era de Cláudio; o aeroporto, não um qualquer, mas o Galeão, internacional, cheio de truques de computação, um luxo! E quem partia naquele Jumbo era o Giba (Gilberto), retrato em todas as páginas esportivas dos jornais, um dos ases do vôlei, irmão de Cláudio. O time seguia para Guadalajara, México, onde se realizaria um interclube muito badalado. Imaginem o entusiasmo de Giba em sua primeira viagem ao exterior. Cláudio, o caçula, seis anos mais jovem, acompanhara-o de Curitiba, residência da família. Ele também fazia sua primeira viagem sem os pais e nunca estivera no Rio.

— Eu lhe pago a passagem de ida e volta — dissera-lhe o craque. — E ainda lhe dou um dinheiro para ficar três dias na Cidade Maravilhosa. Isso, claro, se seu Walter e dona Celina permitirem.

Cláudio estava de férias na escola, seus pais permitiram, mas depois de mil advertências. Toda cidade com milhões de habitantes é perigosa, que tivesse todo cuidado e só fechasse os olhos para dormir. Sempre alerta, como os escoteiros.

Quando o Jumbo desapareceu no céu, Cláudio, que chegara na véspera, à noite, teve a impressão desagradável de estar perdido e achou que três dias seria tempo demais para um turista solitário. Retirou do bolso um guia turístico da cidade. Consultou-o lá mesmo, no aeroporto. Como se ia ao Corcovado?

A GAROTA QUE VEIO DE BRASÍLIA Pat, Patrícia para os não-íntimos, já estivera no Rio de Janeiro, mas com um aninho. Filha dum arquiteto paulistano, pioneiro da construção da nova capital, vivia em Brasília, onde nascera. Conhecia São Paulo, onde tinha parentes, bem como Goiânia e Belo Horizonte, porém envergonhava-se duma coisa, que não confessava às colegas do colégio: nunca vira o mar. Há meses, contudo — que sorte!

—, uma de suas tias, viúva, mudara-se para o Rio e convidara-a para passar as férias no seu pequeno apartamento em Ipanema. Pat disse sim pelo telefone e pegou o avião.

Na primeira semana de Pat no Rio, ela e a tia passearam o tempo todo e deu praia todas as manhãs. O sol ajudou. À

tarde, os roteiros turísticos: Pão de Açúcar, Corcovado, Jardim Botânico, Quinta da Boa Vista, Paquetá; à noite, teatros, salas de concertos, restaurantes. Na segunda semana, Elisa, a tia de Pat, que já não era moça quando a sobrinha nasceu, pifou.

— Me dê um dia de folga — pediu. — Não tenho o seu fôlego, gata.

— Mas eu queria ir a Santa Teresa, ver os Arcos, o Catete...

— Iremos amanhã, tá?

No dia seguinte tia Elisa continuava pifada. Além de exausta, estava com os pés inchados; o calor fazia isso com ela. Ficaram as duas assistindo televisão, porém Pat logo se cansou.

— Me deixa dar meus passeios sozinha, tia?

— Você não vai se perder?

— Já sei me orientar aqui e depois existem táxis, não?

Pat adorou pegar o bondinho de Santa Teresa e mesmo sozinha se divertiu bastante. O Rio é lindo!, dizia-se a todo instante. Foi até o fim da linha e voltou sem desmanchar o mesmo sorriso. Ao retornar ao ponto de partida, lembrou-se de visitar o palácio do Catete, residência de tantos presidentes, e que, após a transferência da capital para Brasília, virara museu. A distância não era longa, melhor, porque podia ir a pé e ver o povo, pois uma cidade não é feita apenas de construções e paisagens. O mais importante é sua população.

O ANJO COLORIDO E O CRISTO REDENTOR

No primeiro dia de Rio, Cláudio não parou um só momento. No Corcovado viu a coisa mais bonita, uma asa delta voando em torno do Cristo como um grande anjo colorido. Ignorava que se fazia a viagem ao Pão de Açúcar em duas etapas; no morro da Urca, a primeira, tomou um imenso sorvete. Depois foi até Niterói pela ponte que a liga ao Rio; ficou deslumbrado. Mas voltou de barco, não tinha pressa. Não era só o prazer de ver, sentia-se livre, dono de seus próprios passos, mais adulto. Retornou ao hotel quase noite. Nunca estivera sozinho num hotel; achou bacana pedir a chave, subir pelo elevador e entrar em seu apartamento.

Havia tudo lá, telefone, televisão a cores, rádio e um frigobar.

Apanhou um refrigerante e com ares de importante ligou para a copa e pediu um sanduíche.

Enquanto comia e bebia, assistia a programas de televisão. Passava uma telenovela. Ocorreu-lhe que sua mãe e sua irmã faziam o mesmo naquele momento. Mal a saudade bateu, tocou o telefone. Quem seria? Ora, quem podia ser.

— Você está bem, meu filho?

— Mamãe! tudo bem comigo! Hoje cedo fui com o Giba para o Galeão. Acho que já chegou no México.

— Quando volta, amanhã?

— Não, depois de amanhã, como ficou combinado.

— Você não vai sair à noite, não?

— Vou ficar no hotel. Estou cansado, passei muito.

Puxa, como o Rio é grande!

— Muito cuidado, filho. Sua irmã está mandando lembranças.

— Um beijo pra ela e outro pro velho.

— O que está fazendo agora?

— Comendo sanduíche, tomando refrigerante e vendo televisão.

— Tome um bom banho antes de dormir.

— Claro!

— Seu pai está aqui dizendo que sente inveja. Ele adora o Rio. Um beijão e boa noite. Não tome muito gelado que você se resfria.

— Tchau, mãe. E não se preocupe.

Mais tarde, já no telejornal, Cláudio arregalou os olhos e aumentou o volume da televisão: lá estava o time de vôlei, partindo para o México, o Giba em primeiro plano, num teipe da manhã no Galeão. Não poderia haver melhor imagem para encerrar a noite.

MEU DEUS, ONDE ESTÁ PAT?

Cláudio levantou-se cedo e foi tomar café no luxuoso refeitório do hotel. Café? Aquilo era uma refeição! Gostoso ser tratado com atenção pelos garçons, "aceita mais, senhor?", enquanto encenava uma naturalidade de quem estava habituado a hospedar-se sozinho em hotéis de luxo. Comeu e bebeu tudo a que tinha direito e depois rua.

Pegou um táxi para conhecer o centro, a parte histórica da cidade, visita recomendada pelo guia turístico. Passeou por ruas estreitas, muito movimentadas, tomou sorvete na centenária confeitaria Colombo, percorreu de ponta a ponta a avenida Rio Branco, conheceu a Lapa, dos sambas de Noel Rosa, chegou ao bairro do Catete, onde um edifício majestoso e antigo lhe chamou a atenção. Já o vira em reportagens pela televisão, a residência e local de trabalho dos presidentes quando o Rio de Janeiro era a capital federal. Consultou o guia; aquilo virara museu. Por que não visitá-lo? Mais coisa para contar à família e aos amigos em sua volta.

Logo no saguão Cláudio impressionou-se com a sobriedade de tons escuros dos móveis, verdadeiro retrato duma época extinta. Viu um cicerone que guiava os passos e fornecia esclarecimentos a um pequeno grupo de visitantes.

Agregou-se a ele, ouvindo atenciosamente. O grupo subiu escadas de mármore e circulou por muitos salões, silenciosos e graves, nos quais o tempo parecia ter parado. Chegaram à sala de reunião dos ministros, ponto de partida de grandes decisões; penetraram no escritório particular dos presidentes, onde só os mais chegados tinham acesso. Daquela janela o presidente Vargas trocara tiros com os integralistas. A última porta abriu-se para o quarto de Vargas, onde ele se suicidara em agosto de 1954.

Cláudio ouvia tudo, mas seus olhos não se voltavam apenas para a História. Entre os visitantes, quase todos na faixa etária de seu

pai, havia uma garota duns quinze ou dezesseis anos, muito bonita, que também deixara de fixar alguns detalhes do Catete para olhá-lo. Antes do final da visita Cláudio já concluía que ela estava sozinha como ele, observação que intensificou sua curiosidade. Desde a partida do mano, na manhã anterior, só falara com garçons, com a camareira e com a mãe, pelo telefone. Mesmo se a garota fosse feia gostaria de puxar conversa. Ela seria carioca?

Supunha que não.

O grupo saía do Catete, desfazendo-se, mas a garota permaneceu à porta, como se não soubesse para que lado ir.

Para Cláudio aquela pareceu uma oportunidade de encomenda. Aproximou-se, fabricando um tom de voz de quem não quer nada além duma informação: — Por favor, onde fica o Museu de Arte Moderna?

Ela olhou para ele e riu.

— Engraçado, era justamente para onde eu queria ir.

— Você não é daqui?

— Sou de Brasília, já vim ao Rio uma vez, mas tinha um ano de idade. Estou passando parte das férias aqui, no apartamento de minha tia, em Ipanema.

— Eu também estou no Rio pela primeira vez. Cheguei ontem e vou embora amanhã. Vim acompanhar meu irmão mais velho, que partiu ontem para o México, jogador de vôlei.

— De que cidade você é?

— Curitiba.

— Não conheço Curitiba, mas se há coisa que pretendo nesta vida é viajar muito. Acho que não há nada melhor.

Diga, está gostando do Rio?

— Se estou! E não apenas das belezas naturais, gosto desta parte velha, que já era assim no começo do século ou ainda antes. Quanta gente que estudamos na escola, nas aulas de História, já passou por aqui. Mas você quer ir ao Museu de Arte Moderna? Vamos juntos?

— Você não sabe onde é!

Cláudio tirou o guia turístico do bolso. Fingiu que o consultava, pois já sabia onde era.

— É perto da praia, pode-se ir a pé.

— Como é seu nome?

— Cláudio.

— O meu é Patrícia, mas todos me chamam de Pat.

— Também chamarei, Pat. Vamos por lá, acho que a gente chega.

Lentamente Pat e Cláudio afastaram-se do Palácio do Catete sem notar que eram observados e depois seguidos.

Atravessaram a rua e dobraram uma esquina sob olhos atentos. Num trecho os dois apressaram os passos; uma sombra que os perseguia também se apressou. Mais adiante, Cláudio ficou indeciso. Estariam no caminho certo? Não é fácil orientar-se pelos pequenos e simplificados mapas turísticos de bolso. Quase sempre uma informação oral é mais clara e segura. Pararam, mas não passava ninguém que lhes pudesse dar informação. Cláudio viu apenas alguns moleques na calçada, grandões, mas que com certeza não conheciam a localização de nenhum museu. E se fossem de táxi?

— Acho melhor — disse Pat. — Assim ganhamos tempo para depois tomarmos um refrigerante.

Postaram-se à beira da calçada, mas notaram que não passava carro algum.

— O trânsito está interrompido — concluiu Cláudio. — Algum conserto de rua.

— Temos mesmo de ir a pé. Dê outra olhada no mapa.

— Lá tem um boteco — disse o rapaz. — Espere um momento, vou pedir informação.

Cláudio atravessou a rua e entrou no bar. Nenhum freguês, apenas um homem que dormitava de pé, atrás do balcão.

— Por favor, como faço para ir ao museu?



— *Por favor, onde fica o Museu de Arte Moderna?*
— *Engraçado, era justamente para onde eu queria ir.*



- Que museu?
- O de Arte Moderna.
- Arte Moderna? Nunca ouvi falar nisso.

Cláudio saiu do boteco, olhou para o outro lado da rua e não viu Pat. Que acontecera? Ela não teria tempo para chegar à esquina. Atravessou intrigado, observando que os moleques também tinham desaparecido. E não viu nenhuma casa comercial onde ela pudesse ter entrado para fazer compras, apenas residências baixas e antigas, de fachada descorada.

Essa uniformidade de construções somente era quebrada por um casarão ali bem perto de onde ele e Pat haviam estado, mas de aparência muito mais decrépita, provavelmente abandonado, já que parte dos tijolos da frente estava à mostra, como uma demolição interrompida. Passou um homem apressado, que Cláudio pensou chamar para lhe perguntar de Pat, porém não o fez porque ele não poderia tê-

la visto. Resolveu gritar:

— Pat! Patrícia! Pat! Onde está você? Pat!

Sem ouvir resposta, apenas a própria voz, solta na rua, concentrou sua atenção no casarão. Se Pat estivesse sendo vítima dum tarado ou demente, somente lá ele poderia estar entocado. Começou a espancar o portão com os punhos.

Apesar de cheio de rachaduras, era muito resistente. Havia campainha, mas sem botão, somente fios enrolados. Passou a dar

pontapés no portão, chamando desesperado por Pat.

Nenhum resultado. Voltou o olhar para a rua, procurando alguém que pudesse ajudá-lo. Do outro lado viu uma mulher que se afastava, e longe um menino tentando empinar um papagaio. Que deveria fazer? Tocar a campainha das casas próximas e dizer que sua companheira desaparecera?

Perguntar se havia maníacos no quarteirão? Se aquela casa estava mesmo abandonada? Enquanto lançava perguntas sem som, o tempo passava. O que poderia estar acontecendo com Pat? Voltou a gritar pelo seu nome e de quando em quando esmurrava o portão.

Já tinha decidido procurar um telefone para chamar a polícia, quando ouviu alguns ruídos confusos, talvez passos e vozes, e o portão, arrastando no chão, se abriu.

OS DOIS NA CASA ABANDONADA

Cláudio viu-se diante de dois, depois três, rapazes de sua idade, um mais moço, formando um quadro inesperado, de cores misturadas e desenhos diversos. Usavam camisetas coloridas, vistosas, uma delas com letras impressas, o que para Cláudio era tudo apenas um borrão, surpreso que estava. Não gostou da cara deles; não pareciam agressivos, mas não gostou da cara deles.

— Por que está batendo no portão? — perguntou um deles.

— Procuo uma garota que estava comigo.

— Alguém disse que ela está aqui?

— Ninguém, mas foi aqui que ela desapareceu. Eu me afastei um minuto só, não podia ter chegado até a esquina.

Eles se olharam, ainda não tinham um plano, só receios.

— Você é irmão dela? — perguntou o mais alto.

— O que interessa o que sou dela? Para mim ela está aí dentro, e se não a soltarem, chamo a polícia — ameaçou Cláudio sem muita convicção.

Um, de camiseta amarela, espiou a rua dum lado e outro.

— É a que teve um desmaio? Se for essa...

O mais alto, cuja camiseta tinha uma legenda BEM-VINDOS fez uma cara mais amigável e escancarou a porta.

— Por que não disse logo? Você procura a moça que teve um treco. Minha tia ia saindo, viu ela, cai-não-cai, e a levou pra dentro. Quer conferir?

— Mora gente aí? — admirou-se Cláudio.

— A casa está caindo aos pedaços, mas mora. Entre.

Cláudio hesitou, não convencido da história do desmaio.

Se Pat estivera tão bem o tempo todo, por que perderia os sentidos? A não ser que sofresse de alguma doença, como epilepsia. Afinal, conhecera-a naquela mesma hora. Podia ser. O do BEM-VINDOS AO... fez um ar impaciente.

— Minha tia não vai deixar ela sair, antes de ficar boa.

Ela foi enfermeira.

Sem pensar mais em nada, apenas querendo rever Pat, Cláudio entrou.

Os quatro seguiram por um corredor de cimento.

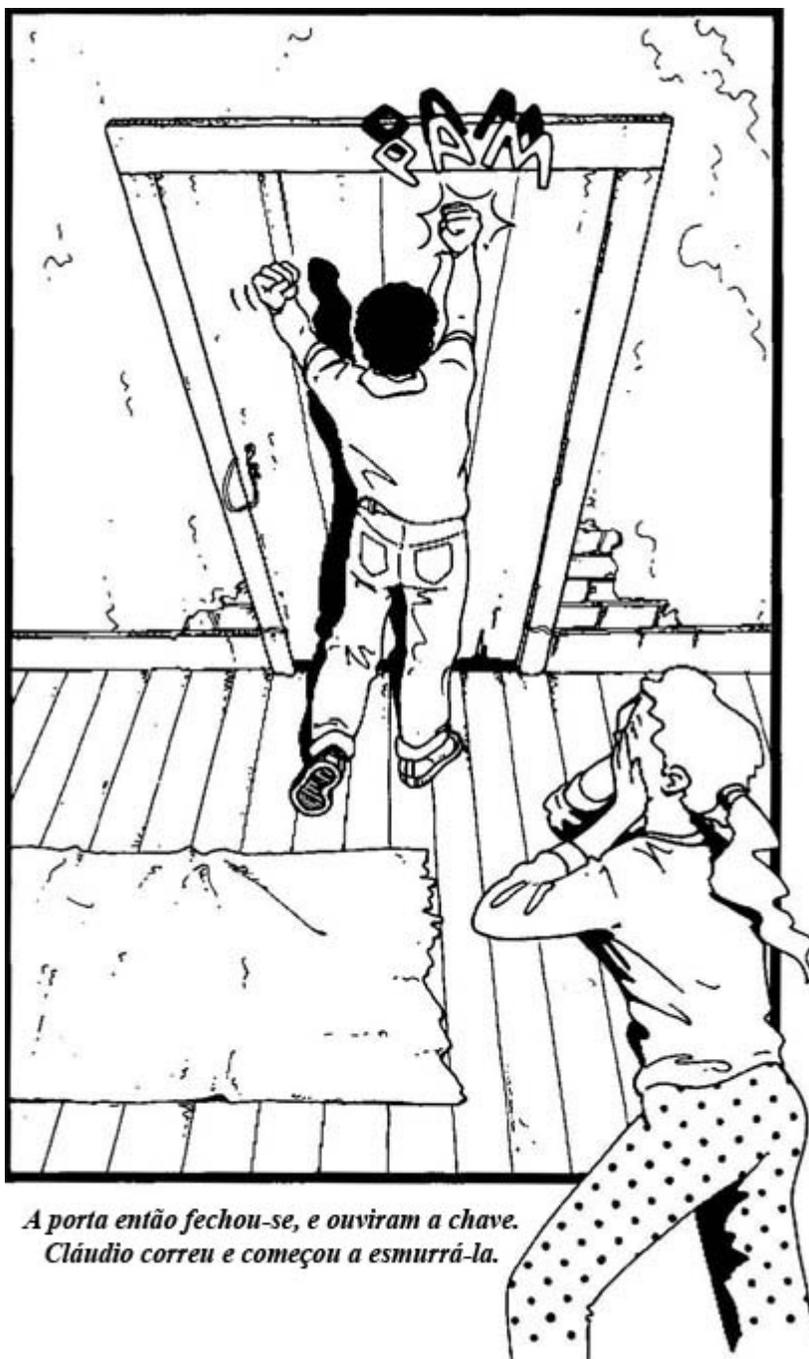
Cláudio, que ia atrás, estranhou a claridade que havia lá dentro. Olhou para o alto: era a luz do sol, pois parte da cobertura já não existia. Como era possível morar numa casa assim? No fim do corredor entraram no que devia ser uma sala de refeições, porém sem móveis de nenhuma espécie, revelando o estado das paredes, cobertas por manchas de umidade. Havia ali duas janelas, mas só uma delas possuía parte da vidraça. Chegaram à cozinha, imensa e revestida de ladrilhos enegrecidos. De móveis apenas uma mesa comprida e algumas cadeiras, além dum fogão, dos mais antigos, maior do que todos os que Cláudio já vira.

— Onde está Patrícia? — perguntou Cláudio inquieto.

— Você já vai ver ela — disse o da camiseta com legenda. — Está naquele quarto.

Pararam todos diante dum cômodo que devia ser uma despensa ou quarto de empregada. Estava fechado a chave.

Por quê? Um gesto ordenou que Cláudio entrasse. Entrou, precipitadamente.



*A porta então fechou-se, e ouviram a chave.
Cláudio correu e começou a esmurrá-la.*

Era um pequeno quarto escuro sem nenhum móvel. No chão apenas um saco de estopa. Pat estava largada sobre ele, chorando. Ao ver Cláudio parou de chorar e ergueu-se.

- Cláudio, que bom que está aqui!
- O que aconteceu? Você sofreu um desmaio?
- Eles me pegaram! Como é que entrou aqui?

A porta então fechou-se e ouviram o barulho da chave.

Cláudio correu e começou a esmurrá-la. Logo, porém, a atitude pareceu-lhe inútil. Voltou-se para Pat.

— Me disseram que você teve um desmaio e que foi socorrida pela tia deles. Não foi assim?

— Mentiram! Trouxeram-me para cá à força assim que você entrou no bar.

— Ninguém viu fazerem isso?

— Acho que não. Foi tão rápido! Quando se aproximaram não desconfiei de nada. Pensei que fossem me pedir alguma informação.

— São aqueles que estavam na rua ou são outros?

— Dois já estavam quando chegamos. Um, o mais alto, que tem a camiseta escrita, parece que chegou depois. Tive a impressão de ter visto ele logo que saímos do palácio.

— Disseram o que iam fazer com você?

— Não disseram nada, nada mesmo. Estou morrendo de medo, Cláudio.

— Eu também, e não tenho a menor idéia do que vão fazer com a gente.

— Mas que casa é essa? Uma pensão ou o quê?

Cláudio já não tinha dúvida.

— É um casarão abandonado, certamente vai ser demolido. Os marginais sempre ocupam esses lugares. Veja!

Tem fio, mas não tem lâmpada. Não deve ter água nem luz.

Pat voltou a chorar.

— O que vão fazer com a gente? — balbuciou.

— Não sei.

— Vão nos matar?

— Por que fariam isso? Não lucrariam nada. Vamos esperar.

À ESPERA DO CHEFE

Havia um quarto grande que servia de depósito. Lá armazenavam tudo que roubavam. No chão, pilhas de camisetas, produto dum assalto a alguma loja, rádios de pilha, acessórios de automóveis e sacos plásticos cheios de correntinhas de ouro, além de jóias de valor duvidoso.

Encostado à parede, um violão de caixa preta.

Nenhum dos três pivetes estava preocupado em avaliar o estoque. Tinham problemas. O mais alto, um tipo narigudo, forte, era o que usava a camiseta branca com a frase impressa em letras azuis: BEM-VINDOS AO RIO. Outro, um pouco menor, moreno, de gestos espontâneos, usava camiseta dum amarelo bem vivo. O terceiro era ainda menino, no máximo quatorze anos; vestia camiseta de diversas cores, nova como a dos outros.

— Não sei se o chefe vai gostar — disse o de camiseta amarela.

— Aqui não há chefe — rebateu o mais alto.

— Como não? O Baixo é o chefe — disse o menor. — É quem tem mandado. A casa aqui foi idéia dele. A gente andava solto por aí, levando chutes.

— Você é puxa, tá sempre do lado dele, dizendo sim.

— Não sou capacho, Nariz — defendeu-se o garoto. — Mas ele tem cuca, não se pode negar. O Baixo sabe abrir quando estamos no aperto. Já nos livrou de muita sinuca.

O de camiseta amarela, mais ligado ao Nariz, também fazia restrições ao chefe.

— Acho que o Baixo foi quente no começo. Agora, com a tal de Tereca, já deu umas pisadas na bola. Acho que o Nariz podia comandar. Não digo isso porque ele é o mais forte, digo porque ele também sabe das coisas, conhece a praça e nunca fez ursada.

— Tá comigo, Baden? — perguntou Nariz.

— Estou com você pro que der e vier, mas não sei não o que o Baixo vai dizer. Ele que é o bom de planos e nunca aprova quando a gente faz as coisas da própria cabeça. Já estou ouvindo ele dizer que não foi consultado, que não pensamos em tudo, que entramos numa furada e o escambau.

— Ele que diga o que quiser, está feito.

— Que está feito está — concordou Baden. — Mas ele vai querer explicações.

— O que está feito não precisa ser explicado, já explicou-se.

O menor pôs mais uma lenha na fogueira.

— A gente não fez tudo, agora vem o depois. Estamos no comecinho. Se não tivermos boa cabeça, entramos em fria. É

aí que entra o Baixo. Ele sabe onde pôr os pés, pensa duas vezes, joga sempre certo.

— Ele era assim, Tito, antes da Tereca, mas dela pra cá anda meio mole e só perde tempo com servicinhos pequenos.

Já estava na hora do grupo partir pra coisa importante. O negócio de correntinhas dá mais susto que dinheiro.

— E se ele não aprovar? — insistiu Tito.

— Então, que fique por fora — respondeu Nariz, irritado.

— Mas nunca mais poderá dar uma de chefe. E desta jogada não receberá um tostão.

Baden pegou o violão e começou a tocar; tirar uma melodia acalmava-o. Tocava com os olhos meio fechados, sentindo, preocupado com a suavidade. Quando errava uma posição mordida os lábios e recomeçava. Se acertava, como queria, deixava escapar um sorriso.

— Esse violão é o fim — disse Nariz. — O cabo está até torto. Você precisa desapertar um novo.

Baden sacudiu a cabeça com algo original a dizer.

— Quer saber duma coisa? Posso roubar tudo, até santo de igreja, mas violão não roubo. Tem mais graça comprar.

Som não pode ser encucado, de coisa enrustida. Precisa ser livre, sem grilo.

Voltou a tocar, o nervosismo ainda não passara. Tito, o menor, também estava assim, mas não tinha com que descarregar os nervos. Nariz disfarçava, fingindo gostar da música. Não esquecia, porém, que dera uma cartada perigosa, ainda no início, e que ela seria decisiva inclusive para o futuro do grupo. Se tudo acabasse bem, o grupo cresceria, desta vez sob seu comando. Certo ou errado, fizera um lance do qual provavelmente o Baixo não seria capaz.

Ouviram da porta da rua um ruído espichado, seguido de três toques telegráficos. Era o sinal, havia gente chegando.

Tito, antes de abrir a porta, recebeu uma ordem de Nariz.

— Não diga nada, deixe que eu conto.

Tito abriu a porta: era o Baixo, acompanhado de Tereca e um louro de pele suja com um gorro verde na cabeça, o Aliás.

- Novidades? — perguntou o Baixo.
- Se tem, o Nariz é quem sabe — disse Tito.

OS SEQUESTRADORES SE REÚNEM

Nariz esperava o Baixo no salão, como chamavam a sala que fora de refeições. Baden continuava no depósito, tocando.

- Como foi o trabalho? — perguntou Nariz.

Parecia mais alto naquele momento, contrastando com o Baixo, atarracado, menor inclusive que Tereca. Esta estava de *jeans* e blusa branca, morena ainda mais amorenada pelo sol, com quem frequentemente fazia par nas praias.

- O Aliás abafou uma correntinha de três voltas.

- Ouro mesmo ou tapeação?

— Ouro, conheço o material da gente. Não caímos mais em bijuteria.

— Com duas, três ou quatro voltas quem ganha é o Velho. Ele só fica atrás do balcão e fatura. É o vivaço, o bacana, e nós os atletas que só sabemos puxar e correr.

- Tive uma conversa séria com o Velho — disse o Baixo.

— Prometeu ser mais legal. O lucro agora vai ser no racha. E vocês, o que fizeram? Ficaram ouvindo o Baden tocar violão e o que mais?

Nariz olhou para o Tito e riu.

— Saímos do negócio de correntinhas, Baixo. Estamos noutra. Vamos explorar uma mina de ouro. Quem sabe dê até pra gente se arrumar de vez.

O Baixo olhou para o Tito, que desviou o olhar. Baden parou de tocar e apareceu. O chefe achou que havia algo de estranho no ar mas não entendeu.

- Qual é o plano? — perguntou.

- É mais que plano — disse Nariz. — Conte pra eles, Baden.

- Por que não conta você mesmo?

Nariz talvez ainda receasse a desaprovação do Baixo, mas procurava esconder isso.

- Temos dois pombos aí na despensa. Um casalzinho.

Parece gente endinheirada, bem vestidinha.

— Que pombos, que gente? — quis saber o Baixo, intrigado.

— Comece do começo — disse Baden a Nariz.

Nariz acendeu um cigarro torto que estava solto em seu bolso.

— Eu passava perto do Catete quando vi um rapaz e uma mocinha que saíam do museu. Lá vai um parzinho cheio da grana, disse pra mim mesmo. Eu vinha pra cá e os dois também. Ao chegarem aqui eles pararam. Baden e o Tito estavam na rua. Aí o moço atravessou e foi ao boteco.

Pareciam meio perdidos. Então nós entramos e eu propus: vamos pegar a garota. E foi o que fizemos, assim num plá.

— E o rapaz? — perguntou o Baixo, ansioso.

— O rapaz voltou, não encontrou a moça e se pôs a gritar o nome dela. Aí passou a esmurrar a nossa porta. O

que devíamos fazer? Então a gente conversou, abriu, e dissemos pra ele que a moça tinha desmaiado e que uma tia da gente tinha trazido ela pra dentro. Ele ficou cabreiro, desconfiadão, mas entrou, e agora estão os dois presos na despensa.

— Por que fizeram isso? — perguntou Tereca.

— Ora, por quê! Nunca ouviram falar de sequestro?

Estamos nessa, colegas, e podemos ganhar uma nota. É só fazer as coisas direito, trabalhar com categoria.

A cara do Baixo era de quem não gostara; não se sabia ainda se do plano ou se por terem agido sem consulta. O

combinado era outro: quando fizessem um trabalho grande, todos teriam de estar de acordo. Só pequenos desapertos podiam ser feitos por conta própria, coisas de pegar e correr.

Mas logo um sequestro duplo, sem papo antes!?

— Alguém viu pegarem os dois?

— Ninguém — garantiu Baden. — E como a rua está interditada, não passavam carros.

— Vocês já conversaram com eles? — perguntou o Baixo. — Já sabem quem são, se os pais têm grana e onde moram?

— Ainda não conversamos — disse Nariz. — Isso aconteceu agorinha. A moça estava muito nervosa e resolvi dar um tempo.

Baixo considerou:

— Quando se faz um sequestro já se sabe tudo sobre o cara. Sempre se pega filhos de bacana. Não é assim, quem vai passando na rua. Ninguém sequestra durangos.

— Fui pelo olho — disse Nariz, já recebendo mal as ponderações do Baixo. — Pelo jeito que estão vestidos, a família deles tem dinheiro.

Baixo riu, irônico, olhando e chamando a atenção para seu *blazer*, elegante e cheio de bolsos, a melhor peça que haviam surrupiado numa loja; Nariz só não brigara por ela devido ao número, pequeno demais para seu corpo.

— Eu também uso um bom pano e sou um pronto — disse o Baixo. — Boa roupa às vezes é disfarce.

— Mas não é só a roupa, eles têm jeito de rico.

— A moça é bonita? — quis saber Tereca.

— Bonita é pouco, ela é fantástica.

O Baixo não se mostrou interessado nessa informação e fez outra pergunta, mais própria para quem decide.

— O que um é do outro?

— Apenas sei que não são irmãos — respondeu Nariz. — Melhor, assim serão duas famílias a pagar pra ver eles de novo.

O Baixo pensou, ainda não estava entusiasmado, muito pelo contrário. Mas era preciso agir, e depressa, antes que o Nariz se precipitasse pondo o grupo todo em perigo.

— Vamos falar com eles — decidiu.

— Quero ir também — pediu Tereca. — Estou duvidando dessa beleza toda.

— Vou eu, Nariz e Tereca — disse o Baixo já se movimentando. — Vocês fiquem aí.

— Quero estar nessa — retorquiu Baden. — Eu participei do trabalho. — não era um protesto, mas quase chegava lá.

— Muita gente assustaria os dois — explicou o Baixo, num tom de quem não admitia réplicas. — Não é hora de tumultuar. Este caso exige calma e muito tino.

Sem acrescentar mais palavras, o Baixo dirigiu-se à despensa, seguido por Nariz e Tereca. Os outros três ficaram no salão, Baden de cara muito feia, esboçada somente após o afastamento do chefe.

— Não gostei de ser posto a escanteio — murmurou.
— Deixe o Baixo decidir — falou Aliás. — Ele tem cabeça.
— Mas ele não esteve no lance. Quem chega depois não deve piar.
Aliás enterrou ainda mais o gorro na cabeça; fora chamado para o grupo pelo Baixo e era-lhe grato. Se não fosse ele, estaria atrás dos muros ou zanzando sem teto.
Quando entrou naquela casa fazia três dias que não comia.
Estava com ele e o que dissesse estava dito.

O INTERROGATÓRIO

Pat e Cláudio estavam sentados no saco de estopa. Ela já chorara tudo, mas não estava melhor. Passara o susto, porém, ficara o medo, seco e quase sem palavras. Cláudio falava mais, convencendo-se e querendo convencê-la de que logo seriam soltos. Esperança somente, não baseada em argumentos. Parara de falar quando ouviu passos. Pat apertou-lhe a mão com seus dedos quase gelados. Depois a chave, que fez tanto ruído como se fosse arrebentar a fechadura. Por fim, empurrada, a porta abriu-se.

Pat e Cláudio olharam atentos para os três.

Reconheceram Nariz, o do BEM-VINDOS AO RIO, e estranharam a presença duma moça. Quem seria o outro, o mais baixo, com ar sério, que os olhava curiosamente? E foi ele o primeiro a falar. Sua voz era firme, mas não grosseira.

— O que vocês são um do outro?

— Nada — respondeu Cláudio.

— Namorados? — perguntou Tereca.

— Nós nos conhecemos hoje — disse Cláudio. — Aí no museu do Catete.

— Em que bairro moram? — perguntou o Baixo, continuando o interrogatório. — Por favor, não mintam. Os endereços.

— Não moramos no Rio — respondeu Cláudio. — Eu sou de Curitiba, ela de Brasília.

— Estão aqui a passeio?

— Eu cheguei ontem e ela há uma semana.

— Estão morando com parentes?

— Eu estou num hotel e ela no apartamento duma tia.

As respostas deixaram o Baixo um tanto inquieto, mas não deu tempo para que Nariz fizesse perguntas.

— Com quem está no hotel?

— Sozinho.

Pela primeira vez dirigiu-se a Pat: — Onde é esse apartamento?

— Em Ipanema, sei a rua, mas não sei o número. Minha tia foi me buscar no aeroporto.

— Qual é o número do telefone?

— O apartamento não tem telefone. Minha tia mudou-se há pouco para lá, ainda não conseguiu um.

O Baixo enfiou as duas mãos nos bolsos da calça; quem o conhecia sabia que sempre fazia assim quando algum problema o surpreendia ou quando ficava aborrecido com alguém. Tereca olhou para o Nariz, era o alguém daquela situação.

— Há um banheiro aí em frente — disse o Baixo aos dois. — Vá um por vez. Mas sem tentar fazer besteira, que complica. Tereca, fique com eles. Nariz, vamos conversar no salão.

Baixo e Nariz voltaram ao salão, onde estavam Baden, Aliás e Tito, todos com ar de quem adivinhava as coisas mal paradas. O chefe continuava com as mãos nos bolsos, olhando para nenhum lugar.

— Nisso que dá fazer um trabalho sem pensar — disse o Baixo. — Como vamos pedir resgate se a família deles não mora aqui? O rapaz sozinho num hotel, a moça morando com a tia num apartamento que nem o número sabe e que não tem telefone.

— Não são daqui? — perguntou Baden.

— Ele é de Curitiba, ela de Brasília.

Aliás riu fino, como quem zombasse de Nariz.

— Pare de rir! — berrou Nariz. — Vamos pensar e resolver.

Tito disse o que supôs que o Baixo diria: — Então o jeito é soltar os pássaros.

— Para eles dedarem a gente? — retrucou Nariz. — Nunca. Agora que começamos temos de ir até o fim. Que importa que não moram aqui? A gente telefona assim mesmo.

Vamos conversar com eles outra vez.

Tereca voltou ao salão.

— Ela não é tão bonita assim. Pode ser bonitinha, mais não.

— Quem tem papel e lápis? — perguntou Nariz.

— Eu tenho — disse Baden, indo para o depósito.

— Precisamos saber os nomes dos pais, os endereços e o resto — resolveu Nariz querendo retomar o comando, enquanto Baden lhe entregava uma esferográfica e um bloco para anotações. — Alguém quer ir comigo? — perguntou no tom de quem dispensava ajuda ou companhia.

O Baixo voltou com o Nariz para a despensa enquanto Tereca dizia novamente aos três que Pat não era nenhuma beleza fora do comum. Mas não ficou no saguão, foi atrás dos dois.

Desta vez, Cláudio e Pat estavam de pé quando os três entraram. A porta ficara apenas encostada.

— A gente vai conversar mais — disse Nariz. — Os pais de vocês são ricos? Responda primeiro você — ordenou a Cláudio.

— Não — respondeu Cláudio. — Moramos num apartamento alugado. O que meu pai tem de algum valor é um automóvel.

— O que ele faz na vida?

— Trabalha num jornal, chefe de uma seção.

O Baixo fez uma pergunta para testar se o rapaz dizia a verdade ou não.

— Em que hotel está hospedado?

— Royal, Copacabana.

O Baixo enrugou a testa farejando uma mentira.

— Um hotel de luxo. Lá pobre não assina ficha.

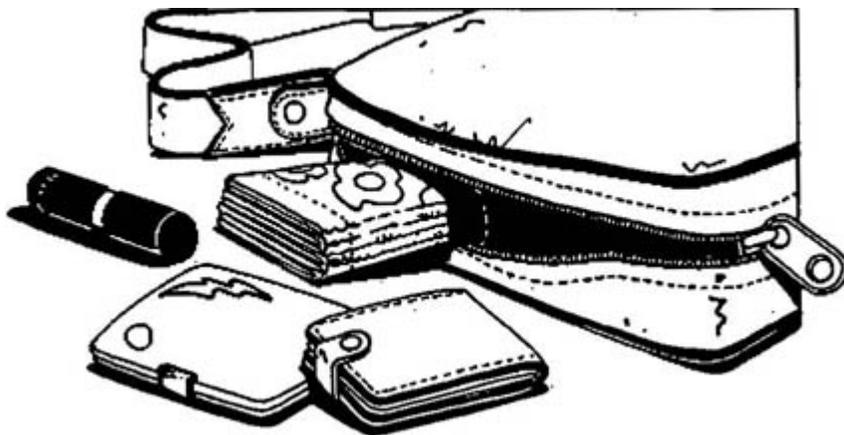
— Foi um presente de meu irmão, mas só por três dias.

Nariz voltou-se para Pat, sempre observada por Tereca, que já não disfarçava sua antipatia.

— E você, garota, fale dos seus pais.

— Meu pai também não é rico — respondeu depressa. — É arquiteto numa empresa. Moramos num pequeno apartamento.

— Examine a bolsa dela — disse Tereca.



Nariz pegou a bolsa de Pat e abriu-a. Batom, *blush*, lenços de papel e uma pequena carteira.

— Só tem trinta mil — disse.

Antes que lhe pedissem, Cláudio tirou sua carteira do bolso. Nariz contou o dinheiro.

— Que porcaria! — exclamou Tereca. — Quarenta mil!

Pouco ou muito, Nariz enfiou no bolso o dinheiro dos dois.

— Vamos agora aos endereços, nomes dos pais e telefones — ordenou.

— Meus pais não estão em Brasília — disse Pat. — Como eu vinha para o Rio aproveitaram para passar a semana em Planaltina, na casa dum amigo, mas não sei o endereço.

O Baixo fazia uma cara feia, especial, sempre que surgia um furo no plano de Nariz. Mais dificuldades.

— Não vá dizer que seus pais também não estão em Curitiba — disse Nariz um tom feroz, dirigindo-se a Cláudio.

— Eles estão — respondeu o rapaz. — Mas se pensam em resgate acho que...

— Não interessa o que você acha. Agora, os nomes e endereços. Tereca, tome nota.

Enquanto Tereca anotava, o Baixo perguntou: — Estão com fome?

— Estou com sede — disse Cláudio. — Ela também deve estar.

— Traremos sanduíches e refrigerantes. Alguém fuma?

— Não — respondeu Cláudio. — Mas me deixem dizer uma coisa. Nossos pais não estão em condições de pagar resgate.

— Os pais sempre dão um jeito de pagar — replicou Nariz. — E não vamos pedir bilhões. A vida de vocês deve valer cem milhões* cada uma, não acham? Ou não vale? Se não vale, eles odeiam vocês.

* Na época em que este livro foi escrito, 1986, a moeda corrente era o cruzeiro (Cr\$).

Agora (2013), 100 milhões valeriam aproximadamente R\$ 36.360,00 (Nota de SCS – Informação encontrada em conversor online).

— Meu pai já operou o coração, tem uma válvula, ele não pode levar susto — disse Pat, suplicante.

— Quem está vivo está sempre levando susto — sentenciou Nariz. — Pior susto levará se não arranjar os cem milhões. Espero que não seja bobo nem miserável. Agora vamos.

Os três saíram; a chave ficou com Tereca, incumbida de abrir a porta quando fosse necessário.

Assim que chegaram ao salão, o Baixo disse a Tito: — Vá comprar quatro refrigerantes e quatro sanduíches.

Nariz, o dinheiro.

Nariz, com má vontade, deu a Tito parte do dinheiro que tirara dos prisioneiros. Sentia-se mais seguro agora após a segunda entrevista. Não sabia com certeza o que faria, mas não abandonaria o comando.

— Você fez uma grande besteira — disse o Baixo sem levantar muito a voz.

— Por quê? Acha pouco duzentos milhões? Podemos pedir mais.

— A família deles não é rica.

— Podem estar mentindo — replicou Nariz querendo encerrar o assunto.

— Se estivessem mentindo não trariam tão pouco dinheiro.

— A pulseira e os brincos dela são bijuteria — disse Tereca. — Já usei coisa melhor.

Nariz não quis demonstrar que essas ponderações o abalavam.

— Para salvar um filho qualquer pessoa arranja dinheiro. Às vezes todo mundo colabora. Assim como quando há uma criança doente que precisa ser operada no exterior. O

dinheiro aparece.

O Baixo tirou as mãos dos bolsos, cresceu.

— Resgate só funciona quando há uma conversa entre os sequestradores e a família. Se é negócio de todos, a polícia fica sabendo e entra areia. Seu mal, Nariz, é não ler jornais.

Quando a coisa vira notícia, dá torcida, e os sequestradores sempre acabam se azarando.

O Aliás, tendo entendido ou não, ficou com o Baixo.

— Ele tem razão, Nariz.

— Guarde sua opinião, você de gorro! — berrou Nariz.

O desabafo de Nariz não foi suficiente. Ficou sem saber o que dizer, a segurar o bloco. Evitava olhar o Baixo de frente.

Talvez tivesse entrado numa gelada. Não quis, porém, reconhecer isso.

— A gente vai dar um jeito.

— Que jeito? — perguntou o Baixo para sinucá-lo ainda mais.

— Conversando vamos descobrir — era uma confissão de que não sabia agir e muito menos pensar sem que o Baixo estivesse por perto.

Ficaram todos calados, o Baixo espichando o silêncio para castigar Nariz. Tito voltou com os refrigerantes e os sanduíches. A um sinal do namorado, Tereca foi abrir a porta. A curiosidade que sentia por Pat ainda não fora toda consumida.

OS PÁSSAROS REZAM

Pat voltara a chorar quando Tereca e Tito entraram. As garrafas já estavam abertas. Ao ver os sanduíches, os prisioneiros descobriram que estavam com fome.

— Aproveitem — disse Tereca. — Por hoje vai ser só isso.

Pat, enxugando as lágrimas com um lenço de papel, perguntou: — Vocês não vão nos soltar? Já está anoitecendo e minha tia deve estar preocupada.

— Ainda nada ficou decidido — respondeu Tereca.

Cláudio fez uma promessa:

— Diga a eles que, se nos soltarem, não diremos nada a ninguém. Tenho de voltar a Curitiba amanhã e Pat volta para Brasília. Não

iremos dar queixa à polícia, nem há tempo pra isso.

— Se dependesse do Baixo — disse Tito — acho que soltava vocês. Mas quem está mandando nesse caso é o Nariz. Sabem qual é, não? O mais alto.

Pat tinha um argumento, que já com os olhos secos pôde expor: — Se eu não aparecer até a noite, minha tia avisará a polícia. E isso pode piorar tudo para vocês.

Tereca, com um sorriso de lábios cerrados, zombou de Pat.

— Procurados, nós sempre estamos. Pra nós não será novidade. Muitos que vivem aqui passaram quase toda a vida nos institutos. Eu mesma estive numa dessas coisas durante três anos. Foi lá que conheci o Baixo.

— Mas se for presa por sequestro será pior — disse Cláudio.

— Aí está enganado, garoto. Tenho só dezessete, sou menor. Se for presa, seja qual for o motivo, não mudará muito. E, mais cedo ou mais tarde, a gente acaba fugindo.

Sabem quantas vezes Nariz fugiu? Onze. Mas ele sim agora se ferraria. Vai fazer dezoito por estes dias. É o mais velho do grupo — finalizou Tereca; porém, antes de sair, acrescentou: — Lá pelas dez abro a porta outra vez para vocês irem ao banheiro.

Bastou um sanduíche para que passasse a fome de Pat e de Cláudio. Estava quase totalmente escuro; a única luz vinha do alto, a do luar, penetrando por um buraco do teto.

— Menti um pouco pra eles — disse Pat. — Papai tem bastante dinheiro, sim, embora não seja rico.

— Você fez bem em dizer o que disse, quem sabe desistam.

— Um deles me pareceu bem melhor que os outros, o tal Baixo.

— Também achei, tem uma cara mais limpa. Minha esperança está nele.

Pat afligiu-se outra vez.

— Estou pensando em tia Elisa, eu disse que voltava à tardinha e já é noite. Ela deve estar morrendo de preocupação.

— Acho que minha mãe telefonará para o hotel e não me encontrará — disse Cláudio. — Nem sei que atitude ela e o pai vão tomar.

— Vou rezar — anunciou Pat. — Rezar para que nos soltem ainda esta noite. Você costuma rezar?

— Não — respondeu Cláudio. — Mas eu também vou. Só Deus pode nos ajudar agora.

QUEM É QUE MANDA NA TOCA?

Quando Tereca e Tito voltaram ao salão, Nariz e Baixo discutiam à luz de duas velas. Além de Aliás e Baden havia mais outro, pequeno como Tito, que comia um pedaço de melancia, um tanto alheio à discussão.

— Estive pensando — dizia o Baixo. — Se um sequestro já é barra, imaginem dois. Teremos de nos entender com os pais de um e com os pais de outro. Falta-nos infra pra isso. E

como não temos o endereço da garota, a coisa vai estourar na polícia.

— Já pensei nessas coisas — respondia Nariz. — Não é só você que sabe usar a cuca. Mas é tarde pra voltar atrás.

Vamos deixar o caso rolar. Logo a família deles chega e aí a gente entra em contato. E vocês vão ver que será tudo numa boa.

O Baixo continuava não concordando.

— O que começa errado não acaba numa boa. Dê o telefone. Vou ligar para Curitiba.

— O que vai dizer?

— Direi aos pais deles que venham com muita grana, e que se instalem no hotel em que o filho estava. Pedirei também para não avisarem a polícia. Vamos, Tereca.

Apesar da má iluminação, Nariz percebeu que todos olhavam para ele. Estava perdendo o comando outra vez?

Levantou-se.

— Vou junto — disse.

TIA ELISA COMEÇA A SE MEXER

Elisa, tia de Pat, começou a afligir-se a partir das seis da tarde. Às sete foi para a porta do edifício esperar a sobrinha.

Já ensaiava as palavras ásperas que lhe diria quando voltasse. Talvez a mandasse de volta para Brasília no dia seguinte. Mas às oito

já não acreditava que ela tardasse por vontade própria. Pensou nos problemas de trânsito, na possibilidade dela ter se perdido, por não conhecer a cidade, e depois num desastre. Aconteciam no Rio dezenas de atropelamentos por dia. Uma vizinha de andar aconselhou-a a ir à delegacia, não era longe. Se Pat chegasse enquanto isso, telefonaria para a delegacia avisando. No entanto, passava das nove quando Elisa decidiu apelar para a polícia.

— Se tem uma foto dela, leve — disse-lhe a vizinha.

Elisa possuía algumas fotos de Pat; colocou-as na bolsa.

— Estou nervosa — murmurou antes de ir à delegacia.

— Já falei com meu marido — disse a vizinha. — Ele vai com a senhora. Quer tomar um calmante?

— Não, sei que não vai adiantar.



*Nariz e Baixo discutiam à luz de duas velas:
— O que começa errado não acaba numa boa — concluiu Baixo.*

MEIA-NOITE EM CURITIBA

Em Curitiba, os pais de Cláudio foram ao cinema e depois a um restaurante. A mãe telefonara no fim da tarde, mas o filho não estava no hotel.

— Telefono depois do cinema — decidiu.

— Bobagem — replicou o marido. — Amanhã ele já está aqui. Fechará a conta antes do meio-dia para não pagar outra diária.

Telefone amanhã cedo para saber a que horas ele chega.

— E se ele ligar?

— A empregada atende.

— Clarice foi visitar a família, só volta amanhã.

— Se ele ligar vai entender que nós saímos.

Ao voltarem do restaurante, já no corredor do andar, a mãe de Cláudio teve a impressão de ter ouvido o telefone.

Abriram a porta do apartamento às pressas; o telefone estava mudo.

— Acho que a chamada foi no outro apartamento.

Cláudio não telefonaria tão tarde — considerou o marido.

— Meia-noite! — exclamou ela, olhando o relógio. — A esta hora ele deve estar no segundo sono. Será que está fazendo muito calor no Rio?

O CASO CHEGA À POLÍCIA

O marido da vizinha de dona Elisa telefonava de quinze em quinze minutos para o apartamento, e sua mulher sempre informava que Pat ainda não havia chegado. Disse, inclusive, que deixara a porta de seu apartamento aberta para vê-la passar, caso chegasse.

A delegacia estava muito movimentada e por isso não foi fácil entrarem na sala do delegado. Era um homem de meia-idade, quase totalmente calvo. Parecia cansado do trabalho da noite. Antes de atender a dona Elisa e seu acompanhante tomou meio copo dum líquido.

— Este é um emprego que dá úlcera — disse. — Mas vamos lá, qual é o caso?

— Minha sobrinha, que chegou esta semana de Brasília, saiu cedo de casa para voltar às seis e ainda não voltou.

— Provavelmente se perdeu. Conhecia a cidade?

— Não conhecia, mas é uma garota de quinze anos, muito esperta, e levava dinheiro para táxi.

— Ela tem vícios?

— Não, claro que não.

— Vamos preencher uma ficha. A primeira coisa a fazer é descobrirmos se sofreu um acidente. Sabe onde ela foi?

— Lembro-me ter dito que ia ao Palácio do Catete.

— Podemos começar pelos pronto-socorros e hospitais da região. Mas isso demora um pouco.

— A gente pode ficar na sala de espera?

— Claro, mas se cansarem deixem o telefone para onde podemos ligar quando a encontrarmos.

Preenchida a ficha, Elisa e o marido da vizinha foram para a sala de espera, que ele abandonava de quando em quando para telefonar ao seu apartamento. Umas duas horas depois o delegado mandou chamá-los.

— Ainda não conseguimos localizar a mocinha. Vamos continuar procurando nos hospitais. Se ela aparecer, por favor, avisem-nos imediatamente.

— E se ela não aparecer em casa e nem for encontrada nos hospitais? — perguntou Elisa.

— Já tentou telefonar para Brasília, onde moram os pais?

— Ela estava muito feliz aqui, não tinha nenhum motivo para voltar.

— Bem, voltem amanhã cedo. Vou deixar o caso bem explicado ao delegado do período da manhã. Se não tivermos notícias dela, então talvez se trate de caso de sequestro. Mas não se desespere, minha senhora. Quem sabe apareça ainda esta noite.

ANTES DO DIA SEGUINTE

O Baixo telefonara para Curitiba da própria Telerj. Não foi só um chamado, foram vários, intervalados.

— Vamos voltar para a Toca — disse.

— Onde será que se meteram os pais dele? — aborreceu-se Nariz.

— Voltaremos a telefonar amanhã. Parece que há orelhões que fazem ligações até para o exterior. É melhor não dar as caras duas vezes no mesmo lugar. Outra coisa, acho que o grupo devia se manter bem comportadinho enquanto isso não terminar. Você sabe, a pivetada se abre em copas e conta tudo quando a polícia pega.

— Verdade — concordou Tereca. — Para escapar de uma, eles sempre contam todas. Principalmente os bebezões e os retrôs.

— Mas estamos com a caixa baixa — lembrou Nariz. — Só mercadoria e mais nada.

— Então precisamos vender, o Velho me prometeu pagar bem o ouro desta vez.

— Esses tipos do *métier* sempre dizem o mesmo. Uns vivaços. Quem depende deles se ferra. Por isso que eu quis pisar mais longe. Se tudo der certo com os dois, e a gente receber os duzentos, esses exploradores nunca mais me verão.

— Prestem atenção! — disse o Baixo. — Não devemos mais entrar na Toca com aquela folga toda. Depois desse lance, tudo precisa ser no cuidado. Entra um por vez e com naturalidade. Nada de deixar os vizinhos cabreiros. Sempre é bom dar uma olhada aqui da esquina. Agora vá você, Tereca, e deixe a porta aberta. Junto à parede, como quem não quer tomar chuva.

Depois que Tereca partiu, Nariz disse ao Baixo: — Vamos fumar?

— Não — respondeu o Baixo. — Essa que você arrumou não é moleza. A gente precisa de cabeça fria, estudar os tintins. Fumaça não tira ninguém do aperto, e eu não quero voltar pros muros. Vai ficar?

— Eu fico — decidiu Nariz para mostrar que não se impressionava com as falas do Baixo, e acendeu o cigarro.

Mas não havia ilusão que lhe tirasse a angústia da espera do dia seguinte.

O RETRATO DE PAT, UMA ESPERANÇA No dia seguinte, Elisa bem cedo foi à delegacia, agora com a vizinha, que se chamava Nair, e não com o marido, que fora ao trabalho. O delegado que as atendeu era mais moço que o outro e mais elétrico. Já sabia do que se tratava e tinha informações.

— A menina não está internada em nenhum hospital ou pronto-socorro. Também não está em necrotério. Três mocinhas foram atropeladas ontem, mas já foram identificadas. Receberam algum telefonema de Brasília?

— Minha irmã, a mãe de Patrícia, e meu cunhado foram para Planaltina, perto de Brasília. Não tenho o telefone da casa onde estão hospedados. Nem pensei em ligar, para não assustá-los.

— Mande tirar cópias do retrato que a senhora deixou aqui ontem. Dezenas de investigadores já estão com ele no bolso. A procura vai começar pelo Catete, onde ela esteve ontem. Mas a grande ajuda pode vir da imprensa. A foto foi distribuída também a diversos jornalistas que estiveram aqui.

Há um programa de televisão que dá uma grande colher de chá nesses casos. Quer que a coloquemos em contato com o produtor?

— Faço o que o senhor sugerir.

Um homem jovem, de olhares espertos, aproximou-se.

— A senhora é a tia da moça?

— Esse é o investigador Walmor, está encarregado do caso. Ele poderá levá-la à televisão — disse o delegado.

— Passarei no seu apartamento às duas — disse Walmor. — Agora estou indo para o Catete.

— Esperarei pelo senhor.

NINGUÉM ATENDE NO 322

Às dez da manhã, Celina, mãe de Cláudio, telefonou para o hotel Royal, onde seu filho se hospedara. Ninguém atendia em seu

apartamento. Tornou a ligar, para a portaria, para saber se Cláudio Menezes já deixara o hotel.

Responderam-lhe que não, ainda não fechara a conta. Sua chave, 322, estava lá, devia ter saído cedo. Dona Celina pediu, então, que pusessem um recado no seu casulo: "Cláudio, telefone para sua mãe". Seu marido, Walter, tomava café na cozinha.

— Cláudio não está no hotel.

— Ele quer aproveitar suas últimas horas de Rio.

— Acha que é isso?

— Não pode ser outra coisa.

Celina não precisou ouvir mais nada para acalmar-se.

O RÁDIO COLABORA

No salão da Toca, quase todos sentados no chão, o grupo se reunira para deliberações. Estavam lá o Baixo, Nariz, Tereca, Baden, Tito, Aliás, o rapaz que no dia anterior aparecera mais tarde, o Pequinês, e outro, gordo, que acabara de chegar e ainda não sabia de nada, pois preferia dormir no barraco dos pais.

O Baixo tomou a palavra com a cara muito séria.

— Ontem a gente telefonou para Curitiba, mas os pais do rapaz não estavam. Por isso ainda temos tempo para pensar. O que acham? Devemos continuar com a coisa ou soltar os dois? Vamos pensar com calma.

— Pensar no quê? — protestou Nariz. — Não estava decidido ontem?

— Estava, mas hoje é outro dia.

— Vamos tornar a telefonar e pedir o resgate — disse Nariz, querendo ação depressa. — Agora, quem está com medo que espirre.

O gordo saltou de pé; sua pergunta tinha mola: — Do que estão falando?

— De sequestro, Sebão — respondeu Baden.

— Vocês estão pensando em sequestrar alguém? Isso?

— Pensando não — explicou Baden, que era muito positivo quando estava sem o violão. — Temos dois pássaros lá na despensa.

— Logo dois?

— Um rapaz e uma uva de garota.

Sebão lançou um olhar em círculo, para todos.

— Não é essa moça que o rádio está falando?

A surpresa apanhou todos ao mesmo tempo, mas foi o Baixo quem falou.

— O que você ouviu no rádio?

— Que desapareceu uma menina de quinze anos.

— Disseram o nome dela?

— Se disseram não lembro. Só lembro que ela é de Brasília.

Baden gritou:

— É a nossa! O que o rádio disse mais?

— O que disse? Que a polícia está procurando. Só.

Nariz foi ao depósito e voltou com dois rádios. Entregou um a Baden.

— Cada um numa estação.

— Eu sei qual tem um radiojornal agora.

SURGE UMA PISTA VAGA: O MUSEU

O investigador Walmor estava no Catete. Já sabia que havia funcionários do museu que ciceroneavam turistas e visitantes pelas suas dependências. Procurou saber quem fizera esse serviço no dia anterior, período da tarde. Não teve dificuldade em localizá-lo, apenas esperou que terminasse de mostrar o palácio a um pequeno grupo de estudantes.

— Bom dia! — disse. — Sou da polícia. Estou tentando localizar uma mocinha que parece ter estado aqui ontem à tarde para visitar o museu. Entre centenas de visitantes sei que será difícil se lembrar dela. Mas aqui estou para tentar.

— Sou ótimo fisionomista — garantiu o funcionário do museu. — Tem algum retrato dela?

O investigador retirou do bolso um retrato de bom tamanho e bastante nítido para identificações.

— Veja devagar, Não diga depressa se viu ou não.

O funcionário sorriu.

— Eu não disse que era ótimo fisionomista? Esta garota esteve aqui, sim. Muito bonita. Não me esqueceria dela facilmente. E tornei

a vê-la depois de mostrar o Catete ao grupo. Eu fui à porta da entrada para fumar um cigarro. Ela estava lá, conversando com um rapazinho.

— Esse rapaz teria vindo aqui com ela?

— Não, ele se reuniu ao grupo um pouco depois. Jovem também, pouco mais velho que ela. Estou certo de que não se conheciam, a julgar pela maneira como se olhavam.

— Ficaram muito tempo à porta?

— Não, logo atravessaram a rua, conversando. Mas o que aconteceu com ela?

— Apenas sabemos que desapareceu. Podia reconhecer o rapaz com a mesma facilidade?

— Creio que não, mas diante duma foto é possível.

— Vou lhe deixar meu telefone — disse Walmor entregando um cartão ao funcionário. — Se lembrar de mais alguma coisa, ligue. Talvez ainda volte a procurá-lo.

— Estou a seu dispor. Meu nome é Figueira.

O PRIMEIRO SUSTO DEPOIS DO SARAMPO

Celina voltou a ligar para o hotel Royal. Walter estava a seu lado, já não tão tranquilo como da outra vez.

— Queria falar com Cláudio Menezes, no 322.

Chamado dum lado, respiração nervosa de outro. A voz da telefonista: — Ninguém atende.

— Portaria, por favor.

Portaria:

— Hotel Royal às ordens.

— Aqui é de Curitiba. Queria saber se meu filho Cláudio Menezes está no hotel.

— Ah, o rapazinho! Ele não voltou. A chave está aqui.

— Mas não é possível!

— Ele não teria ido visitar alguém?

— Cláudio não conhece ninguém no Rio.

— Um momento, vou fazer uma pergunta à camareira do andar.

Celina apertou a mão do marido.

— Onde estaria esse menino?

— O que disseram?

— Vão falar com a camareira do andar.

— Calma, não pode ser nada de ruim.

Houve um terrível minuto de espera. Depois, novamente a voz do homem da portaria: — Pronto.

— Sim, pode falar.

— A camareira informou que ele não deve ter passado a noite no hotel. Sua cama sequer foi desarrumada. Tem certeza que ele não possui conhecidos na cidade?

— Não possui. O senhor deve ter meu telefone.

Verifique.

— Temos, sim, na ficha de entrada.

— Pelo amor de Deus, mande ele ligar assim que chegar.

Celina desligou; pálida, abraçou seu marido sem palavras.

— Vou ao jornal — disse ele. — Lá há todos os jornais do Rio. Se houve alguma coisa, saberei. Telefone assim que tiver notícia. Mas nada de desespero. Isso é apenas um susto.

O primeiro que ele nos dá, desde que apanhou sarampo.

UM QUE DESERTA

Cláudio e Pat estavam com os ouvidos pregados à porta.

— Ouve alguma coisa? — ela perguntou.

— Falatório, mas quase não percebo as palavras. Esta porta é muito grossa.

— O que será que vão fazer?

— Como podemos adivinhar.

— Se a gente pudesse fugir!

— Já pensei nisso — disse Cláudio. — Mas não acho possível.

— A única saída seria pelo teto, através daquele buraco.

— É alto demais, Pat. E não há nenhum móvel pelo qual se pudesse subir.

Pat forçou mais o ouvido de encontro à porta.

— Pararam de falar. Cláudio também tentou ouvir.

— Devem ter decidido alguma coisa. Quem sabe nossa libertação. Se tiverem um pouco de juízo farão isso.

— Pobre tia Elisa! Como deve estar sofrendo! Será que ela já se comunicou com a polícia?

— Penso que sim, mas a polícia não tem bola de cristal.

Que pista seguiria?

— Minha tia sabia que eu ia ao museu.

— Isso é pouco demais para ajudar. Se não nos soltarem, não vejo como poderão nos encontrar.

*

O radiojornal, entre muitas notícias políticas e policiais, noticiou o desaparecimento de Pat. Baden aumentou o volume. O noticiário referiu-se à visita que ela fizera ao Catete. Preocupou a todos imaginar a polícia começando a procurar ali por perto.

Nariz sentiu que o momento era seu; se se acovardasse teriam de soltar os pássaros, e ele não seria mais ninguém no grupo. O primeiro a pisar nele seria o Baixo.

— Isso já era esperado — disse. — Mas não impede que a gente consiga o resgate sem que a polícia esteja na parada.

Não é muito dinheiro, farão o que pedimos. Acha que vão arriscar a vida dessas belezinhas por tão pouco? Vamos telefonar. Quem vai comigo?

O Baixo levantou-se. Aquilo começara emaranhado e ficaria pior ainda se deixassem para o Nariz resolver. Ele só sabia assaltar e fugir dos reformatórios. Sua cabeça era uma lástima.

Tereca seguiu com os dois, como na noite anterior.

Baden foi para o depósito tocar violão com Tito e Aliás.

Pequinês foi para a despensa, não para abrir a porta, mas para ouvir. Sebão estava assustado ou muito mais que isso.

As coisas haviam melhorado no barraco depois que seu pai deixara de beber. Já não batia na mãe e não lhe tirava todo o dinheiro, se engraxasse. Ia para a Toca mais para ver os amigos, principalmente o Baixo, que era legal, boa cabeça, e até sabia direito onde iam os ss. Mas quando o convocavam para um serviço, tremia. Sua coragem não chegava às pernas. Devido à sua gordura, era muito lento, já fora apanhado duas vezes. Numa o Baixo o ajudara a fugir; noutra, o pai aparecera e tudo bem. Não ia meter-se em sequestro, não. O que vira por trás dos muros chegava. A sua era uma família de duros, seria mais um, mas em liberdade e sem correrias. Ia pular fora enquanto era tempo. Foi até o depósito.

— Pessoal, vou até ali e já volto.

— Vai onde?



— À padaria. Vocês sabem que sou doente por pães frescos.

Atravessou o corredor, abriu o portão e seguiu bem depressa pela calçada. Iam dizer que ele desertou. Não faria mal. Não voltaria mais àquela casa; virara a página. Só ao entrar num ônibus é que respirou. Aquela notícia de rádio e o fato de os dois sequestrados estarem ali na Toca mudara sua cabeça e sua vida. Capaz até que passasse a gostar de engraxar. Se não, faria força.

UM DOS SEQUESTRADORES AO TELEFONE

O telefone tocou, Celina atendeu.

— É você, Cláudio?

— É a mãe de Cláudio que está falando?

— É.

— Aqui fala do Rio.

— É do hotel?

— Não, minha senhora. Nós sequestramos seu filho.

— O quê?

— Nós sequestramos seu filho.

— Quem está falando?

— Preste atenção, por favor. Sequestramos seu filho e uma mocinha chamada Patrícia. Diga a seu marido para vir ao Rio e hospedar-se no mesmo hotel onde Cláudio estava hospedado. Nós entraremos em contato com ele lá. Como é o nome dele?

— Walter.

— Ele que leve dinheiro. Nada menos de cem milhões.

Outra coisa: esqueça a polícia. Não devolveremos seu filho antes de termos recebido o dinheiro com segurança. Amanhã telefonamos para o Royal.

— Mas ele está bem...?

Desligaram.

UM ROSTO AFLITO NO VÍDEO: TIA ELISA Elisa e o investigador Walmor estavam sentados num divã do palco-estúdio de uma emissora de televisão à espera de que o apresentador do programa e as câmeras se aproximassem. Programa transmitido para todo o País, certamente seria visto pelos pais de Pat; e, mesmo que não assistissem, acabariam tendo conhecimento. Elisa pensava no choque que sofreriam, mas não havia meio de amenizar a notícia.

Primeiramente foi focalizado o retrato de Patrícia enquanto o animador perguntava: "Vocês viram esta garota?".

E comunicava seus dados pessoais, que Elisa havia fornecido à produção do programa.

Depois começou a entrevista com a tia de Pat, logo interrompida pelas lágrimas. Porém ela reagiu e disse tudo que poderia servir para a identificação da sobrinha. E

concluiu com um apelo: qualquer informação, que ligassem à polícia ou à sua vizinha, número de telefone que repetiu pausadamente.

Em seguida o apresentador passou a palavra ao investigador Walmor.

— Patrícia tinha feito uma visita ao museu do antigo Palácio do Catete, Um funcionário lembrou-se dela. Durante essa visita conheceu um rapaz, com quem ficou conversando na porta. Depois, ambos se afastaram, Gostaríamos que esse rapaz se apresentasse imediatamente à polícia. Se não o fizer podemos concluir que ele a sequestrou. Ou a matou.

À saída da emissora o investigador disse a Elisa: — Este programa é quente para encontrar pessoas desaparecidas, mas todas as emissoras de TV já estão recebendo cópias do retrato com os dados de Patrícia. Pode contar, logo teremos informações. Agora vou levá-la para o apartamento de sua vizinha. Talvez os sequestradores telefonem para lá. Se telefonarem, preste muita atenção no que disserem, tome nota e depois ligue para a gente. Nós apareceremos para dar orientação.

O BAIXO RETOMA O COMANDO

Depois de terem telefonado para Curitiba, Baixo, Tereca e Nariz passaram por uma banca de jornais antes de voltarem à Toca. Compraram três jornais, mas não os leram na rua, a não ser a chamada de primeira página de um deles: MOÇA DE BRASÍLIA DESAPARECE NO RIO.

Na Toca, Baden foi logo informando: — O Sebão desapareceu. Disse que voltava já e pinicou.

— A gente conversa já — disse o Baixo. — Vamos ler os jornais.

Espalharam os jornais pelo chão. Os três traziam notícias do desaparecimento da menina, e o mais importante deles, com um grande retrato de Pat. Vendo a coisa impressa, e com aquele destaque, todos demonstraram preocupação, menos Nariz, que leu as notícias sorrindo. O Baixo já praticara alguma ação que merecera tanto barulho? Não.

— Vejam que zueira estão fazendo!

— Aposto que a televisão já está dando — supôs Aliás.

— E logo vem aí outra bomba se os pais do garoto abrirem o bico — acrescentou Baden.

— Mas como é que vai ser? — perguntou Tereca. — A tia da garota não tem telefone. Como é que iremos entrar em contato com ela? Nem por carta vai dar porque essa bobona não sabe o número do edifício.

Tereca abordara um problema difícil. Nariz abriu a boca para responder, mas ficou só nisso. Olhou para o Baixo, pedindo socorro, e este sorriu, como se dissesse: "Se você pensa que é o chefe, porque não responde?" Mas não era só o Nariz, todos olhavam para ele.

— Logo a polícia vai ligar um caso ao outro. Certamente foram vistos juntos no museu. Por isso vamos tratar do sequestro como se fosse um só. Assim que os pais do rapaz chegarem ao hotel,

abriremos o jogo. Pediremos cem por cabeça, e ele entrará em contato com os pais da menina, que devem estar estourando por aí.

— Mas a polícia ficará sabendo dos dois — disse Baden.

— Que fique sabendo não faz mal — respondeu o Baixo.

— O que não queremos é que ela apareça, na moita, no momento do resgate. Isso que devemos evitar.

— Ela sempre aparece — murmurou Baden, nervoso.

— Neste caso talvez não. Lembrem que temos dois pássaros nas mãos. Pelos duzentos entregaremos um só, a moça. O rapaz a gente solta já em segurança. Entenderam a jogada?

Nariz apontou um dedo comprido na direção do Baixo.

— Tem um furo aí.

— Que furo?

— A moça, assim que estiver livre, conta onde é a Toca e os tiras correm pra cá.

Todos deram razão ao Nariz, era um furo, mas o Baixo permaneceu impassível.

— Ninguém nos encontrará aqui. Vamos esperar o resultado do encontro, com o rapaz, noutro lugar.

— Onde?

— Dentro dum carro, estacionado perto dum dos morros.

— Que carro? — quis saber Tito.

— Quando chegar a ocasião, na véspera ou no dia, arranharemos um. Esse não é o problema.

— Acho que está tudo bem pensadinho — disse Tereca.

— Alguém aponta outro furo?

Nariz não quis dar o braço a torcer. Ainda ia estudar, revirar o assunto. Lembrou a informação do Baden.

— O que aconteceu com o Sebão?

— Sumiu — disse o violonista.

— Vocês brigaram?

— Não, ele disse que ia até a padaria e não voltou. Será que não vai abrir o bico por aí?

— Ele não é de abrir o bico — disse o Baixo. — Apenas não quis entrar nessa. Tem o direito.

Nariz estava mais preocupado que o Baixo.

— Pode não ser de xaveco, mas é um que não aguenta prensa. Com uns cascudos, ele dá o serviço todo. Não seria bom mandar alguém lá para dar um toque?

— Sabem onde ele mora?

— Eu sei — respondeu Aliás. — No morrão, com os velhos dele.

— Vá amanhã — disse o Baixo. — Mas não faça ameaças, fale mansinho. O importante é que fique plantado.

Nem peça pra ele voltar. Se o bom pra ele é não participar, que continue na sua.

Agora, sim, havia um plano, o grupo tomava direção.

Mais alívio. Nariz, porém, ficou emburrado num canto.

Apesar de ter tido a idéia e feito o sequestro, o consultado era o Baixo. Só faltava ser prejudicado na hora da divisão.

Cuidaria disso.

— Como estão os pássaros? — perguntou o Baixo.

— Hoje nem comeram — disse Tito.

— Vá comprar sanduíches e refrigerantes — disse o Baixo lhe dando dinheiro. — Depressa, devem estar com uma baita fome. Ah, traga doces e frutas.

UMA CONVERSA AMIGÁVEL COM OS PÁSSAROS

Pat e Cláudio já nem falavam do sequestro; só lhes restava esperar. Mas não se mantinham calados. Até que conversaram muito. Pat falou de Brasília, que era uma coisa de louco, toda moderna, uma cidade doutro planeta; falou do colégio, que gostava de estudar e pretendia formar-se em Comunicações. Comentou também sobre seus pais, chamavam-se Ana e Rogério, dois camaradões, abertos para os conflitos da juventude, gente sem grilos, já pronta para o século XXI. Cláudio revelou um problema: ainda não sabia o que ia ser, não escolhera a profissão. Havia tantos advogados, engenheiros e médicos! Ser mais um? Enquanto não descobrisse sua vocação ganhava tempo lendo, hábito que adquirira de seu pai, um grande leitor. Não existia melhor entretenimento.

A porta abriu-se: entraram o Baixo e a Tereca. Ela trazia sanduíches, frutas, doces e refrigerantes.

— Minha tia já sabe de tudo? — perguntou Pat.

— Seu retrato está nos jornais — disse Tereca.

Cláudio estava tão aflito quanto Pat: — E meus pais, já sabem?

— Falamos com sua mãe — respondeu o Baixo. — Devem estar a caminho. Quando todos chegarem iniciaremos as negociações. Se agirem depressa, sem fazer burrada, vocês serão libertados logo. Depende mais deles do que de nós.

Vamos, comam.

Pat e Cláudio começaram a comer os sanduíches sob os olhares da Tereca e do Baixo.

— Vocês não podem se queixar — disse Tereca. — Já passei muitos dias sem um almoço assim. Uma irmã minha, garotinha, morreu de fome. Eu a vi morrer.

— Não adianta contar essas coisas — reprovou-a o namorado. — Pensa que entendem? Só sabe quem passou por isso, quem já nasceu nisso.

— Eles não devem saber — concordou Tereca. — Podem ter visto na televisão, essas reportagens, mas quem vê logo esquece, há coisas muito melhores para lembrar.

Apesar da situação, a figura do Baixo, firme, segura, inspirava curiosidade em Pat e Cláudio. Havia nele o chefe, o que decidia e mandava. Tinham a impressão de que se ele não fosse assim, com tudo de adulto, os outros os maltratariam e talvez os matassem de fome. Se eram mais que trombadinhas, agindo como bandidos adultos, deviam ao seu líder. Já Tereca não tinha a mesma força. Via-se nela a invejosa, muito cheia daquele ódio que o despeito cria nas pessoas. Com certeza detestava Pat por causa de sua roupa bonita, de sua pele bem tratada e do seu todo de quem não conhecera a miséria. Tereca olhava para Pat como se esta fosse muito rica, o que não era, e Pat, sentindo-se rico por causa desse olhar, receava que a inveja da outra se transformasse numa arma. Cláudio procurava não demonstrar sua curiosidade, portando-se com naturalidade, alheio às diferenças que os separavam; talvez assim fosse mais fácil dialogar e lidar com aquela gente.

— Vocês estão estudando? — perguntou o Baixo.

— Estamos no Segundo Grau — respondeu Cláudio.

— Eu estudei alguns anos — disse o Baixo, mais lembrando que dizendo. — Gostava de Geografia. Aí mataram meu pai e azarou tudo.

— Quem matou seu pai? — perguntou Cláudio.

— Os tiras.

— Por quê?

— Foi num assalto. Mas a culpa foi minha.

— Sua?

— Eu tinha uns cinco anos e fiquei doente. Ele estava desempregado e partiu pra essa. Era o jeito. Por isso digo que a culpa foi minha — e mudando de tom: — Podem ir ao banheiro. Primeiro você, mocinha.

Assim que Pat saiu, Cláudio perguntou: — Você é o chefe, não?

— Nunca disse que sou, eles que acham — respondeu o Baixo revelando, pela primeira vez, certa vaidade.

— Não tem medo que a polícia apanhe vocês?

— Tenho, mas um medo diferente desse que estão sentindo. No meu há um pouco de jogo. Medo de perder a partida. Dá para entender?

Pat voltou do banheiro, era a vez de Cláudio. Tereca aproximou-se de Pat.

— Quero essa bolsa — disse. E apanhou-a no chão, antes que Pat fizesse um movimento para entregar.

— Se pedisse, ela lhe daria de presente — brincou o Baixo.

— Não aceito presentes, prefiro pegar o que quero.

— Garota mal-educada!

Cláudio voltou para o quarto. A porta foi fechada. O rapaz chegou bem perto da companheira e disse: — Acho que dá para fugir pelo banheiro.

QUEM ROUBA OS LADRÕES

A turma estava proibida de fazer mesmo os furtos mais insignificantes enquanto não tivesse recebido o resgate.

Ordem expressa, e muito repetida pelo Baixo, que temia certas brincadeiras do destino. Algum podia ser preso por roubar um cacho de uvas na feira, um pé-de-moleque no bar, e por tão pouco a Toca

estaria localizada e invadida pelos tiras. Não poderiam confiar em bebezinhos como Tito e Pequinês. Mas para alimentar o pessoal faltava dinheiro.

Baixo, Nariz e Tereca, com os bolsos cheios de correntinhas, foram ver o Velho.

O comprador de ouro estava instalado no segundo andar dum prédio arcaico da Lapa, todo ocupado por pequenas firmas, limitadas a uma ou duas salas. Algumas eram arapucas que ofereciam negócios mirabolantes a incautos.

Havia também uma alfaiataria sem freguesia, um calista, um sebo de livros e revistas, uma ervanária de plantas milagrosas e escritórios de advogados preferidos por delinquentes de todos os naipes. O Velho, seu Ernst, também Ernesto, alto e magro, de cabelos brancos e aspecto grave, trabalhava sozinho em seu estabelecimento. Nas ruas, portando cartazes duplos, circulavam alguns homens-



sanduíches, contratados para fazerem propaganda de seu negócio. Era para esse cavalheiro, respeitável vovô — havia um retrato de três netinhos bonitos e saudáveis na parede —, que o Baixo e seu bando trabalhavam; era o receptor de todo o ouro que pudessem apanhar.

Baixo, Nariz e Tereca entraram. O Velho atendia outro rapaz, com cara de assustado, que, depois de receber algum dinheiro num guichê de vidro, desmaterializou-se, tão apressado estava.

— Seu Ernesto — disse o Baixo —, a gente está aqui de novo. O senhor disse que pagaria mais, que seria no racha, por isso

voltamos. Preferimos fazer negócio com quem a gente já conhece.

— O que trouxeram?

O Baixo enfiou a mão nos bolsos e espalhou diversos objetos sobre um balcão; o mais correntinhas e pulseiras, mas também dois relógios.

— Coisa fina, não? Um desses relógios, novo, está na loja por um milhão.

Seu Ernst examinou as peças profissionalmente, sem se espantar com a quantidade nem se encantar com a qualidade. Mesmo se lhe trouxessem a coroa da rainha Elisabeth talvez não esboçasse reação.

— Vocês já trouxeram coisas melhores — disse.

— Veja o peso dessa pulseira.

— Muito peso e pouco ouro.

— Não é maciço?

— Maciço? Isso?

O Baixo era esperto, mas como saber quando se tratava de ouro maciço ou não? O negócio tinha seus macetes, dos quais não entendia. Nariz até que tinha razão em tentar um lance alto. Dependendo daqueles roubos de peças de ouro não dava camisa.

— Quanto quer pagar por tudo?

— Dou duzentos.

— É pouco, tem os relógios.

— Não lido com relógios, compro só para colaborar.

— O senhor disse que pagaria mais.

— Disse, mas o que trouxeram não vale nada.

Nariz ficou irritado:

— Vamos vender pro Cabeça Vermelha.

— O Cabeça Vermelha, esse do Largo? — perguntou o Velho.

— Ele mesmo.

— A casa dele está fechada. A polícia. Aconselho a nem passarem por perto.

— Que aconteceu?

— A polícia tem dado batida. Aqui também já veio. Não me fecharam a porta, mas me apertaram. Nunca dou o serviço. Isso

também vale dinheiro, não? Bem, se não quiserem vender, saiam. É bom não demorar.

— Pague mais um pouco, seu Ernesto.

— Duzentos está bem pago. Dou mais cinquenta.

— Os relógios têm muito ouro — quase suplicou o Baixo. — Veja a marca. Não é uma qualquer.

— Última oferta, trezentos. Vocês nunca pensam no meu risco, não?

Nariz fez com a cabeça um gesto de assentimento ao Baixo.

Negócio fechado. O Velho abriu ligeiro uma gaveta e pagou. Os três saíram topando na escada com um dos homens-sanduíches, idoso e aleijado.

— Fomos roubados — disse Nariz.

— Claro que fomos. Se ele pagasse o dobro seria pouco.

— Às vezes me dá vontade de passar fogo nele. Sabe que dá?

— Ele não é pior que os outros. Apenas sabe que a gente volta sempre. As cartas dele são melhores que as nossas.

— Ainda bem que bolei o sequestro — disse Nariz.

— Pode ser — admitiu o Baixo.

UM BURACO NA GAIOLA

Ainda restavam sanduíches e refrigerantes. Os dois sentaram-se no saco de estopa.

— O que você disse?

— Que do banheiro é possível fugir. Há um grande buraco na parede, na altura do teto. A janela está fechada e tem grades. Mas pondo o pé no peitoril da janela dá para subir num armário. E do armário não é difícil passar pelo buraco.

— Nós não vamos ao banheiro juntos, mas um por vez.

— Pensei no caso da gente poder tirar os pinos das dobradiças da porta.

— Não vai dar, Cláudio. Veja como estão enferrujados!

Sairiam só a marteladas.

— Isso é. A não ser...

— A não ser o quê?

— Que eu escapasse, quando me deixassem ir ao banheiro, e fosse chamar a polícia.

— Acha que pode fazer isso?

— Poder posso, mas eles estranhariam minha demora no banheiro.

— Vamos dizer que descobrissem sua fuga depois duns dez minutos, o que fariam?

— Não sei o que fariam — declarou Cláudio.

— Eu sei o quê: fugiriam daqui para não serem presos.

— Mas poderiam levar você...

— Acha que possuem outro esconderijo tão bom?

— Como este é difícil.

— Então, fugiriam.

— Mas antes poderiam fazer algum mal a você.

— Não creio, o chefe deles é inteligente. Se me fizessem algum mal, o castigo que receberiam seria muito maior.

Depois, num aperto desses, só pensariam em escapar e mais nada. É nossa oportunidade, Cláudio.

— Um momento, Pat. Me deixe pensar. Em quantos minutos eu alcançaria a rua e chamaria a polícia? Preciso fazer cálculos.

UMA IDA ATÉ O MORRO

Sebão estava no barraco de seus pais, logo no início do Morro. Sua mãe, Isaura, dera-lhe um bom café com leite. O

que ele chamava de barraco era uma casa de dois cômodos, muito pobre mas de tijolos. Tinha até televisão, preto e branco, no bagaço, porém televisão. O único bem da família, depois da casa. Sua mãe assistia a um programa quando ele chegara da Toca. Justamente aquele em que a tia de Pat aparecera. Viu e ouviu calado, sofrendo com as entrevistas e com os comentários da mãe.

— Que maldade! — exclamou Isaura. — Sequestrarem uma menina tão bonitinha! Sabe o que a polícia devia fazer?

Matar os que fizeram isso. Não mereciam outra coisa.

Depois Isaura serviu o café para o filho e foi lavar roupa.

Sebão ficou diante do televisor, pensando. A mãe falara em matar, e se o grupo matasse os dois, ele sentiria remorsos por não ter avisado a polícia? Ficou com essa interrogação na cabeça, que ora sumia, ora crescia. Mesmo decidindo não pensar mais nisso, pensava. Resolveu pegar sua caixa, descer o Morro e engraxar.

A janela ficava a um metro do chão e estava aberta.

Alguém espiava para o interior da casa. Sebão viu Aliás e levou um susto.

— Que veio fazer aqui?

— Vim aliás por sua causa — ele gostava de dizer aliás, porém nem sempre colocava a palavra em lugar certo.

— Por quê? Minha saída deu truta?

— O grupo ficou grilado, mas o Baixo não. Ele que me mandou aqui, saber de suas intenções.

— Não tenho intenções, apenas não quis embarcar.

— O Baixo acha que você está certo. Aliás eu também.

Mas a gente quer uma certeza. Estamos numa perigosa e ninguém quer nada com crocodilagem.

— Se é só isso pode voltar, Aliás. Vou ficar por fora; quem der o serviço também se ferra. Isso está no gibi.

— Era isso aí, não tem mais. Até.

— Você fica até o fim?

— Já que entrei no cinema vou ver o filme inteiro.

Sebão ficou vendo o gorro verde de Aliás afastar-se e descer o Morro. Melhor assim, sem atrito. Quem apareceu à janela em seguida, zangada ou assustada, foi sua mãe, Isaura.

— Quem era aquele? Um tal que esteve preso com você?

— Era, mãe.

— O que ele queria?

— Ver como vou passando.

— Ver... Quer arrastar você outra vez, eles só procuram pra isso. Nenhum desses quer entrar no inferno sozinho.

Sebão riu, pela janela puxou o rosto de sua mãe e beijou-o nas duas faces.

— Agora que o veterano deixou de beber, que está no batente, eu não vou fugir da raia — disse mostrando a caixa de engraxar. — Estou voltando pra guerra e com toda a garra.



*Sebão viu Aliás e levou um susto.
— Vim aqui pra saber por que você abandonou o grupo.*

— Posso acreditar em você?
— Já estive lá, mãe; chegou.
A mãe de Sebão sorriu e, depois que ele saiu de casa, ficou a vê-lo, acenando.

CHEGAM OS PAIS DE CLÁUDIO

Um táxi parou diante do hotel Royal, em Copacabana, e um casal de meia-idade desceu, agitado. Um dos porteiros do hotel foi apanhar as malas. Eram Walter e Celina, pais de Cláudio. Dirigiram-se imediatamente à portaria. Já haviam reservado apartamento.

O gerente do hotel apresentou-lhes a ficha de entrada.

— Tenho um filho hospedado aqui — disse Walter. — Cláudio, no 332. Pode fechar a conta dele e passar sua mala para nosso apartamento.

— Ele não vai voltar?

— Sim, mas não sabemos quando. Que apartamento vai nos dar?

— O 432.

— Por favor, avise já a telefonista que estamos nesse número. Esperamos um telefonema. Já podemos subir?

Um *bellboy* levou o casal ao apartamento e recebeu uma gratificação. A mãe de Cláudio não tinha ânimo nem para desfazer as malas. Largou-se numa poltrona.

— Quanto tempo vamos esperar?

— Não muito, acredito. Vou ligar a televisão, quem sabe a polícia já saiba do caso.

— Seria pior se soubesse.

— Também penso assim. Prefiro que tudo seja mais simples.

— Você contou bem o dinheiro?

— Conteí — disse, retirando duma mala grande uma pequena valise. — Aqui estão todas as nossas economias. A entrada para a compra do apartamento.

— Daria muito mais para ter nosso filho de volta.

Walter dirigiu-se ao telefone.

— Telefonista, é do 432, Meu nome é Walter Menezes, estou aguardando um telefonema. Obrigado.

Celina assistia à televisão. Seu marido sentou-se na cama também olhando para o aparelho. Era hora do telejornal, que nunca perdiam. Uma das primeiras imagens que viram foi o rosto de Patrícia. Alguém viu esta garota?

— Deve ser a tal menina que está junto com Cláudio.

A DIVISÃO DOS MILHÕES QUE AINDA NÃO

CHEGARAM

No salão da Toca houve outra reunião, já à luz de velas.

Aliás contou que estivera no Morro e que vira Sebão. Podiam ficar tranquilos, ele não ia se abrir. Desapareceu porque resolvera mudar de vida, não daria ninguém. O Baixo relatou a ida ao Velho: rendera trezentas milhas.

— Só isso? — berrou o violonista.

— E nem mais um muito obrigado.

— Mas ele disse que pagaria melhor.

— Disse mas não pagou.

— Por que não foram ao Cabeça Vermelha?

— A polícia fechou a casa dele. E está fechando outras que compram ouro, O Velho ainda está aberto porque é muito vivo.

— É uma ninharia — disse Baden, inconformado. — Quanto vai caber a cada um?

— Tito e Pequinês não fizeram quase nada — disse Nariz. — Vão levar vinte cada um. Você e Aliás trinta cada.

— Somando tudo cem — calculou Baden. — E os outros duzentos? Ficam com vocês? É muita disparidade!

— Fique frio — advertiu-lhe Nariz. — Temos nossas despesas. Não vão querer que os pássaros morram de fome.

Vão se aguentando com esses pichulés, a grana grossa está a caminho.

Baden olhou para Aliás: queria apoio.

— Já que se fala em tutu, como é que vamos dividir os milhões?

Aliás enfiou o gorro na cabeça até cobrir as orelhas, sinal que estava atento.

— Não pensei nisso — disse Nariz.

— Mas tem que pensar. O que diz, Baixo?

— Podemos tratar disso agora — opinou o chefe. — Acho bom já pôr os pingos.

Era a vez de Nariz falar, mas ele acendeu um cigarro, pensando, pensando.

— A gente quer ver tudo claro — insistiu Aliás. — Estamos na mesma canoa.

— Cale a boca você — replicou Nariz. — O que fez até agora? Só foi dar recado ao Sebão. Quem ajudou foi o Baden e o Tito. E o Pequinês, participou de quê?

— Pensei que levaríamos partes iguais — disse Aliás.

— Pensou errado.

— Como vai ser então? — quis saber Pequinês. — A gente leva quanto?

Nariz nunca fora tão chefe como naquele momento; uma das velas iluminava só a sua cara. O Baixo estava sentado, olhando para o chão. Tereca, tensa. Chegara a hora da sinceridade.

— Você, Pequinês, leva cinco. Para um frango de treze anos é uma nota. Você, Aliás, leva dez e fica devendo um muito obrigado. Aí já tem quinze.

— E eu? — perguntou Tito, sem muitas ilusões.

— Você esteve na ação, merece mais. Vou pôr quinze no seu bolso. Muita gente boa tem de trabalhar um ano pra ganhar isso. Somando já dá trinta.

Baden fez uma gracinha para lucrar mais: — Lembra-se que quero comprar um violão novo dos incrementados?

— Com o que vou lhe dar você pode comprar todos os instrumentos duma orquestra: trinta tijolos. Resolve?

— Para mim encerra o assunto.

Todos olharam para Tereca; ela entraria na divisão?

— A Tereca é questão para o Baixo — disse Nariz. — São uma dupla. Mas vai levar dez pra não falar mal de mim.

Setenta já voaram.

Aliás, que não gostara das contas, provocou: — O resto você vai dividir com o Baixo?

Todos pensaram que ia haver pausa, mas não houve.

— O Baixo é o gerente da Toca, mas não entra no racha.

Com quarenta vai poder até casar.

— Você sai desta rico, Nariz — comentou Tito.

— Mas eu arcarei com outros gastos, se houver. A gente nunca sabe. De qualquer maneira, todos já estão convidados para a

próxima.

O Baixo levantou-se:

— Vamos telefonar, já devem ter chegado.

SEU WALTER E UMA VOZ

Walter atendeu ao telefone no primeiro toque.

— O pai de Cláudio?

— Sim.

— Ouça bem: como dissemos, Cláudio não está sozinho.

Tem uma moça.

— Essa que a televisão deu?

— Não sei se a televisão deu.

— Chama-se Patrícia, veio de Brasília.

— Então é. Não dá pra tratar dos casos em separado.

Procure a tia dela e diga quanto queremos. Cem por cabeça.

Pegue o dinheiro e fique aí no hotel com ele.

— Mas onde ela mora?

— Descubra o senhor. A menina não sabe nem o número do prédio. Pergunte na televisão.

— Aí a polícia ficará sabendo.

— Da menina ela já sabe, saberá dos dois, não faz diferença. O importante é que ela não se meta. O senhor vai convencê-la disso. Trouxe o dinheiro?

— Está aqui.

— Então, mexa-se. Amanhã a gente telefona.

— Um momento, como ele está?

— Bem, aqui não tem as estrelas do hotel Royal, mas ele não está se queixando. Desligo.

Walter desligou também o telefone.

— Eram eles? — perguntou Celina com a boca seca.

— Eram. A garota que apareceu na televisão está junto.

Querem que entremos em contato com a família dela.

— Como vamos fazer isso?

— Pegue a lista telefônica. Vou ligar para a polícia.

SEQUESTRADOS TAMBÉM FAZEM PLANOS

Pat e Cláudio só falavam no plano de fuga. Ia ser pela manhã, quando lhe abrissem a porta para irem ao banheiro.

— Acha mesmo que poderá atingir o buraco?

— Sou bastante ágil, não tanto quanto meu irmão, um dos bons do vôlei, mas tenho boas pernas.

— Chegando ao buraco, o que vai fazer? Pense bem nisso.

— Se houver um muro no quintal saltarei para a casa ao lado, é a melhor hipótese.

— E se no lugar do muro tiver o paredão da outra casa?

— Aí a coisa se complica um pouco. Terei de andar pelo telhado.

— Andar pelo telhado até onde?

— Até a frente da casa, na rua.

— Mas seria difícil descer do telhado.

— Seria, Pat, se isto fosse um sobrado, aí não dava. Mas vai dar, a buraqueira da fachada dará apoio aos meus pés.

— Cuidado, não vá se machucar ao saltar para a rua.

— Já pus esse dado no meu computador.

Pat fixava-se nos detalhes:

— Cinco minutos depois de você entrar no banheiro, já estarão batendo na porta.

— Tive uma idéia para prolongar a espera. Direi que estou com dor de barriga, assim me darão mais tempo.

Quando derem pelo meu sumiço, já estarei na rua, chamando a polícia.

— Isso pode demorar uns quinze minutos.

— Se o trânsito já estiver desimpedido, pararei o primeiro carro que passar. Todo bairro tem uma delegacia.

Mais cinco minutos estarei lá. Menos ainda, se por sorte a delegacia for aqui perto.

— É preciso ter coragem, Cláudio.

— Nunca me senti muito corajoso, mas coragem é coisa que também se inventa.

— Confio em você — disse Pat, com um sorriso que fez Cláudio lembrar-se da garota alegre que ele conhecera antes do sequestro.

O rapaz pôs-se de pé.

— Sabe o que vou fazer agora? Ginástica. Preciso amaciar os músculos.

CHEGAM TAMBÉM OS PAIS DE PAT

Campainha. Elisa abriu a porta do apartamento.

Ana e Rogério, pais de Pat, entraram precipitadamente.

— Já sabem o que aconteceu?

— Soubemos em Planaltina. Foi sequestro?

— Não sabemos — respondeu Elisa.

— Os sequestradores ainda não fizeram contato? — perguntou Rogério.

— É o que estranho; ainda não.

Rogério tinha muitas perguntas a fazer: — E a polícia, o que tem feito?

— Já está se mexendo. Pat foi vista pela última vez no museu do Catete com um rapaz.

— Com um rapaz? Pode ser o sequestrador.

— Pode ser — disse Elisa. — Vocês vão ficar aqui, não?

— Ficamos — disse Ana —, mas vejo um inconveniente.

Você não tem telefone. Como os bandidos nos chamariam?

— O vizinho tem telefone, é boa gente e tem cooperado.

Demos o número pelo rádio e pela televisão.

— Meu maior medo é que a tenham matado — murmurou Ana. — Se quisessem dinheiro já teriam se comunicado de alguma forma.

— Acho que Pat nem sabia o número desse edifício — disse Elisa.

— E o fato de eu não ter telefone pode também ter confundido os sequestradores. Vamos esperar.

— Estou me sentindo mal — murmurou Ana.

— Venha para o quarto. Lhe darei um calmante.

Precisamos ser fortes. Sei que é difícil, mas precisamos.

Vinte minutos depois que Walter telefonou para uma das delegacias do Rio, o investigador Walmor apareceu no hotel. Não fora coincidência, a delegacia contatada informara à que cuidava do caso.

— Quantos telefonemas houve? — perguntou Walmor.

— Dois, um para nosso apartamento, em Curitiba, e outro para cá — precipitou-se Celina.

— A mesma voz nos dois?

— Parece que sim; voz de rapaz. Não lhe daria mais que vinte anos — respondeu Walter olhando para a esposa.

— Ele pediu para ligarem à polícia?

— Não propriamente isso; pediu que procurássemos a família da menina, Patrícia.

— Ah, estão juntos?! Então seu filho é o rapaz que foi visto com ela no museu! Falaram em resgate?

— Pediram cem milhões por cabeça, a expressão dele. Já trouxemos o dinheiro.

— Não é nenhuma fortuna — considerou o investigador.

— Como a voz ao telefone era de um jovem dá para pensar que o sequestro foi praticado por gente moça e inexperiente.

Profissionais pediriam muito mais.

— Não há nenhuma pista?

— Ainda não. Ficaram de telefonar quando?

— Amanhã. Querem, inclusive, que o dinheiro dos pais da mocinha já esteja conosco. Espero que eles disponham da quantia para apressar o resgate.

— Bem, provavelmente os pais da moça já chegaram de Brasília. Vamos até o apartamento de dona Elisa, a tia.

— Você prefere ficar? — perguntou Walter a Celina.

— Não. Quero ir junto.

Iam saindo quando o investigador se lembrou de perguntar:

— Trouxeram algum retrato de Cláudio?

— Trouxemos um bem nítido — respondeu a mãe do rapaz.

— Ótimo! Isso ajuda. Vamos tirar muitas cópias.

Saíram os três às pressas.

BADEN, QUE JÁ FOI RAIMUNDO

Baden pegou uma vela e levou-a para o depósito.

Precisava escrever uma carta; há meses que não mandava uma linha para Salvador. Nos dois anos de Rio, só três cartas. Sua mãe nem ficou sabendo que ele estivera no instituto e que dissera lá que

era sozinho no mundo. Mentira; tinha mãe, tia e até uma avó já sem memória de nada. Viver com três mulheres, sempre lhe cobrando trabalho e seriedade, fora demais. Um dia pegou o violão, colocou um recado no espelho e fugiu para o Rio, querendo ser artista.

Chegando, participou de programas de calouros, ficou semanas nas salas de espera de emissoras de televisão, pediu oportunidades em gravadoras de discos, mas não conseguiu nem promessa. Sem um cruzeiro no bolso, não querendo e não podendo voltar para a Bahia, começou a roubar. Preso algumas vezes, como era menor de idade foi para o reformatório. Lá conheceu rapazes muito mais espertos, que lhe ensinaram certo jogo de cintura para sobreviver. Um deles, o Nariz, tornou-se o companheiro das fugas e dos roubos. Achava que o amigo ia longe, um dia seria alguém, e grudou-se nele.

Com uma esferográfica, escreveu:

Mãe,

sou eu, o Raimundo. Como está a senhora, a tia e a avó?

Eu vou bem, de saúde e do resto. Andei pensando, sem dinheiro, mas aprendi a me virar. Moro um dia aqui, outro ali, comendo sempre. Ganho os meus com o violão, em festinhas, nas churrascarias e nos bailes de subúrbio. Me chamam de Baden, um cara muito conhecido que toca violão, grava e viaja. Acho que um dia chego lá. Ainda não deu pra mandar grana pra vocês, mas está perto. Me prometeram uma montanha de dinheiro por uns espetáculos. Reze, mãe, fale com quem manda aí nos terreiros, porque se a coisa colar, se tudo sair certinho, irei visitar vocês. Acho que até vai dar pra comprar uma casa. A senhora sempre quis uma, não? É só isso, por hoje, e me puxe que já estou indo.

Seu filho Raimundo

QUATRO PESSOAS SOFREDORAS SE ENCONTRAM

Walmor, Celina e Walter entraram no apartamento de Elisa. O pai de Patrícia estava na sala, fumando como um doido. Ana surgiu logo depois, muito pálida e até com dificuldade de andar.

Walmor apresentou-se:

— Sou o investigador que está cuidando do caso. O filho de seu Walter e de dona Celina também foi sequestrado. Eles estão juntos.

— O filho do senhor foi sequestrado com minha filha? — perguntou Rogério.

— Parece que se conheceram no museu do Catete. Meu filho também veio ao Rio a passeio. Somos de Curitiba.

— Como sabem que eles foram sequestrados juntos?

— Os sequestradores já entraram em contato comigo, no hotel Royal, onde estamos hospedados. Pediram que eu procurasse os senhores para tratarmos do resgate. Ficaram de ligar amanhã para o hotel.

— Quanto querem? — perguntou dona Ana, aflita.

— Cem milhões pelo meu filho, cem pela sua filha. Já haviam estipulado essa quantia quando telefonaram para nossa casa, no Paraná. Eu já trouxe o dinheiro. O senhor dispõe dessa importância?

— Não — respondeu Rogério. — O que trouxe de Brasília é bem menos que isso. Mas posso ir ao meu banco — há agências aqui — e levantar o que falta. Supunha, aliás, que pedissem muito mais.

— Deve ser uma quadrilha de menores — disse o investigador Walmor. — A voz de um dos sequestradores, segundo seu Walter, é a dum jovem. Gente do ramo raptaria filhos de algum rico, e nunca dois duma vez.

Evidentemente, não houve plano. Surgiu a oportunidade e o sequestro foi feito. Puro amadorismo.

— O que a polícia já fez? — perguntou Rogério.

— Está fazendo investigações no bairro onde foram vistos. O retrato de Patrícia está sendo mostrado em todos os estabelecimentos comerciais, inclusive em bares e padarias.

— Devem fazer o mesmo com o retrato do meu filho — sugeriu Celina.

— Amanhã conseguirei o dinheiro — garantiu Rogério.

— Será que amanhã mesmo pagaremos o resgate e teremos nossos filhos de volta?

— Sobre isso precisamos ter uma conversa muito séria com a polícia — disse Walter. — Nossa principal intenção é libertar os garotos. Punir os culpados é assunto para depois.

Se os sequestradores notarem algum risco, poderão adiar e complicar a operação. Muitas vezes matam suas vítimas, como vingança, quando as coisas não correm bem.

— A polícia sabe disso — disse o investigador. — A que horas telefonarão para o hotel?

— Logo cedo, suponho — respondeu Walter.

— Eu estarei lá.

— Agora eu e minha mulher vamos voltar para o hotel — disse o pai de Cláudio. — Não prometeram telefonar hoje, mas podem mudar os planos.

— E eu vou mandar tirar cópias da foto de seu filho — disse Walmor. — Certa vez um falso cego, mendigando, foi quem viu a pessoa que procurávamos.

INTERVALO PARA UM BANHO DE MAR: O BAIXO E A

TERECA

Baixo e Tereca passeavam pela praia de Copacabana, ambos com maiôs por sob a roupa. Ideia dele, surgida à noite. A moça pensou que brincasse: tomar banho de mar com um problema daqueles na cabeça? Mas ele falava sério e explicou que sol, água e areia era o melhor remédio para aliviar os nervos. Pior era ficar na Toca, respirando aquele ar velho, a ver o medo dos outros crescer de minuto a minuto.

— Isto é o Rio, não? Então vamos à praia, como qualquer pessoa ou como se estivéssemos em lua-de-mel.

Tereca era carioca, o Baixo não. Viera do interior do Ceará, das terras secas, do flagelo. Lembrava-se de lá e de sua mãe, rezando para chover. Um dia não rezou: estava morta. A família foi cada um para um lado. O Baixo era garoto, mas não quis ser o último. Um dia viu uma revista, jogada num canto. Arregalou os olhos, vendo o sol, a areia e aquele desperdício de água. Leu mil vezes a reportagem, mas na primeira já decidira: ia morar no Rio. Não tinha dinheiro para a viagem. Soube de alguém que conseguira chegar pedindo carona. Começou por uma carroça; depois pediu carona a um caminhão que ia à Fortaleza; a furgões, *pick-ups*, kombis, jipes, caminhonetes, carros de marcas que não existem mais, até jamantas. Mas entre uma carona e outra, sempre um pedaço a pé, dormindo muitas vezes ao relento.

Sem falar da fome, pois nem sempre quem dá condução dá comida. Uma vez enfiou a mão na gaveta dum bar de estrada e saiu correndo. A primeira porque tinha fome; a segunda porque já tinha aprendido. A viagem durou dois meses. Ao chegar, constatou que havia, sim, uma festa constante nas praias, mas para a qual não havia sido convidado.

— Não sou de frequentar a praia — disse a Tereca —, mas tem momentos que se não vier, morro. Todas as vezes que fugi do instituto, por exemplo. Os outros logo se escondem. Eu não, venho à

praia e me mostro. A gente se sente igual, é ilusão, mas ilusão pode ter a mesma cara da verdade.

O Baixo e a Tereca já haviam tirado a roupa e estavam de maiô; sentaram-se na areia. Ela observava-o: não era o mesmo da Toca.

— Não há praia sem sorvete — disse Tereca, chamando um garoto. — Dois de palito.

— O Tito foi um desses garotos — lembrou o Baixo. — Eu o conheci numa praia, vendendo sorvete. Largue disso, lhe disse; tudo que derrete não dá futuro.

Entraram no mar, ficaram um tempão. O Baixo nunca aprendera a nadar, ao contrário de Tereca, um peixe; mas nem por isso gostava menos. Só deixou de brincar para ver as pranchas, invejando; surfe era para os assíduos, os que entendiam de ondas, pessoas do mar, os queimados.

Voltaram para a areia, ele com os olhos numa tenda sob a qual homens gordos e moças bonitas bebiam líquidos coloridos, com muito gelo.

— Quanto deve custar aquela sombra?! — o Baixo exclamou.

— Grã-finos! — exclamou Tereca. — Eles sabem o que é bom. Veja o tamanho daquele camarão. Um só já é um banquete.

Sentaram-se perto da tenda para apreciar, o Baixo muito interessado.

— O que está rindo, o velhote, deve ser um vivaço. Que pinta!

— Acha que não é gente de bem?

— Tereca, há também os de colarinho branco. Não ouviu falar? Sei deles pelos jornais. Nunca se sujam por pouco e não arriscam a pele. Às vezes, o que roubam num dia, cem de nós não roubam numa vida inteirinha. Esses que admiro!

Agem nos escritórios, cercados de secretárias, com o ar sempre fresco, bons de papo, curtindo a vida. Numa tacada arrancam milhões. E se a coisa complica, com um telefonema limpam a barra.

— Mas o governo não azara com eles? — perguntou Tereca.

— Acontece que muitos são o governo ou estão no mesmo barco. E se um negócio ou outro melar, se acaba estourando, não se preocupam porque o deles já está bem guardado, fora da questão, e

o prejuízo quem paga nem sabe que está pagando, e por isso não reclama, esse povão otário que enche as cidades.

— Então você gostaria de ser um desses?

— De colarinho branco? Sonhar alto é uma canseira.

Não tenho pique pra chegar lá. Quer uma cerveja no bar?

— Precisamos telefonar, esqueceu?

— Sabe que ia esquecendo mesmo? — espantou-se o Baixo. —

Como água salgada lava a cuca da gente! Correndo pra Toca, garotona!

— Lembrei que não demos café nem deixamos aqueles dois ir ao banheiro.

— Alguém lá faz isso.

A OPORTUNIDADE

Pat e Cláudio estranhavam que ninguém lhes abrisse a porta do cárcere, uma tortura para eles, que haviam passado quase a noite toda em claro, esperando. Não imaginavam nem que horas eram quando ouviram passos e o barulho da chave. Nariz e Baden, zangados, abriram a porta.

— Isso é serviço da Tereca — resmungava Nariz. — Onde será que ela e o Baixo se meteram? Vá você ao banheiro — ordenou a Pat, que obedeceu depressa.

— Como estão as coisas? — perguntou Cláudio.

— Fique frio, rapazinho — disse Nariz. — Se os pais de vocês seguirem nossas instruções, deixando a polícia de fora, não haverá chabu.

— Estão com fome? — perguntou Baden.

— Um pouco.

— Já mandamos comprar sanduíches e um pouco de leite.

Pat voltou do banheiro, pálida. Era a vez de Cláudio, e se os dois não estivessem perto, pediria que não tentasse. O buraco no teto parecera-lhe alto demais.

Passando a mão na barriga, Cláudio dizia a Nariz e a Baden que estava com dores, o que significava que levaria avante seu plano. Assim que voltou ao quarto, vendo o companheiro dirigir-se ao banheiro, Pat decidiu puxar conversa para que Cláudio ganhasse mais tempo para agir.

— Ainda não falaram com minha tia?

— Com ela ainda não — respondeu Nariz. — Apenas com o pai do garoto.

— Não sabem se meus pais já chegaram de Brasília?

— Já devem ter chegado — disse Baden. — Logo telefonaremos outra vez.

— Para onde?

— Para o hotel onde os pais dele estão hospedados.

Cláudio fechou a porta do banheiro e, olhando para o buraco do teto, teve a mesma impressão que Pat: a altura era maior vista do que lembrada. Sua hesitação, porém, demorou segundos. Pôs um pé na borda estreita da banheira e outro no peitoril da janela. Que bom, havia um gancho enferrujado, talvez usado para pendurar toalhas, um pouco acima do peitoril! Se apoiasse o pé direito nele, e o gancho não cedesse, poderia equilibrar-se enfiando os dedos nos buracos profundos da parede. Dali alcançaria com alguma facilidade a grande abertura do teto e então caminharia sobre as telhas.

Se o gancho aguentasse seu peso, tudo bem.

Pat continuou fazendo perguntas a Nariz e a Baden: — Quanto é mesmo que vocês querem de resgate?

— Duzentos milhões — respondeu Nariz. — O pai de Cláudio já trouxe a sua parte. Seus pais têm esse dinheiro?

— Acho que não trariam tanto de Brasília — disse Pat.

— Terão que arranjar aqui.

— Eles têm amigos aqui no Rio?

— Alguns, talvez. Conseguirão empréstimo num banco.

Baden estava impaciente.

— Seu amiguinho está demorando muito.

— Ele acordou com dores de barriga — disse Pat.

— Vou bater na porta — decidiu Baden.

Pat ouviu o violonista dar uma batida na porta. Em seguida, a voz de Cláudio, com um "já vou" distante. Ele ainda não conseguiu escapar do banheiro, pensou a garota, quase com a certeza de que não o conseguiria. Melhor conformar-se.

O gancho estava suportando o peso de Cláudio, mas equilibrar-se sobre ele, com as mãos nos buracos da parede, não era tão simples. Além da posição incômoda, a respiração, ofegante, também atrapalhava. Seu nervosismo, maior a cada instante, agia contra ele. Agilidade só não bastava; calma parecia-lhe agora mais importante. O certo é que não poderia continuar ali como um inseto na parede. Era o momento do impulso para atingir o teto, que não teria êxito sem determinação e confiança. Respirou profundamente e pensou nos pais para que a lembrança deles lhe desse forças. Então ouviu um ruído, de coisa que se esmigalha, e sentiu o gancho que o

sustentava menos fixo na parede. Se demorasse, poderia despencar. Não pensou mais, saltou.

— Que dor de barriga! — exclamou Nariz, implicando com a demora de Cláudio.

— Vocês vão nos soltar onde, aqui mesmo nesta rua? — perguntou Pat no seu plano de dar mais tempo a Cláudio.

Nariz não respondeu, ordenando a Baden: — Bata outra vez na porta.

Baden saiu do quarto e tornou a bater na porta do banheiro. Como não houve resposta, bateu com mais força.

Não precisou chamar Nariz, que surgiu ao seu lado. Os dois bateram ao mesmo tempo, enquanto Tito e Pequinês chegavam com o leite e os sanduíches. Aliás apareceu sonolento. Logo estavam os cinco diante da porta.

Não foi um salto de atleta, mas Cláudio pôde segurar-se perfeitamente entre o forro e as telhas da casa. Não dava, porém, para respirar aliviado. Pisando no madeirame podre da cobertura, viu parte do telhado. Mais um impulso, sem risco, e se pôs de pé sobre as telhas, sentindo o sol na pele e respirando o ar livre. Não viu nenhum quintal ao lado para o qual pudesse saltar, nenhum terreno baldio que lhe facilitasse a fuga. Teria de andar pelo telhado até a frente da casa, o que não seria o final da façanha, mas o início de outra etapa.

Nariz, Baden, Tito e Pequinês esmurravam inutilmente a porta do banheiro. Aliás, afastado, não acordara totalmente.

— Ele deve ter fugido pelo teto! — adivinhou Nariz. E ordenou aos outros: — Vão vocês para a rua; se ele saltar para a calçada, agarrem.

Pat apareceu à porta do quarto confusa e trêmula.

Olhava para o corredor que ligava à cozinha, talvez pensando numa possibilidade de escapar também. Não pensou nisso muito tempo.

— Entre! — berrou o violonista, empurrando-a para dentro do quarto. Depois, fechou a porta a chave. — O que vamos fazer? — perguntou a Nariz. — A gente não vai poder arrombar essa porta.

— Tem um jeito — respondeu Nariz, correndo para o depósito.

*

Cláudio não conseguia caminhar de pé sobre o telhado, escorregadio e quebradiço; tinha que engatinhar, sujando as mãos e as calças, na altura dos joelhos. E agora já estava certo de que não seria possível abrigar-se na casa vizinha. Via apenas telhas e sobre ele o céu, muito azul e sem fim.

Acreditava que se aproximava da rua e perguntava-se se os sequestradores já sabiam da fuga.

*

No quarto, trancada, Pat ouvia pancadas violentas na porta do banheiro, não produzidas por murros ou pontapés.

Nariz reaparecera com um machado e, a golpes odientos e consecutivos, abria um buraco na fechadura da porta, ante a expectativa de Baden.

Tito, Pequinês e Aliás haviam chegado à rua e olhavam para o telhado. Ainda não viam Cláudio. Mas viram duas pessoas quase correndo na calçada, o Baixo e a Tereca.

— Tudo bem aqui? — perguntou o Baixo. — Nós nos atrasamos um pouco.

— Bem nada! — respondeu Tito. — Um dos pássaros está escapando.

— O que está dizendo?

— O garoto, ele deve ter fugido por aquele buraco no forro do banheiro. Mas ainda está lá em cima. Estamos esperando que desça, para agarrá-lo.

O Baixo dirigiu-se à Tereca:

— Fique com eles — disse, entrando precipitadamente na Toca.

Mais uma forte machadada e a porta cedeu. O Baixo aproximou-se correndo; sentia-se um tanto culpado pela sua demora. Os três entraram no banheiro, olhando para o buraco, no alto.

— O garoto é um atleta! — exclamou o Baixo.

— Vou subir — disse Nariz. — Me ajudem!

Mas não foi preciso ajudarem; antes de pôr o pé no peitoril da janela, Nariz já vira o gancho que possibilitara a tentativa de fuga de Cláudio. O Baixo, que não possuía a agilidade do companheiro nem

suas pernas compridas, admirou-se quando o viu, em poucos instantes, alcançar o forro e passar para o telhado. Ele não seria capaz. Uma pergunta o aborreceu: O chefe devia ser o mais inteligente ou o mais forte? Baden olhou-o com um sorriso de canto dos lábios, que explicava por que era mais ligado e obediente a Nariz.

Cláudio desceu, engatinhando, uma pirâmide de telhas, e, chegando à beirada do telhado, viu as casas do outro lado.

Lá estava o botequim onde fora pedir informações. E uma novidade que reforçou suas esperanças: a rua estava desimpedida, já passavam carros. Fez um sinal, com o braço, a um Fusca; o motorista, atento à direção, não o viu. Olhou para a calçada, disposto a pedir socorro à primeira pessoa que passasse. Mas não esperaria; segurando-se com firmeza nas bordas duma telha, soltaria as pernas no espaço, encurtando a altura da queda. Mesmo assim, o impacto no solo seria grande. Só o desespero lhe daria coragem para tanto.

— Olhe ele ali! — gritou Tito.

Cláudio viu Tito e Pequinês na calçada. Não recuou e já não adiantava esconder-se; fora visto. O que lhe restava fazer era saltar e enfrentar os dois. Transeuntes poderiam agir em sua ajuda, contaria o que estava acontecendo. Quem sabe um tumulto diante do casarão resultasse numa solução ainda mais fácil.

— Vamos pegar você — disse Pequinês.

Sem intimidar-se, Cláudio ia enfrentar o risco quando ouviu outra voz, esta vindo do telhado. Olhou, era Nariz.

— Volte, garoto — ele exigiu. — Não deu certo desta vez.

Cláudio não estava disposto a voltar.

— Venha me buscar — disse, já com mais raiva do que medo.

Nariz mostrou um revólver.

— Se continuar a bancar o valente, leva bala.

Cláudio olhou para a rua; se passasse um carro, lento, ou algum transeunte, gritaria. Fora longe demais para entregar a partida. Havia um declive no telhado. Rolou para ele, protegendo-se de qualquer disparo.

— Atire, se quiser! — desafiou. — Daqui não saio!

Nariz ficou desorientado por algum tempo.



— Se continuar a bancar o valente, leva bala.
— Atire, se quiser! — desafiou Cláudio.

— Se você não voltar já — ameaçou —, sua amiguinha vai pagar. Nem imagina o que faremos com ela. Ou você não se importa?

Cláudio não precisou ouvir mais nada. Levantou-se, aceitando seu fracasso. Lançou ainda um último olhar para a rua, onde, na calçada

oposta, uma mulher passava levando pela mão um menino. O menino o viu sobre o telhado e inutilmente tentou chamar a atenção da mãe.

— Estou voltando — disse Cláudio.

— Você é esperto — declarou Nariz ainda com a arma na mão —, mas faltou um pouco de sorte. Mas, cuidado! Se escorregar e quebrar a cara, não vá pensar que chamaremos o pronto-socorro.

*

Ao descer pelo buraco do banheiro, Cláudio viu Baden e Baixo, à espera dele. Baden olhava-o com ódio, Baixo com certa admiração. O que ele fizera exigia coragem. Não era coisa para qualquer babaquara.

— Por um triz que ele não escapa — disse Nariz. — Agora ele não irá mais sozinho ao banheiro. Mas onde você andou? — perguntou dirigindo-se ao Baixo. — Esqueceu que temos obrigações?

— Ficamos presos no trânsito — o Baixo respondeu, sentindo que depois daquela caçada sobre o telhado Nariz voltara a comandar o grupo.

— Você está queimado. O que é isso? Praia?

Tito, Pequinês e Aliás apareceram.

— Melou a fuga do pássaro — disse Aliás, finalmente acordado.

— Graças ao Nariz — disse Baden.

A porta do quarto foi aberta. Nariz empurrou Cláudio para dentro com força.

— A gente devia aumentar o resgate por causa disso!

Cláudio olhou para Pat um tanto envergonhado.

— Cheguei até a ponta do telhado. Estava tudo dando certo. Ia pular para a rua, mesmo com os dois menores lá embaixo. Mas Nariz apareceu no telhado com um revólver.

Pat abraçou o companheiro. A fuga fracassara, mas ele estava vivo e inteiro.

— Você fez o possível — disse. — Outro não se arriscaria tanto.

— Nem sei como tive coragem — admitiu Cláudio. — Eu nunca tinha andado num telhado antes. Não é o mesmo que andar sobre o asfalto.

— Como sua roupa está suja!

Cláudio sentou-se no chão, exausto.
— Agora o que resta é esperar.

OUTRO TELEFONEMA

Os pais de Cláudio e os de Pat estavam desde cedo no hotel à espera do telefonema dos sequestradores. Os quatro no apartamento de Walter e Celina, sentados, um olhando para o outro, a mesma ansiedade. Walmor e dois outros investigadores aguardavam o chamado junto à telefonista.

Haviam prometido que a polícia não dificultaria o resgate nem colocaria em risco a vida dos sequestrados, porém queriam acompanhar o caso em todos os seus episódios.

— Pensei que ligassem no período da manhã e já passa de uma da tarde — disse o pai de Pat.

— E quanto ao dinheiro? — perguntou Walter.

— Telefonei para a agência. Já devem ter se comunicado com Brasília. Minha preocupação agora é esse telefonema.

Por que não chamam? Eles deviam ter tanta pressa quanto nós.

— Ainda mais agora que o retrato de meu filho também está nos jornais e que já foi mostrado na televisão. O tempo está contra eles. O telefone. Walter não esperou o segundo toque para atender.

— Pronto.

— O pai de Cláudio?

— Sim.

— Já entrou em contato com o pai da garota?

— Ele está aqui.

— Têm o dinheiro?

— Seu Rogério estava esperando este telefonema para conseguir.

— Vai conseguir?

— Vai, podem marcar já o local do resgate.

Uma pausa.

— Ainda não. O telefonema foi só para saber do seu encontro com o pai da menina.

— Estamos esperando as ordens.

— E a polícia?

— A polícia não atrapalhará.
— Mas aposto que está ouvindo o telefonema.
— Não está.
— Se estiver, perde tempo. Estamos telefonando dum orelhão. Era só, por enquanto. Aguardem novo chamado.
— Quando?
— À noite, provavelmente. Aproveitem o tempo apreciando nossas belezas naturais. Bem-vindos ao Rio, senhores.
Walter ouviu um ruído e também desligou.
— Só queriam saber se já tínhamos nos encontrado — disse a Rogério. — Ficou de telefonar à noite. Terá tempo para ir ao banco.
Uma batida na porta, era Walmor.
— Ouvi tudo. Voz de rapaz duns dezoito anos.
— Mas não era a mesma voz que da outra vez.
— Tem certeza?
— Tenho.
— Isso comprova que se trata mesmo de uma quadrilha de menores.
Walter não concordava inteiramente.
— Menores não teriam uma casa onde esconder os dois.
— Isso faz sentido — admitiu o investigador. — Ainda mais não tendo havido um plano. Mas há grupos de menores que moram em barracos abandonados. Ou então também há adultos metidos nisso.
Rogério ergueu-se.
— Vou ao banco buscar o dinheiro. Vamos, Ana.
Walmor saiu junto com eles:
— Ainda tenho muito trabalho a fazer pelas ruas.
Voltarei à noite.
Walter e Celina ficaram olhando um para o outro: já não havia mais nada a dizer.

O ENSAIO GERAL PARA O RESGATE

Os moradores da Toca reuniram-se no salão para planejar o lance seguinte. Nariz estava mais seguro de si, sentindo que voltara a liderar o grupo, tanto que, desta vez, ele mesmo falara com o pai de Cláudio. O Baixo, que preferira se divertir na praia enquanto um dos

pássaros quase fugia, perdera, pelo menos na ocasião, a confiança dos demais. A voz mais aguardada era a de Nariz, no qual os olhares se fixavam.

— Chegou o momento de arranjarmos um automóvel — disse. — E também o de dizer adeus à Toca.

— Eu não sei dirigir — adiantou Baden.

— Eu sei, mas não estou a fim — disse Aliás meio de lado.

— Eu e o Baixo nos incumbimos disso — tranquilizou-o Nariz.

— Já roubou automóveis? — perguntou Tito.

— Sozinho, não — disse Nariz. — Roubei uns três, com amigos, no ano passado.

— Eu estava junto — lembrou Pequinês.

— Sabe fazer ligação direta? — perguntou o Baixo.

— Vi fazer, mas nunca fiz eu mesmo. Você sabe?

— Não — respondeu o Baixo. — É o tipo da coisa que só é fácil para quem entende. Conheci um cara que fazia isso em vinte segundos. Mesmo assim o apanharam e hoje está em cana.

— Acho que conseguirei — disse Nariz. — Não em vinte segundos, mas em poucos minutos.

— Quando a gente vai fazer isso? — quis saber Baden.

— À noite, bem tarde — respondeu Nariz. — E em seguida telefonaremos para o hotel.

O Baixo preocupou-se com os detalhes; era o jeito de voltar a comandar o grupo.

— Onde entregaremos o primeiro pássaro?

— Ainda não pensei nisso.

— Mas é preciso pensar. É mais importante que roubar o carro.

A pergunta preocupou a todos.

— Talvez na Zona Norte — disse Nariz.

— Acho que não — retrucou o Baixo. — Será melhor entregar perto do Morro, onde vai ficar o segundo. Atravessar a cidade com um carro roubado é perigoso. Quanto menos a gente rodar com ele é melhor.

— Qual dos dois entregaremos primeiro? — perguntou Baden.

— A garota — disse Nariz.

— Não — reprovou o Baixo. — Entregaremos primeiro o rapaz. Ele já provou, lá no telhado, que não colocará em risco a vida da menina. Não fará nenhuma besteira, sabendo que a garota ainda está em nossas mãos.

— Concordo — disse Baden. — E vocês?

Todos estavam de acordo, embora o sim de Nariz foi o mais tardado.

— Uma coisa me encuca — lembrou Tito. — Como a gente vai sair com a menina? Iremos a pé até o local do resgate? Não é dar muita bandeira?

Nariz não soube responder e nem o Baixo se apressou.

Queria que todos percebessem que coragem física não é tudo, quase sempre vale mais uma cabeça que saiba pensar.

Enrolado, Nariz balbuciou:

— Bem... isso não sei... a gente precisa estudar.

A cara do Baixo não era a de quem estivesse atrapalhado:

— Não vejo problema — disse, calmo. — Usaremos o mesmo carro para levar a garota e o moço. Por isso o local do resgate deve ser próximo do Morro, onde Patrícia vai estar.

Entenderam?

O lance não foi aprovado imediatamente, Nariz procurou um furo.

— Isso resolve em parte. Sempre há o perigo de nos apanharem quando entregarmos o rapaz.

— Não acredito muito nesse perigo, mas vamos colocar um olheiro.

— Que olheiro?

— Tereca — revelou o Baixo. — Ela irá antes e ficará parada, como se esperasse o namorado. Se notar algo estranho, algum movimento da polícia, dará um sinal.

— Que sinal? — ela quis saber, pois até aquele momento ignorava essa parte do plano.

— Você irá com qualquer coisa na cabeça, um lenço, talvez. Se houver grilo, tirará o lenço. Assim a gente não pára o carro.

Tito entusiasmou-se:

— É uma boa, Baixo, você está matando todos os grilos.

Nariz resistia, ainda não totalmente convencido.

— Vamos que ela continue com o lenço na cabeça. A gente pára o carro, desce com o garoto, fala com o pai dele e pega o dinheiro. Certo. Mas como iremos até o Morro?

Andando a pé com uma mala cheia de tutu?

O Baixo parecia gostar de perguntas embaraçosas; testavam sua capacidade.

— Como disse, o local de entrega do primeiro pássaro será próximo ao lugar em que estará o segundo. Cem metros, duzentos, trezentos, por aí. Precisamos escolher os dois pontos. Acho que a gente pode fazer isso agora.

Nariz, não encontrando furo na teoria, passou a pensar na prática e nos seus perigos.

— Vão se arriscar mais os que entregarem o primeiro pássaro.

— Isso é verdade — admitiu Baden.

— Você confia muito no plano, não? — Nariz perguntou ao Baixo.

— Confio — disse o Baixo.

— Então você vai entregar o moço, enquanto eu fico no carro com a garota.

— Sozinho?

— Tereca não estará por perto? E escolheremos mais um para ir com você — disse Nariz.

Os olhares fixaram-se no Baixo; se ele confiava tanto no plano não deveria demonstrar o menor receio de incumbir-se da parte mais perigosa.

— Você nem precisava dizer, Nariz. Eu ia me oferecer — e deu uma cutucada. — Prefiro até que você fique mais afastado da ação.

VISITA À CASA DA ESTRADA

Era um grupo de barracos à margem da estrada, por onde passavam milhares de carros e caminhões por dia, indo e vindo. Dona Júlia, desde que se mudara para lá — há tantos anos que nem se lembrava quando —, não possuía outra distração: ver a estrada. Muito doente para lavar roupa, sua profissão, vivia duma pensão do falecido marido que mal dava para comer. Mexia-se pouco, o tempo todo sentada a olhar os carros pela janela. Saía de lá apenas uma

vez por mês para receber a aposentadoria, quando então fazia suas compras.

Tereca à distância viu o rosto da tia à janela. Ela, que não conhecera os pais, só tinha dona Júlia de parente.

Passara a sua infância naquele mesmo barraco, vendo os carros e caminhões e, quando a velocidade permitia, seus passageiros. Achava que devia ser melhor o destino dos que partem. Ela e a tia estavam entre os que ficavam, os que não iam a lugar algum. À margem da estrada, à margem da vida.

O mundo que passava à sua porta despertava-lhe, porém, uma enorme curiosidade. Por isso, talvez, a vontade de saber, que fez com que aprendesse depressa a ler e a escrever na escolinha mixuruca da região. Seu primeiro furto foi um rádio de pilha, pois só através das ondas sonoras podia viajar e conhecer o que havia além dos barracos. Odiava-os; vira neles crianças morrerem de fome, e logo que cresceu, não aguentou. Fez outros roubos, foi presa nas instituições para menores, das quais sempre fugia. Era quando visitava a tia e levava algum dinheiro que sobrasse.

Dona Júlia também viu Tereca chegando. Chamava-a de Tê; o apelido Tereca lhe fora dado nas ruas.

— Você, Tê, que bom que veio!

— Como vai, tia? Trouxe umas frutas — disse exibindo uma sacola.

— Maçãs! Isso é bom mesmo! Estou com fome. Posso comer uma já?

— Claro! São suas!

Dona Júlia deu uma mordida numa das maçãs e perguntou em seguida:

— Vai ficar alguns dias comigo?

— Desta vez, não. Preciso voltar logo. Tia, eu não deixei aqui aquele lenço vermelho que usava na cabeça?

Comendo a maçã, dona Júlia nem respondeu, deixando que a sobrinha procurasse o lenço.

— Conte o que tem feito. Está trabalhando agora?

— Se estou trabalhando? Tia, eu tenho um namorado.

Gostaria que conhecesse ele. É um rapaz que tem muita cuca e vai longe. Até livros já vi ele lendo.

— Vão casar?

— Acho que vamos.

— O que ele faz, está empregado?

— Pretende abrir um negócio, acho que um restaurante ou coisa assim.

— Então ele tem dinheiro! — admirou-se a tia.

— Está para receber uma bolada. Mas não ficaremos aqui. Ele pensa ir para outra cidade, talvez São Paulo. É para onde vão esses carros todos.

Dona Júlia olhou para a sobrinha, desamparada: — Então nunca mais nos veremos.

— A senhora se engana, tia. A gente vai pra lá, se instala e depois venho buscar a senhora.

Não dava para acreditar; era muito.

— Sempre quis sair daqui e estou velha demais para viver sozinha. Promete que vem mesmo me buscar?

— A promessa já fiz há muito tempo, tia.

— Só esperar já vai ser bom — disse dona Júlia sorrindo. Tereca também ficou feliz: — Encontrei! — exclamou. E amarrou o lenço vermelho graciosamente à cabeça. — Agora já posso ir.

Júlia sem se levantar abraçou a sobrinha.

— Você vindo aqui me faz mais bem que um padre.

— Até breve, tia. Não vou demorar para reaparecer.

Júlia voltou a espiar à janela com os olhos fixos no lenço vermelho que se afastava. Em seguida retomou a maçã e continuou a mordê-la com um sorriso lento e prolongado para durar o dia inteiro.

O PALCO DO RESGATE

Enquanto Baden, Tito e Pequinês ficaram na Toca, guardando os pássaros, Nariz, Baixo e Aliás foram para o Morro estudar o terreno. O carro teria de ficar estacionado em lugar não suspeito, preferivelmente iluminado, perto de outros. Havia um posto de gasolina, que o Baixo achou ideal.

— Aqui é um bom ponto.

— Não acha que é muito à vista de todos?

— Isso é bom, Nariz. Chamará menos a atenção parado num lugar onde os carros costumam parar.

— O Baixo tem razão — disse Aliás, que sempre concordava com ele.

— O importante — frisou o Baixo — é não soltar a garota aqui, para que ela não telefone do posto, mas num lugar mais longe, onde terá de andar algum tempo até encontrar alguém que a ponha em contato com os pais ou com a polícia.

— Vamos procurar agora o lugar do resgate — disse Nariz. — Lá tem uma igreja, o que dizem?

— Nada de ambiente fechado — ponderou o Baixo.

— Acha melhor que o encontro seja na rua?

— Quando vínhamos vindo vi uma pracinha — lembrou o Baixo. — É logo ali. Pareceu-me de encomenda. Há três ruas de acesso e um descampado que dá para o Morro.

Mesmo com tudo bem pensado, às vezes azara. Por isso é bom ter algumas portas abertas.

A pracinha distava quinhentos metros do posto de gasolina. Viram e aprovaram.

— Para mim está certo — disse Nariz.

— Mas vamos seguir pelo descampado. Quero ver o Morro. Em caso de fuga, a gente precisa saber onde pisa. Já pensou se tivermos de nos esconder? Sem saber onde?

— Eu saberia — respondeu Aliás. — No casebre dum amigo nosso.

- Que amigo? — perguntou Nariz.
- Sebão. Ele mora lá em cima.

SE ESCREVEM CARTA, ESTÃO VIVOS

Cláudio e Pat, sentados sobre o saco de estopa, não conseguiam evitar que a angústia aumentasse de momento a momento. Ficavam à espera de passos que poderiam trazer notícias. Mas o que ouviam, distante, era o violão de Baden e sua voz de cantor.

— Ele tem um bom repertório — disse Cláudio. — Agora está cantando o *Samba do avião*, uma das músicas prediletas do meu pai.

— Os outros o chamam de Baden, que é um violonista.

— Eu sei. Ouvindo-o assim ninguém diria que é um mau sujeito.

— Mas o pior é aquele que o perseguiu no telhado. Ele me dá medo. Não porque tenha uma arma, mas me dá muito medo.

Cláudio mais uma vez tentou tranquilizar a companheira:

— Se até agora não nos fizeram nada de mal, não farão mais.

Querem só o dinheiro do resgate.

O violão de Baden parou de tocar e ouviram vozes no corredor. Os dois ficaram tensos, à espera. Afinal a porta foi aberta e entraram o Baixo e o Nariz. O Baixo trazia uma tábua, uma caneta e um bloco de papel.

— Queria que escrevesse uma carta — disse a Cláudio.

— Pegue esta esferográfica. Apóie o bloco na madeira.

— O que devo escrever?

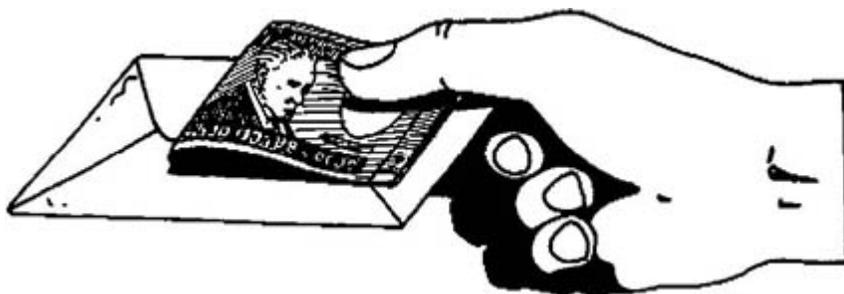
— A intenção é provar que vocês estão vivos — disse o Baixo. — E que devem fazer o que mandarmos sem pôr a polícia na jogada.

Diga que ao recebermos o resgate, apenas um será entregue. O outro, meia hora depois, quando estivermos longe. Portanto, se nos aprontarem alguma, mataremos o segundo. Deu para entender?

— Acho que deu — respondeu Cláudio.

— Escreva você também qualquer coisa — disse o Baixo a Pat. — Que está com muita saudade, por exemplo. O resto é conosco.

Uma hora depois, um menino simpático, duns dez anos de idade, ia passando perto do hotel Royal quando ouviu um psiu. Parou. Só viu a mão que lhe passou cinco mil cruzeiros e uma carta.



— Pegue os cinco só pra levar esta carta à portaria daquele hotel.

— Só?

— Só, nada, tem mais cinco pra depois da entrega.

Agora, voe.

Ao receber a carta, um dos funcionários da portaria fez um sinal ao investigador Walmor, que estava no saguão do hotel. Tinha acabado de chegar da rua.

— Uma carta para o pai do garoto sequestrado.

Walmor apanhou a carta, perguntando: — Quem entregou?

— Um menino magrinho; ele virou à direita.

Walmor correu à rua. Viu logo o menino, olhando para todos os lados, como se procurasse alguém. O investigador aproximou-se dele.

— Você que entregou esta carta no hotel?

— Fui.

— Quem lhe mandou?

— Um moço, ele me deu cinco mango e prometeu dar mais cinco.

— Olhe bem, veja se vê ele.

O menino olhava à direita, à esquerda e para a praia, decepcionado.

— Acho que sumiu.

— Já conhecia ele?

— Não, senhor.

— Como ele era?

— Um garotão.

— Descreva a fisionomia dele.

— Nem deu tempo de olhar pro cara. Só me lembro da camisa.

— Por que da camisa?

- Por causa do que estava escrito.
- O que estava escrito?
- BEM-VINDOS AO RIO. É só do que lembro.

Walmor entregou a carta a Walter, que não sabia se a abria ou a passava para sua mulher. Abriu-a, porém, ele mesmo. Leu em voz alta.

Eu estou bem. Por enquanto. E nada acontecerá a mim ou à Patrícia se seguirem as instruções deles. Por favor, não permitam que a polícia apareça no momento do resgate.

Eles estão prevenidos e vão soltar um só para se garantirem. Depois que estiverem em segurança, meia hora mais tarde ou menos, soltarão o outro. Se algo acontecer aos que forem buscar o dinheiro, dizem que matarão um de nós.

Muitas saudades do Cláudio

Após um espaço havia um recado de Pat, que Walter também leu em voz alta.

Estou escrevendo para que saibam que estou viva. Façam o que estão pedindo e logo estarei com vocês. Queria escrever mais, mas não há tempo agora.

Um beijão da Pat para todos

— Quem entregou? — perguntou Walter passando a carta à Celina.

— Um garotinho que ia passando. Deram-lhe a carta e cinco mil cruzeiros — disse Walmor. — Foi um rapaz que usava uma camisa com uma legenda: BEM-VINDOS AO RIO.

— Parece que a polícia deve se manter mesmo por fora disso — disse Walter.

— Tem nossa palavra. A polícia só agirá se descobirmos o esconderijo deles antes do momento do resgate.

— Já conseguiram alguma pista?

— Hoje, o dono dum botequim, ao ver o retrato de Cláudio, teve a impressão de que o rosto não lhe era estranho. Um rapaz, parecido com ele, entrara em seu estabelecimento para pedir uma informação. Queria saber onde era certo museu.

— O do Catete, isso deve ter sido antes de conhecer Patrícia.
— Não, foi depois. Perguntei ao dono do botequim se ele procurava o museu do Catete, e ele respondeu que não, pois nesse caso saberia informar, já que é do bairro.

— Então, como é que ele não viu a garota?

— Pode ser que ela não entrou no botequim.

— Acha que isso pode servir como pista?

— Pode, se for ligada com outra coisa. Uma indicação sozinha quase sempre não esclarece nada. Mas quando se junta a uma segunda ou a uma terceira, às vezes soluciona um enigma que parecia sem solução.

Tocou o interfone. Segundos depois, Celina abriu a porta; eram os pais de Pat. Rogério trazia uma pequena mala preta.

— Já tenho o dinheiro — disse. — Alguma novidade?

— Apenas uma carta que chegou à portaria do hotel.

Confirme a letra de sua filha.

Rogério e Ana leram a carta.

— É a letra dela sem dúvida — disse Ana. — Ainda bem que estão vivos. Mas estariam bem alimentados?

É FÁCIL ROUBAR UM CARRO?

O Baixo e a Tereca levaram algumas frutas e meia dúzia de cocadas para os pássaros. Ele achou que seria suspeito comprar comida em restaurante. Ficaram algum tempo sozinhos no salão, quando ela lhe mostrou o lenço vermelho.

— Sabia que tinha um no barraco de tia Júlia.

— Não contou nada a ela, não?

— Conteí que tenho um namorado; menti que um dia a levaremos para São Paulo. A ilusão é a única coisa grátis que resta no mundo.

— São Paulo — murmurou Baixo. — Lá ninguém nos conhece. Estaremos tão misturados com o povo que nem nós nos lembraremos mais de quem somos!

Nariz, Baden e Aliás entraram, os passos ecoando no casarão vazio.

— Chegou a hora de fazermos a caranga — disse Nariz.

— Quem fica e quem vai?

— Só vamos três — decidiu o Baixo. — Eu, você e Aliás.

Nisso, muita gente atrapalha.

— Depois de fazer o serviço a gente telefona para o hotel.

— Telefona, não é bom andar por aí com caranga afanada.

Saíram para a rua a passos ligeiros, uma pressa para disfarçar a intenção. Estavam, porém, nervosos. Coragem não basta para substituir experiência.

— Que marca será melhor? — perguntou Nariz.

— Sei que deve ser grande. Num Fusca não caberíamos todos nós. Nem pequeno nem carrão de luxo, que o povão pára pra olhar. Vamos pros lados dum cinema. Assim a gente sabe que o dono está sentadinho lá dentro.

Andaram muitos quarteirões e pararam nas vizinhanças dum velho cinema. Havia, porém, muito movimento. Numa rua paralela viram um Opala dando sopa. Apenas Nariz aproximou-se, mas surgiu o dono, abriu a porta e entrou.

Duma esquina observaram uma fila de carros estacionados.

Passando rente deles, Aliás tentou abrir as portas. Todas fechadas.

— Será que nenhum cuca fresca esqueceu de fechar a porta?

— Às vezes fecham a porta e esquecem o vidro aberto — disse Nariz.

— Mas o tempo está um pouco pra chuva, ninguém esqueceria — ponderou o Baixo.

— Dizem que é fácil com um araminho.

— Só é fácil para os que sabem — disse o Baixo. — Vamos continuar procurando.

Uma hora depois já tinham perdido a conta do número de carros que tentaram abrir. Afinal Nariz encontrou um Chevette aberto perto duma mercearia. Entrou sozinho para fazer a ligação direta, enquanto Baixo e Aliás aguardavam na esquina. Nariz demorava, o que para eles era pior que dor de dente. Depois dum tempo Nariz saiu do carro e foi ao encontro deles.

— Esta é para rir mais tarde.

— Não conseguiu fazer a direta?

— Consegui, mas está sem gasolina. Por isso o deixaram aí com a porta aberta.

— Vamos continuar ou vamos desistir? — perguntou Aliás.

CLÁUDIO E PAT: CONFIDÊNCIAS À LUZ DE VELA Em sua cela-despensa, Cláudio e Pat mastigavam cocadas. Tereca dera-lhes uma vela acesa.

— Vamos ser libertados hoje? — perguntou-lhe Pat.

— Isso é com Deus.

Quando fecharam novamente a porta, Pat disse: — Não sei se é melhor ou pior com essa luz.

— É melhor, posso ver você.

Sem distinguir se aquilo era uma galanteria ou apenas uma frase, Pat comentou: — Ainda bem que estou aqui com você. Se estivesse sozinha, não sei se suportaria. Até então o maior susto que tive foi quando caí e destronei o braço. Pensei que o tivesse fraturado.

— Eu também nunca levei grandes sustos, mas me aborrecia à toa. Quando sair daqui acho que vou dar mais valor a uma porção de coisas. Talvez passe até a gostar de jiló, eu que detesto jiló.

Pat conseguiu esboçar um sorrisinho e perguntou em seguida: — Como é a sua namorada?

— Não tenho namorada — respondeu Cláudio.

— Mas já teve.

— Tive uma sim, colega da escola. Mas ela mudou de cidade. No dia da despedida, ela chorou muito e pediu que não deixasse de responder a suas cartas. E na mesma semana me mandou uma carta muito apaixonada e uma poesia.

— Você respondeu à carta?

— Claro. Mas ela não tomou a escrever.

— Sua carta pode ter sido extraviada.

— Quem disse que escrevi só uma? Escrevi cinco.

— Por que ela teria agido assim?

— Talvez por causa daquele ditado: longe dos olhos, longe do coração. — Pat riu, mas era a vez de Cláudio fazer sua pergunta: — E você, tem namorado?

À luz da vela, trêmula, a hesitação de Pat pareceu maior, espichando a ansiedade de Cláudio.

— Eu não sei.

— Como não sabe?

— Há um rapaz que mora em nossa quadra; a gente vai a bailes e cinemas. Quase sempre me telefona. Mas agora eu pergunto: Se é meu namorado, por que ainda não me lembrei dele uma única vez nesses dias? Deveria lembrar, não acha?

— É uma pergunta que só você pode responder.

— Acabaram as cocadas.

— Ouça, o tal Baden está tocando outra vez. Esta chama-se *Corcovado*. Eu gosto.

UMA FUGA DESESPERADA

Nariz, Baixo e Aliás já concluíam que ninguém mais no Rio de Janeiro deixava o carro sem antes fechar bem as portas e os vidros, quando Nariz deu sorte e a porta de um Corcel se abriu. Alguns transeuntes passavam pela rua, no bairro de Fátima. O cansaço vencera a prudência. Nariz entrou na caranga e começou a trabalhar na ligação direta.

Desta vez o Baixo e o Aliás nem foram até a esquina. Já era muito tarde, precisavam agir depressa.

— Não estou acertando — disse Nariz.

— Muita calma — aconselhou o Baixo. — Faça de conta que é apenas uma brincadeira.

Aliás, vendo Nariz muito atrapalhado, acendeu um cigarro. O Baixo assobiava uma música, olhando para o alto.

Os dois com ódio do tempo, que não passava, pingando lentamente os segundos. E nada de ouvirem o ronco do motor. Dentro, Nariz trabalhava, afobado, torcendo fios.

— A polícia! — avisou Aliás.

O Baixo olhou e confirmou: um Fusca com três policiais fardados ia parando.

— Saia! — ordenou a Nariz. — Já nos manjaram.

Nariz saiu depressa do Corcel, enquanto Aliás arrancava o gorro da cabeça e enfiava-o no bolso. Era de estimação, temia perdê-lo numa carreira. O Fusca parou no meio da rua, mas antes que os policiais saíssem, Baixo, Aliás e Nariz já corriam. Viraram a primeira esquina na toda, Nariz um pouco atrás. No meio da quadra pararam.

— Está vendo eles? — perguntou o Baixo.

— Não — respondeu Aliás. — Só quiseram assustar.

Estavam enganados; o Fusca dobrava a esquina.

Tinham preferido fazer a perseguição de carro.

— Eles! — berrou o Baixo.



*Dentro do carro, Nariz trabalhava, afobado, torcendo fios.
— A polícia! — avisou Aliás.*

— Não adianta correr, vão nos pegar — disse Aliás.
Aí Nariz precipitou-se: puxou o revólver e disparou dois tiros
contra o carro da polícia, que parou a uns cinquenta metros.
— Besteira! Agora também vão atirar!
Aliás viu um escuro espaço baldio do outro lado da rua.
Não sabia onde ia dar aquilo, mas atravessou, correndo.

Nariz e Baixo foram atrás. Antes de alcançá-lo já ouviram tiros. Diante deles tudo preto e o ruído de vegetação pisada.

O terreno teria o tamanho dum campo de futebol, mas não bom para correr devido aos buracos. Viram uma luz de mercúrio.

— Dá pra outra rua! — exclamou Nariz.

— Pode ser que deram a volta — alertou Aliás quando os três, ofegando, chegavam do outro lado. — Melhor espiar antes.

Dois tiros espocaram na escuridão.

— Ainda estão no baldio! — berrou Nariz. — Vamos correr.

Já na rua paralela voltaram a correr, Nariz à frente; não era comprida, mas antes que a dobrassem, o carro da polícia apareceu na outra ponta. O Baixo tropeçou em qualquer coisa e ficou para trás. Sentiu que não poderia continuar correndo. Parou totalmente, à porta dum edifício de poucos andares. O veículo policial passou por ele. Por alguns momentos ainda viu Nariz e Aliás em disparada. A passos lentos dirigiu-se a uma rua de maior trânsito, onde sem dificuldade apanhou um táxi. Desceu na esquina da Toca, à espera dos companheiros, mas sem saber o que lhes havia acontecido. Preenchia a espera com uma pergunta: Se prenderam Nariz e Aliás, o que devo fazer? Decidiu que nesse caso soltaria os pássaros, mesmo se Baden e os demais se opusessem.

Uns dez minutos depois, alguém com um gorro aproximou-se.

— Onde está Nariz? — o Baixo perguntou. — Apanharam ele?

— Não sei, nos separamos. E você, como escapou?

— Simplesmente parei, torci o pé.

— Eu vi um grupo de pessoas e me misturei com elas.

— Acha que grampearam o Nariz?

— A gente logo vai saber — disse Aliás. — Vamos esperar. Mas se ele não aparecer, eu caio fora dessa. Ele pode dar o serviço e aí estamos fritos.

Espera curta. Reconheceram à distância a camiseta de Nariz, que caminhava rente à parede. O encontro foi saudado com uma gargalhada. Mas a de Nariz era uma gargalhada cansada.

— Foi por um quase. Quando o carro já me alcançava, virei, correndo em sentido contrário. Os tiras ainda deram uns tecos, mas

o que dirigia não era bom de manobras. Tive tempo para entrar noutra rua. E sabem o que fiz? Peguei um ônibus.

— E agora, como vamos fazer? — perguntou Aliás.

— Não sei, não — disse Nariz. — Essa de puxar uma caranga acho que melou. O que diz, Baixo?

— Pior se um de nós tivesse se machucado. Mas amanhã a gente acerta. Já sei como devemos fazer para não nos complicarmos com chaves e ligações diretas.

UMA CAMISETA SERVE DE PISTA?

Os pais de Cláudio e os de Pat aguardaram até a madrugada o telefonema dos sequestradores. Ana e Rogério acabaram também se hospedando no Royal para facilitar os contatos. Na manhã seguinte logo cedo o investigador Walmor apareceu.

— Nenhum telefonema?

— Nenhum — respondeu Walter. — Por que será que não ligaram?

— Acho que sei por quê — disse o investigador. — Ontem eles tiveram um fracasso. Tentaram roubar um carro e não deu certo. Quase que a polícia os apanha.

— Como sabe que foram eles? — quis saber Rogério.

— Bem, é uma suposição. Os que tentaram o roubo eram três rapazes, um deles usando uma camiseta igual à do que entregou a carta ontem. Em ambas estava escrito: BEM-VINDOS AO RIO.

— Onde foi essa tentativa?

— Perto do Catete. Acho que eles vivem nesse bairro. Lá, pivetes também assaltaram uma loja e roubaram uma penca de camisetas. Todo nosso esforço está se concentrando por lá.

— Por que querem um carro? — perguntou Ana.

— Para a hora do resgate, quando entregarem os dois e apanharem o dinheiro. Isso não se faz de ônibus.

UMA CARTA FEITA DE LETRAS DE JORNAIS

Sebão não conseguia trabalhar direito. Só pensava nos dois pássaros e apostava que Nariz os mataria se as coisas não saíssem bem. Lia os jornais, levava um radinho de pilha para a rua e quando

estava em casa a primeira coisa que fazia era ligar a televisão nos noticiários. Sua mãe notou a apreensão.

— O que está acontecendo, filho?

— Nada. O que tem aí pra comer?

— Você acabou de comer dois pães com manteiga.

— Continuo com fome.

— Sabe o que é isso? Nervoso. Vi um médico falar na televisão que muita gente quando tem problemas só quer mastigar. O que houve? Conte. Não confia em mim?

Sebão olhou-a seriamente.

— Promete não falar com as comadres? Se a coisa vazar me matam.

— Prometo.

— Nem para o velho?

— É tão grave assim?

Sebão olhou para o televisor, que exibia os retratos de Cláudio e Pat.

— Sei onde estão aqueles dois.

— A menina e o menino sequestrados?

— Não vi eles, mas sei onde estão. Quiseram que eu participasse, por isso me afastei. Aquele que veio, o Aliás, me procurou para saber se eu ia manter o bico fechado. Disse que sim, e ele foi embora numa boa.

— O que pretende fazer?

— Nada, apenas a coisa está incomodando.

— Está certo, se der parte à polícia pode se implicar.

Você também já fez das suas e conhece o pessoal.

— Bem... eu não faria isso pessoalmente.

— Se escrever uma carta reconhecerão sua caligrafia. É quase como assinar.

Sebão olhou para o teto como se nele estivesse escrita uma sugestão.

— Isso pode ser feito com palavras de jornais coladas numa folha de papel. Acho que bastaria o retrato dos dois, o endereço onde estão, e embaixo: um vizinho.

Dona Isaura gostou, a idéia confirmava a regeneração do filho.

- Eu poderia pôr numa caixa do correio.
- O correio demora no mínimo um dia ou dois. Nesse tempo alguma coisa pode acontecer.
- E se eu deixasse a carta na caixa de esmolas da igreja? Metade boa, metade má.
- A igreja daqui? Não, perigoso pra mim.
- Então da igreja do bairro onde eles estão.
- Melhorou.
- E se a polícia não fizer nada até amanhã, a gente telefona. O padre de lá não me conhece.
- Aprovado. Sebão pegou o jornal.
- Mãe, a tesoura.

SONHOS DUMA NOITE DE VERÃO

O grupo do casarão passou o dia andando dum lado e de outro sem sair à rua. Na parte da manhã apenas Tereca saiu para comprar jornais e alimentos para os pássaros. A inquietação entre eles era muito maior que nos dias anteriores. Segundo os jornais, a polícia estava incansável no caso e possuía alguns indícios animadores.

- Que dicas são essas? — perguntava Baden.
- Tudo chute — garantia Nariz. — Ela não tem dica nenhuma.
- Muita gente já viu a gente entrar aqui — disse Tito. — Gente que sabe que o casarão tá abandonado.

Nariz fingia não se impressionar: — Amanhã não estaremos mais aqui. Cada um seguirá sua trilha. Vão pensando nisso, pivetes. Depois do pagamento será cada um por si Deus por todos.

Baden perguntou a Tito:

- O que vai fazer com a gaita, marginal?
 - Vou comer todos os doces que não comi nesses treze anos.
- Primeiro entro numa confeitaria e passo lá duas horas.

- Depois?
- Tenho uma irmã casada no subúrbio. Darei a metade pra ela. Talvez entre numa escola. É o que ela sempre quis.

Baden tirou a tarde para entrevistas: — Você, Baixo?

- Eu e Tereca vamos sair do ar. Temos planos. Coisas burguesas.
- O violonista riu:

— O que quer dizer isso, burguesas?
— Ouvi a palavra na televisão. Não sei direito o que significa, mas me parece boa.

Baden voltou-se para Aliás:

— Você, Aliás?

— Aliás ainda não pensei nisso.

Nariz falou antes que Baden lhe perguntasse: — Eu espalharei o dinheiro numa cama e dormirei em cima dele. A pausa que refresca.

Baden entrevistou Pequinhês:

— Você?

— Não sei pra onde ir — disse o caçula.

— Não tem pais ou parentes?

— Eu? Imagine!

— Nem um amigo da família?

— Eu fui deixado na rua, parece que numa lata de lixo.

Da lata, fui pra uma creche e depois pros institutos. Depois fugi. Depois mais nada.

Nariz perguntou:

— E você, músico?

— Bahia! — respondeu o violonista, cantarolando e acompanhando-se ao violão: — Oh! que saudades sinto da Bahia...

UM RECEIO A MAIS PARA OS PÁSSAROS

Na cela-despensa, Cláudio e Pat só tinham os olhos, um do outro, para olhar. A imobilidade velha daquelas paredes e daquela porta cansara, e o tempo parecia estar preso, algemado com eles. Seus olhos, o que restava de vivo naquele ambiente, estes sim, mudavam, ora expressando angústia, ora impaciência, ora esperança, ora medo.

— Acho que dentro de algumas horas estaremos livres — disse Cláudio.

— Sabe do que tenho medo? De que apanhem o dinheiro e nos deixem aqui até que nos descubram. Acho que morreríamos de fome e sede.

Essa possibilidade assustou Cláudio, que reagiu: — Nossos pais não entregarão o dinheiro se não nos soltarem. Nem pense nisso,

Pat.

Mas pensaram, e era um receio a mais, fácil de identificar nos olhos dos dois.

UMA CARTA PARA DEUS ENTREGAR

Dona Laura fingia rezar, apenas esperando que os poucos fiéis daquela hora concluíssem suas rezas. Quando restava somente uma velhinha, ajoelhada num dos primeiros bancos, ela aproximou-se da caixa e pela abertura enfiou a carta. A que horas e quantas vezes por dia retiravam as ofertas depositadas? Já cumprira sua missão. Deixou a igreja apressadamente.

UNS ESPERAM, OUTROS AGEM

No hotel Royal os pais de Cláudio e os de Pat continuavam aguardando o telefonema dos sequestradores.

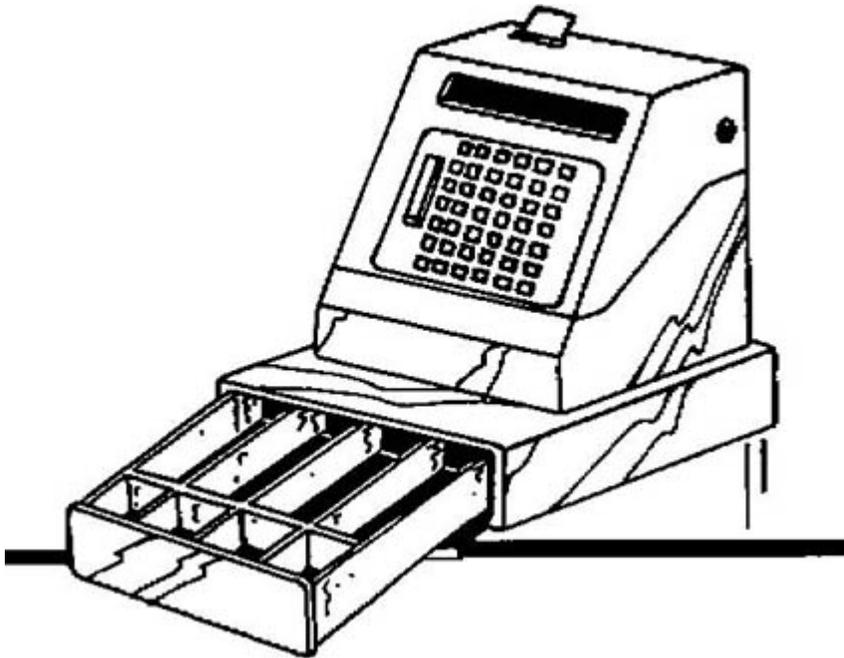
Tia Elisa passara algumas horas com eles e depois foi embora. A televisão permanecia o tempo todo ligada, e os quatro imobilizavam-se, atentos às primeiras imagens dos telejornais. Os retratos de Pat e Cláudio apareceram no vídeo diversas vezes, porém sem nenhuma informação tranquilizadora. Ana sentiu-se mal e teve de tomar calmante.

Celina, que também não era nenhuma fortaleza, precisou confortá-la.

Walmor movimentou-se o dia todo. De quando em quando telefonava para o investigador de plantão, no hotel.

Falara com o dono da loja assaltada. Um de seus funcionários, dias após o assalto, reconheceu um dos jovens assaltantes nas ruas do bairro. Tinha um nariz grande.

Outros estabelecimentos circunvizinhos também haviam sofrido assaltos. Com uma lista no bolso, Walmor visitou alguns. Nem todos os proprietários tinham tido contato com os delinquentes. Em muitos casos entraram depois das portas fechadas. Mas uma mocinha, que servia no balcão duma lanchonete, e que teve de abrir a registradora sob ameaça, lembrou: — Um era baixo e encorpado, parecia comandar os outros.



— Em quantos eram?

— Além desse baixo, havia um que usava gorro, meio loiro, e um menor, treze ou quatorze anos, que ficou na porta.

A este chamaram pelo nome, Tito. Não deixaram um cruzeiro na caixa.

Walmor saiu da lanchonete já com uma certeza: eles moravam no bairro; e uma pergunta já gasta de tanto repetir: Em que tipo de casa se reuniria um grupo de menores marginais? Mesmo morando em lugares diversos, teriam um local, secreto, para esconder os sequestrados. Walmor já excluía as favelas do naipe de habitações suspeitas. Manter duas pessoas num cárcere privado de madeira parecia improvável. Estariam sediados numa casa de cômodos, com a cumplicidade dos proprietários? Desde o início da tarde, casas como essas, do bairro do Catete e adjacências, estavam sendo visitadas. O delegado do distrito lembrara porões, muitas vezes alugados até ingenuamente para delinquentes.

Todas as residências da região que tivessem porões começaram a ser checadas. O que faltava? O quê?

ACABARAM AS PALAVRAS, COMEÇA A AÇÃO

Noite.

A psicóloga Olinda Ramos ia encostar seu Opala numa das ruas da Lapa quando lhe encostaram na cabeça a ponta dum cano de revólver.

— Desça calmamente — disse-lhe Nariz. — Seu carro reaparecerá ainda hoje e sem nenhum estrago. Vamos apenas dar um passeio pela praia.

A moça desceu, quase sem reação. Nariz, Baixo e Aliás entraram no Opala.

— Se eu fosse você nem avisava a polícia — aconselhou o Baixo. — Considere isso apenas um empréstimo.

Mal o carro saiu, a psicóloga caminhou meia quadra, entrou num restaurante e telefonou para a polícia.

*

Os pais de Cláudio e os de Pat estavam cansados de esperar quando o telefone tocou. Walter atendeu.

— O pai de Cláudio?

— Sim.

— A coisa vai ser esta noite. Já tem os duzentos?

— Tenho.

— Queremos que só uma pessoa compareça no local: o pai da garota.

— Por que só ele?

— Para que ele não faça besteira. Vamos entregar apenas o rapaz nesse encontro. O seguro morreu de velho, não? A menina a gente solta um pouquinho depois.

— Não podiam entregar logo os dois? A polícia não vai aparecer.

— Isso já está resolvido, não vamos gastar saliva. Agora tome nota do local. O negócio vai ser às dez e meia. Pegue lápis e papel.

*

A voz era de Aliás, o grupo queria que soubessem que se tratava duma quadrilha. Assim teriam mais cuidado. Mas o Baixo ficou a seu lado no orelhão. Voltaram para o Opala.

— Vamos agora para a Toca — disse o Baixo. — Mas não estacione em frente. Deixe na ruazinha ao lado.

*

Baden e os demais estavam inquietos à espera do trio.

Pequinês só queria saber de beber água. Quando ouviram o sinal, o violonista abriu a porta.

— Como foi tudo?

— Legal — respondeu Nariz. — Temos um Opala.

— Machucaram alguém?

— Foi na maciota. Arrumou a cordinha?

— Arrumei.

Reuniram-se no salão. O Baixo tinha algumas palavras a dizer.

— Prestem atenção! No Opala iremos eu, Nariz, Aliás e os pássaros. Aliás sentará atrás, junto à porta, do lado esquerdo. A garota na porta da direita e o garotão no meio.

Eu dirijo e Nariz fica com o revólver voltado pra eles, como se conversassem. Clarinho?

— Fale agora da turma do apoio — pediu Baden.

— Vocês vão num táxi, antes. Tereca fica no lugar do resgate. Não vá esquecer de tirar o lenço da cabeça se vir as coisas mal paradas.

— É melhor que Tito fique com ela — entrevistou Nariz. — A moça e seu irmãozinho. Assim afasta algum paquerador chato.

— O mesmo táxi — prosseguiu o Baixo — deixa o Baden e o Pequinês no ponto do encontro geral, onde dividiremos a grana.

Nariz retomou a palavra para acrescentar novo detalhe ao plano.

— Quando o Baixo e o Aliás descerem para fazer a primeira entrega, eu pego a direção, dou uma carona à Tereca e ao Tito e vamos nos reunir a vocês.

O Baixo estranhou:

— Não tínhamos acertado isso.

— Eu ficarei com Tereca — disse Nariz. — Se você bancar o esperto com o dinheiro, eu queimo Patrícia e sua doce namorada.

— Quer dizer que vou de refém? — perguntou Tereca, rindo.

— Mais ou menos — disse Nariz.

Baden tinha uma pergunta meio gaguejada para fazer: — E se a polícia aparecer e prender o Baixo e o Aliás? O

que a gente faz?

Nariz fez questão de responder esta.

— Se o Baixo e o Aliás demorarem mais de cinco minutos eu liquido a menina.

— Besteira — disse o Baixo. — Acho que nesse caso é libertar a garota e fim.

— Eu não vou pôr o pé na estrada sem uma desforra antes — disse Nariz. — Mas acabemos com essa conversa. A coisa ficou marcada para as dez e meia. Acho que o segundo escalão deve pegar o táxi às vinte para as dez. Nós partiremos uns quinze minutos depois. Concordam com os horários?

— Bem calculado — aprovou o Baixo, preocupado com o que Nariz pudesse fazer se o plano não funcionasse. — Agora vamos fazer um mapinha para que a turminha de apoio desça em lugar certo.

*

Assim que os sequestradores desligaram o telefone, Walmor, que ouviu tudo junto à telefonista, apareceu no apartamento.

— Ouviu? — perguntou Walter.

— Sim.

— Era outra voz, a terceira. São um bando mesmo. O pai de Pat renovou uma exigência: — Promete que a polícia não vai intervir?

— A promessa é do nosso delegado — disse o investigador. — A caçada só começará depois da libertação de Patrícia, creia. Aliás já temos uma boa indicação. Três menores roubaram um Opala branco. Tudo leva à conclusão de que foram eles. O tal da camiseta do BEM-VINDOS AO

RIO estava entre eles.

— E quanto ao esconderijo? — perguntou Celina.

— Há mais de vinte investigadores procurando. De hora em hora nosso delegado recebe informações. Percorremos pensões, casas de cômodos, porões e nada ainda.

— Vocês procuraram em casas abandonadas? — perguntou a mãe de Cláudio.

Os olhos do investigador brilharam.

— Casas abandonadas! Não havia pensado nisso! Com licença, vou telefonar à delegacia. É uma possibilidade a mais.

*

Baden parou um táxi. Ele, Tereca, Tito e Pequinês entraram. O Baixo aconselhou-os a conversarem sobre bobagens e que nenhum

citasse o nome ou apelido dos outros, a não ser falsos.

Na Toca o Baixo decidiu ter uma conversa com os pássaros. Assim que abriu a porta, disselhes: — Estamos no finzinho. Vamos soltar vocês.

— Nossos pais já pagaram o resgate? — perguntou Pat.

— Não, ainda. Iremos nos encontrar com eles. Primeiro soltaremos Cláudio, depois você. Mas tenham juízo. Nada de tentar fugir ou de chamar a atenção de pessoas nos outros carros ou nas ruas. Se merecerem nota dez, ninguém se machucará. Prometemos entregar vocês a seus pais vivos e sem arranhões.

— Quando isso vai ser?

— Já — disse o Baixo.

Nariz, que havia saído, encostou o Opala à porta da Toca. Quando viu pouco movimento, buzinou. Pat saiu ladeada pelo Baixo e por Aliás. Sentaram no banco traseiro, Aliás do lado esquerdo. Com uma cordinha amarrou, sem muita firmeza, as pernas de Pat, pouco acima dos tornozelos.

— Isso é para não tentar fugir. Mas você é inteligente, nem está pensando nisso.

Baixo e Aliás voltaram para a Toca. Haviam deixado Cláudio preso na cela-despensa. Mas só saíram do casarão quando ouviram nova buzinação. Cláudio e Aliás acomodaram-se no carro, este já com a cordinha para prender os tornozelos do sequestrado. Em seguida, o Baixo sentou-se à direção, enquanto Nariz, sentado a seu lado, virou o corpo todo para o banco traseiro, como se mantivesse uma conversa animada com os três. O Baixo pôs o carro em movimento.

Sorrindo, Nariz dizia a Cláudio e Pat: — Um movimento suspeito e dou um tirinho. Mas é melhor relaxar. Está tudo bem. Aproveitem para conhecer a cidade. É maravilhosa, não? Sabem, fiquei parado quando cheguei.

A PRIMEIRA ENTREGA

Um táxi levou o pai de Pat ao ponto do resgate. O motorista era da polícia, e ele sabia. Não podia correr o risco de lhe roubarem a maleta com os duzentos milhões. O

mesmo táxi, de bandeira baixa, faria depois algumas voltas pelo quarteirão. Essa era toda a participação policial permitida pelos pais dos sequestrados.

O táxi deixou Rogério no ponto dez minutos antes da hora marcada. Logo ao descer, as únicas pessoas que viu foi uma mocinha, com um lenço vermelho na cabeça de mãos dadas com um garoto. Pareciam esperar por alguém, impacientes. Apenas o menino pareceu notá-lo. Minutos depois foram até a esquina.

Rogério fumava pouco, mas desde que entrara no táxi já consumira quatro cigarros. O táxi que o deixou ali logo passou de novo. Do outro lado da rua, um bêbado andava com dificuldade. Parado diante duma casa cujas luzes se apagaram, ele sabia que aqueles seriam os mais lentos e terríveis minutos de sua vida, mas pensava também no sofrimento de sua mulher e dos pais de Cláudio. A ansiedade piorou quando viu em seu relógio que passavam dois minutos das dez e meia.

Procurou empurrar o tempo observando o bêbado, que quase não saía do lugar, e os raros carros que passavam. Não haviam escolhido um local deserto, apenas pouco movimentado. Ao olhar para a esquina, não viu mais a mocinha e o menino. Concentrou sua atenção naquela direção. Um Opala branco, lento, cruzou a esquina. Teve a impressão de ver a menina do lenço vermelho dentro dele.

Então, o momento.

Aproximaram-se dele três rapazes. Dois conduziam o do meio pelo braço. Um era baixo e o outro usava um gorro verde à cabeça. Reconheceu pelas fotos: o do meio era Cláudio.

O mais baixo falou:

— É o pai de Patrícia?

— Sou.

— Este é o Cláudio. A maleta — Rogério entregou-a. — Pesadínha, não?

— Quando soltam minha filha?

— Primeiro vamos contar e examinar o dinheiro. Há um derrame de notas falsas na cidade. Se ninguém nos perseguir a terá de volta em meia hora.

Sem dizer mais palavras, Baixo e Aliás afastaram-se, andando o mais depressa possível. Do outro lado da rua, o bêbado ficou mais lépido, apressando os passos. As luzes da casa que haviam se apagado acenderam-se e dela saíram dois homens. Dirigiram-se a Rogério.

— Somos da polícia. Não podíamos deixá-lo totalmente sozinho — e a Cláudio: — Você está bem, rapaz?

— Estou, sim.

— E a menina, onde está?

— Num Opala branco que me trouxe. Mas, por favor, não o persigam. O plano deles é soltar Pat assim que se sintam em segurança.

— Não faremos isso — garantiu o investigador, dando um pouco mais de tranquilidade ao pai de Pat.



— *Aqui está o Cláudio. Passe a maleta
e não tente nos perseguir.*

Rogério apontou o bêbado, já bem longe.

— Aquele homem é da polícia?

— É, sim — confirmou um dos investigadores. — Mas vai apenas espiar, não fará nada.

O táxi que trouxera Rogério brecou perto deles.

— Já estiveram aqui? — perguntou o motorista.

— Já — respondeu o investigador. Curioso, voltou-se a Cláudio: — Onde estiveram presos?

— Numa casa abandonada no bairro do Catete, mas não sei o número nem o nome da rua.

— Sua roupa está muito suja. Maltrataram você?

— Ela está assim porque tentei uma fuga — depois abraçou o pai de Pat. — Tudo vai acabar bem, seu Rogério.

*

O Baixo e o Aliás chegaram em poucos minutos ao local do encontro. Haviam corrido os últimos cem metros. Dentro do Opala estavam apenas Pat, Nariz e Tereca. Os outros, perto, procuravam encenar uma conversa sobre ídolos do *rock*. O Baixo entrou no carro com a maleta.

— Tudo bem até agora. Vamos dividir depressa.

Os demais aproximaram-se do carro.

— Cada pacote destes deve ter um milhão — disse Nariz.

— Um, dois, três, quatro, cinco. Isto é seu, Pequinês. Um abraço e um queijo. Enfie no bolso e suma.

Pequinês pegou o dinheiro e afastou-se um pouco.

— O meu — pediu Aliás.

— Eram dez, não?

— Era dez, mas quero mais. Estive em quase todas.

— Leva quinze, tiro cinco do Baden.

— Ele vinte e cinco e eu quinze?

— Vinte pra cada um. Um abraço e um queijo.

O Baixo ajudou a contar a parte de Tito e a de Baden.

Agora era tirar a dele e os dez de Tereca.

— Vamos cair fora, turminha brava — disse Baden, caminhando até a esquina.

Pequinês correu atrás dele.

— Posso ir com você?

— Vou pra Salvador. Mas venha. Só que tem uma coisa.

Antes preciso passar num lugar.

— Tá.

UMA FORTUNA SOBE O MORRO

Aliás foi subindo o Morro. Lá perto morava o Sebão.

Queria tomar uma cerveja com alguém que não estivesse envolvido, e contar tudo como acontecera. O gostoso ia começar. O que faria com o dinheiro? Puxa! Arrancara mais dez na última hora. Sempre ouvia falar em caderneta de poupança. Os vinte dariam para viver de juro? Não sabia, precisava ir a um banco para se informar. O que achava era que merecia um longo repouso. Subindo o Morro é que sentia como estava cansado. A tensão fora demais, daí a sede.

Alguém passou por ele e o olhou. Lembrou-se de que muitos o conheciam por causa do gorro. Aliás sem o gorro seria outra pessoa. E deixando de dizer *aliás* a todo momento, aí sim, ninguém mais o reconheceria. Arrancou o gorro da cabeça e jogou-o lá embaixo. Continuou a subir, pensando na tal caderneta de poupança. Diziam que ela multiplica o dinheiro, seria ou não seria?

Viu a casa de Sebão e uma luz na sala. Ele fora um bobo, teria tido sua parte se não tivesse caído fora. A porta estava aberta. Entrou. Sebão estava sentado com os olhos fixos na televisão. Nem percebeu a presença de Aliás.

— Eu já sei como acaba essa novela.

Sebão olhou para trás, viu Aliás e saltou de pé.

— Você? Onde estão os outros?

— Todos em cana — brincou Aliás.

— Como assim?

— Crocodilagem da grossa. Alguém deu o serviço.

— Não fui eu — disse Sebão sem conseguir sair do susto. — Juro que não fui eu.

— E eu estou dizendo?

A mãe de Sebão, Isaura, que estava noutro quarto, apareceu na sala. Ao ver Aliás começou a tremer, os lábios mais que tudo. O quadro ficou esquisito, mãe e filho assustados como se vissem um dragão. Para Aliás a brincadeira acabou ali.

— Meu filho não delatou ninguém, ninguém, ninguém — ela se pôs a gritar.

— Ah, ela sabia? Já tinha começado a piar, gordo? Ou foi ainda mais longe? Vamos, Sebão, conta a história.

Desembuche.

Sebão ficou corajoso.

— Isso mesmo. Mandeí um plá à polícia. Fiquei com pena daqueles dois. Se veio pra acertar, estou aqui.

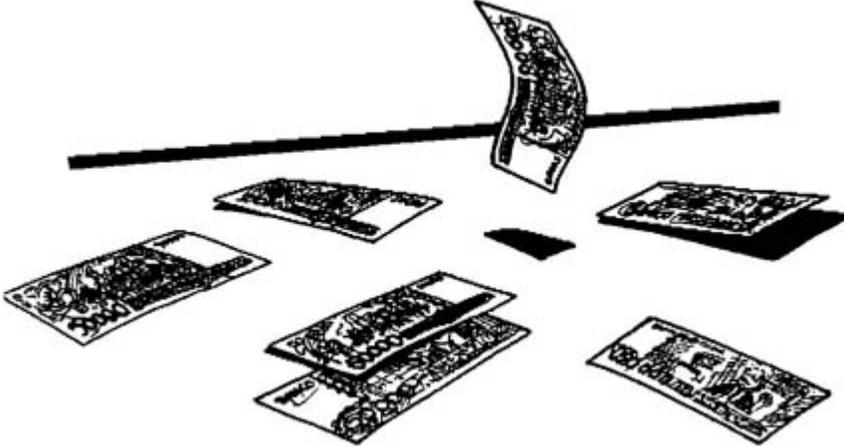
Aliás não entendia; a polícia não havia chegado e estava belo-belo com vinte no bolso. Mas, pelo jeito, escapara por aquilo que chamam de triz. Não era de arrebentar ninguém; ia só dar uns bofetões. Foi o que fez. A cara gorda do Sebão era boa para isso. Deu um, deu outro e ia parar quando o engraxate lhe deu o maior pontapé na coxa. Revidou com socos, um no ar, outro no estômago. Levou uma joelhada na lateral que quase perde o equilíbrio. Teve de levar mais a sério para não perder a parada. Partiu para a violência total, mas Sebão o segurou, e a luta, expandindo-se, tomou a sala inteira.

Dona Isaura foi à janela, pondo-se a gritar por socorro.

— Estão matando meu fiiiiiiiilho! Salvem o meu fiiiiiiiilho!

Aliás procurava lembrar-se de todos os golpes sujos para castigar o gordo, que se agarrava a ele, impedindo seus movimentos. O receio de Sebão era que o outro tirasse alguma arma do bolso, já que fora lá para vingar-se. O

engraxate nunca fora bom de briga, porém sabia segurar e fazer uso de seu peso. Quando se atracavam de encontro a uma mesa, o dinheiro do sequestrador começou a cair pelo chão, logo pisado e espalhado. Isaura correu para impedir



que o televisor, ameaçado, despencasse. Nisso viu o dinheiro jorrando dos bolsos da calça de Aliás.

Primeiro chegou um homem com um guardanapo no pescoço, depois outro, vestindo um pijama, depois o vendeiro dum quiosque, vizinhos de dona Isaura. Mas tanto esses quanto outros que iam chegando à porta e à janela olhavam mais para o dinheiro que para os rapazes brigando. Jamais se vira naquele morro fortuna igual.

— Esse moço que raptou aqueles dois garotos! — gritou Isaura. — Esse deve ser o dinheiro do resgate!

Então, sim, os vizinhos movimentaram-se para segurar Aliás. Fácil, porque já estava exausto. Apenas quando viu o outro dominado é que Sebão notou o dinheiro esparramado pela casa.

— O que foi? — perguntou a Aliás. — Pagaram o resgate?

— A polícia não chegou, eu estava brincando — disse Aliás.

A essa altura dezenas de curiosos acotovelavam-se diante da casa. Briga e dinheiro sempre são grandes atrações.

Dois guardas foram entrando.

— Que é isso? — perguntou um dos guardas. — Alguém ganhou na esportiva?

Dona Isaura pegou um jornal com uma grande reportagem sobre o sequestro.

- É dinheiro disto aqui, moço. O magro é um deles.
- É o gordo?
- É meu filho, um trabalhador — acrescentou apontando orgulhosamente sua caixa de engraxate.

ENQUANTO ISSO

Assim que Baden, Aliás, Tito e Pequinês tomaram seu destino, o Nariz e o Baixo voltaram a fazer a divisão.

— Não acho justo você ficar com noventa e eu só com quarenta — disse o Baixo.

— Tem os dez da Tereca.

— Mesmo assim. Eu bolei quase tudo e fiz o pior, entregar o garoto.

— Mas a idéia foi minha. Tudo nasceu da minha cabeça.

Tereca, sentada ao lado de Pat, olhava pela janela do carro.

— Estão vendo aquele bebum? Ele estava lá na rua do resgate. Pra mim o cara é tira.

Nariz girou a chave do carro: — Vamos dividir o resto mais além.

BADEN E PEQUINÊS: O QUE FIZERAM COM OS MILHÕES

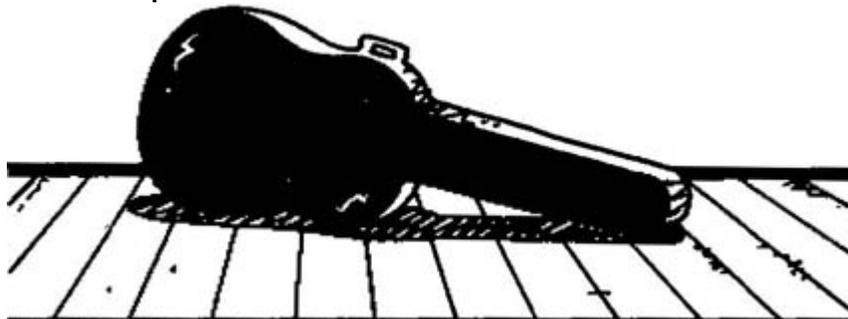
Baden e Pequinês pegaram um táxi. Desceram no Catete.

— Onde vamos? — perguntou Pequinês.

— Esqueci o violão. Vou apanhar na Toca.

— Não tenho coragem de entrar lá — confessou o garoto.

— Eu espero.



Baden empurrou o portão e entrou. Só se podia fechá-lo por dentro. Estava muito escuro, mas sabia andar pela Toca até com os olhos vendados. Foi para o depósito, ainda cheio de camisetas e

outros produtos furtados. O que lhe interessava era o violão. De um novo talvez não gostasse tanto. O tal valor estimativo. Passou os dedos pelas cordas.

Bom som.

— Qual vai ser o primeiro número?

Baden olhou: três faroletes.

— Quem são vocês?

— Os novos inquilinos.

Baden tentou rir.

— Ah, amigos do alheio... Fiquem com tudo. A mim só interessa esta parte da mobília. Um abraço e um queijo.

Ia sair, mas se sentiu cercado pelos três faroletes.

— Deixe-nos ver o que tem nos bolsos. Se estiverem vazios talvez lhe daremos algum — a voz e as mãos eram do investigador Walmor. Foi retirando maços de dinheiro da roupa do violonista. — Onde toca? No Canecão? Pagam bem lá, não? Quanto tem aqui?

— Vinte. Fiquem com dez e não se toca mais no assunto.

— Seu nome?

— Me chamam de Baden.

— Tenho alguns discos seus. Nunca pensei que um dia iria prendê-lo.

— São da polícia?

— Chegamos a três minutinhos. Onde estão os outros?

— Não sei. Rompi com eles.

Walmor algemou-lhe os pulsos.

— Provavelmente por questões morais, não?

Os três investigadores foram levando Baden para fora do casarão, um deles levando o violão. Pequinês estava diante do portão. Ao ver Baden algemado, com os três homens, ficou paralisado por uns instantes e depois começou a correr. Dois investigadores o perseguiram. Mas ele não foi longe. Um carro o apanhou e o jogou na calçada, não muito distante da Toca.

— Era um dos seus? — perguntou Walmor.

— Era.

— Está morto — disse um dos investigadores ajoelhado ao lado do garoto.

Formou-se uma pequena aglomeração. O homem que dirigia o carro estacionou logo além e aproximou-se quase desesperado.

— Não tive culpa, não tive culpa — foi dizendo.

— Calma, moço — disse-lhe Baden. — Quando ele nasceu foi jogado numa lata de lixo. Já está acostumado com as coisas que acontecem na rua.

POR QUE NÃO SOLTAM PAT?

Nariz dirigiu o Opala mais uns cinco minutos.

— Pare, Nariz. Vamos soltar a moça. Tereca, desamarre as pernas dela.

Tereca obedeceu prontamente, ansiosa por abandonar o carro, e Pat pôde respirar melhor com as pernas livres.

Nariz breçou o Opala perto duma esquina, olhando, aflito, para todos os lados.

— Vamos dividir o dinheiro — disse o Baixo.

— Ainda não, mais além.

— Então, soltemos a moça.

Nariz expôs seu receio:

— Se a gente soltar agora, num minuto este quarteirão estará cercado. Pensa que são bobos? Com ela aqui estamos mais garantidos. Vamos espirrar daqui — disse, pondo o carro em movimento e ligando o rádio.

— Para onde vamos?

— Zona Sul, no movimento estaremos mais protegidos.

Cinco minutos depois o rádio deu a primeira notícia sobre o resgate. Todos ouviram em silêncio:

Cláudio Menezes já foi entregue pelos sequestradores, mas Patrícia continua nas mãos deles. Já se sabe que usam um Opala branco, roubado hoje à tarde em pleno centro. Mas estão chegando algumas notícias quentes: aguardem.

— Viu? Já sabem que estamos num Opala — disse o Baixo.

— Só paro na Zona Sul — respondeu Nariz. — Onde a gente possa entrar num táxi. Entendeu, baixinho?

QUE BOM! CLÁUDIO REVÊ SUA MÃE!

Quando Cláudio entrou no 432, seus pais correram para abraçá-lo. Mas Ana não participou da festa, nervosa.

— E Patrícia?

— Acho que já devem ter soltado. Seu marido ficou com os policiais. Vim num táxi dirigido por um investigador.

Celina abraçava Cláudio e chorava.

— Como você está sujo!

— Sujei a roupa num telhado. Tentei fugir ontem à tarde.

Ana só queria fazer perguntas: — Patrícia está bem?

— Está, sim.

— Não maltrataram ela?

— Não, só queriam o dinheiro.

— Onde vocês estiveram todos esses dias?

— Numa casa abandonada no bairro do Catete.

— Quem eram eles? — quis saber seu pai.

— Um bando de menores. Havia até uma mocinha na quadrilha.

— Vocês se alimentaram? — perguntou Celina.

— Muito mal, só comemos sanduíches, algumas frutas e cocadas.

Gostaria agora de tomar um banho e de trocar a roupa.

— Sua mala está aqui, neste apartamento — disse Celina. — Se soubesse como sofreremos nesses dias!

Ana, ainda muito nervosa, largou-se numa poltrona.

— E este telefone que não toca!

COMAM DOCES, TITO PAGA

Assim que pegou seu dinheiro, Tito se afastou ligeiro e apanhou o primeiro ônibus que passou. Nem sabia seu itinerário. Sentado, esqueceu logo de tudo. Fixou-se no presente, representado pelos seus bolsos inchados. Nunca tivera nem imaginara ter tanto dinheiro. Fez a viagem de ônibus sorrindo, até o ponto final, no velho centro do Rio. No primeiro telefone fez uma ligação.

— Mana, aqui é o Tito!

— Você, o desaparecido!

— Estou indo pra casa, mana. Sabe da melhor? Ganhei na esportiva. Mas nada de bilhões. Apenas quinze tijolos.

Estão aqui, comigo, nos quatro bolsos.

— Ganhou de verdade?

— Ganhei, sim, juro que não foi daquele jeito. Me espere. Vou comer uns doces e me piro. Um abraço e um queijo.

Desligou, feliz. Foi andando pela Cinelândia, dono da cidade. Amava o Rio desde que chegara do interior do Estado.

Naquele centrão, pegando e correndo, começara a roubar. Às vezes, só para comer doces. Por sinal lá estava uma confeitaria. Entrou e foi logo pondo a mão numa bomba de chocolate. E aquele de nozes? Antes daria um ano de vida por ele, agora poderia comer quantos quisesse. Enfiou um na boca. O dentista do instituto dizia que doce provoca cáries nos dentes. Besteira. Viu um todo coberto de cerejas. Comeu dois numa vez. A seu lado Tito notou dois garotinhos morrendo de inveja. Seu coração falou.

— Querem doces? Podem pegar. Eu também já fui pobre e sei o que é isso. Sirvam-se.

Os garotinhos gostavam de doces tanto ou mais que ele.

O dono ou gerente da confeitaria aproximou-se, preocupado: — Quantos doces já comeram?

— Uns doze.

— Sabe quanto custa cada um?

— Depois você me diz, agora estou ocupado.

— Tem dinheiro para pagar isso? Esse de cereja é mais caro.

Tito irritou-se:

— Dinheiro não é problema. Vocês vão querer mais? O de chocolate é o máximo!

Os dois garotinhos não esperaram que reforçasse o convite. E logo um terceiro menino surgiu ao lado deles.

— É festa? — perguntou.

— É festa — confirmou Tito. — Coma também.

O dono ou gerente da confeitaria já fora muitas vezes vítima desse tipo de assalto: meninos que se fartam de doces e depois correm para a rua. Aquele maltrapilhozinho não teria dinheiro para fazer tanta despesa. E sua generosidade era de quem não pretendia pagar a conta. Quem paga, conta os doces que come ou que oferece. Foi até a porta e fez um sinal para alguém.



*Tito estava com a boca cheia,
não comera tantos doces nem no casamento da mana.*

Tito estava com a boca cheia, não comera tantos doces nem no casamento da mana. Os outros esfomeados já haviam devorado toda uma bandeja de floresta negra. Para ele aquilo não era bem uma extravagância, era uma despedida. Dentro de uma hora, já na casa da irmã, começaria sua vida de menino direito.

O dono ou gerente da confeitaria aproximou-se dos garotos acompanhado dum homem engravatado. Este perguntou:

— Eh, garoto, com que dinheiro vai pagar isso?

Tito achou que já era momento de parar.

— Pessoalzinho, chega.

— Contou os doces? — perguntou, preocupado, o dono ou gerente da casa.

— Leva cinquenta, está bom? Nós quatro comemos uns trinta.

— Mostre o dinheiro — ordenou o homem de gravata.

Tito tirou um maço de dinheiro do bolso. A essa altura, o da gravata olhava para seus quatro bolsos, recheados. Era mesmo de chamar a atenção. Apalpou-os.

— O que é isso? Assaltou um banco?

— Ganhei na esportiva — disse Tito, já apressado.

Os três meninos correram para a rua.

O da gravata segurou Tito fortemente pelo braço.

— Tudo bem, filho. Vamos para a delegacia.

— Eu não roubei isso! — protestou Tito.

— Não roubou, mas pode ter fraudado o imposto sobre a renda. O ministro da Fazenda vai ficar muito zangado.

Tito tentou se livrar dos dedos que lhe apertavam o braço, mas o dono ou gerente da confeitaria e um balconista o dominaram facilmente.

— Felicidade de pobre dura pouco — murmurou Tito.

MÁGICA: O CARRO BRANCO FICA PRETO

Nariz continuava dirigindo o Opala rumo à Zona Sul. A seu lado, o Baixo protestava: — Pare o carro pra gente dividir.

— Sei o que faço, Pouca Sombra — respondeu Nariz.

O Baixo não gostava que o chamassem assim. Sentiu que o que Nariz queria, mais que tudo, era o comando.

Ouviram os acordes musicais que anunciavam o noticiário.

— Atenção! — exclamou Tereca. — Vão falar.

O noticiarista:

Patrícia ainda não foi libertada pelos sequestradores.

Mas dois já foram localizados e presos pela polícia.

— Ouviram isso? — bradou Nariz.

Ainda o rádio:

São menores delinquentes com inúmeras passagens pelos reformatórios e igual número de fugas. Apenas conhecemos seus apelidos, Baden e Aliás. Um terceiro, de doze ou treze anos, ao tentar escapar, foi atropelado por um carro. Teve morte instantânea. Seu apelido era Pequinês.

— Estão vendo? — gritava Nariz. — Estavam o tempo todo em nossa cola. Em menos duma hora já pegaram três. E

se não nos grampearam até agora é porque estamos com a garota. Ela é nosso escudo. Sem ela por perto a gente se ferra.

Agora era Tereca que estava com medo: — Vão nos apanhar de qualquer jeito!

— Enquanto estivermos com ela, não!

— Assim que chegarmos à Zona Sul você pára? — ela insistiu.

— Não, estou com outra idéia — disse Nariz.

— Que idéia? — perguntou o Baixo.

*

Rogério estava na delegacia. Tomara muito café e fumara vários cigarros à espera de notícias sobre a filha.

— Quarenta e cinco milhões já foram recuperados — disse o delegado. — E foi preso mais um garoto que talvez esteja envolvido no caso.

— O que eu quero é minha filha — desesperava-se Rogério.

— Não vamos perder os sequestradores de vista — garantiu o delegado. — Estão sendo seguidos com cautela.

Recebemos um rádio informando que se dirigem aqui pra Zona Sul. E todas as estradas estão fechadas para os Opalas brancos.

— Meu medo é que a matem — falou Rogério.

— Não vai acontecer — disse o delegado. — Eles só querem escapar.

*

O Opala branco surgiu, lento, numa pequena praça mal iluminada. Parou perto dum Chevette preto, dentro do qual um jovem casal namorava. O cano dum revólver foi encostado na cabeça do namorado.

— Desçam depressa — ordenou Nariz. — Trata-se duma troca. Podem ficar com meu Opala. Gasta muita gasolina.

O casal de namorados saiu assustado. Nariz empurrou Pat no banco traseiro. Ele e o Baixo ocuparam o dianteiro, porém Tereca não entrou no carro.

— Aqui eu fico — disse. — Baixo, depois você leva a minha parte. Vou assistir ao final desta novela pela televisão.

Nariz deu a partida. O Baixo olhou pela janela, viu o casal de namorados e Tereca, que desaparecia andando apressadamente.

Pat, muda o tempo todo, pediu: — Me deixem descer agora.

— Você não me dá ordens, garota! — respondeu Nariz.

— Sei quando devo soltá-la.

— Logo a gente dá uma paradinha — tranquilizou-a o Baixo.

Nariz ligou o rádio quando uma emissora noticiava: *Outro sequestrador acaba de ser detido numa confeitaria, garoto de treze anos. Nos bolsos levava quinze milhões de cruzeiros, sua parte no sequestro. Patrícia, porém, ainda não foi libertada, de acordo com a promessa, tendo desaparecido num Opala branco.*

— Tito! — exclamou Nariz. — Que calhorda! Imagine se é hora para comer doces!

— Cuidado, não corra tanto!

— Confie no motorista, Pouca Sombra. Agora, noutra carro, estou me sentindo o bom! Vamos voar!

PERSEGUIÇÃO NA ZONA SUL

O delegado dissera a verdade: seguido à distância, o Opala branco foi encontrado na pequena praça por uma viatura. Os namorados ainda estavam lá. Ao ver os policiais, agitaram os braços.

— Levaram o meu Chevette — disse o namorado. — Os ladrões estavam nesse Opala.

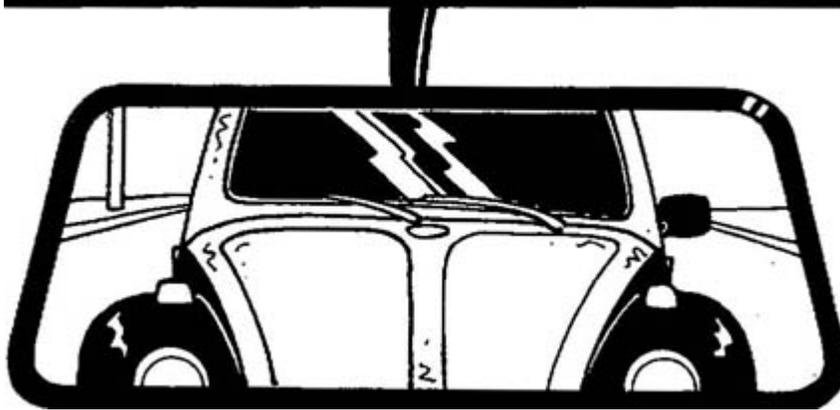
— Viu alguma mocinha com eles?

- Duas. Mas uma desceu e foi embora.
- Diga agora a cor e a placa de seu carro.

*

Cláudio, já tendo tomado banho e trocado a roupa, apareceu diante dos pais e de dona Ana, todos aguardando notícias pela televisão e pelo rádio também. Havia lá outra mulher, tia Elisa, que foi apresentada ao rapaz.

- Já se sabe alguma coisa de Pat? — perguntou.



— Não ainda — disse Walter. — Mas quatro sequestradores já foram apanhados.

— Por que será que não soltam Pat? — indignou-se Cláudio. E de repente sentiu um medo crescente de não vê-la nunca mais.

*

— Que tal estão achando a maciota? — perguntou Nariz.

Já na Zona Sul, em Ipanema, sentindo-se seguro no Chevette, Nariz tirou o pé do acelerador.

— Acho que já pode parar para fazer a divisão e soltar a moça.

— Não seja mal-educado, Pouca Sombra. Vamos mostrar o Rio a ela. Dê uma olhada na praia, Patrícia. Em Brasília não tem disso. A gente podia levá-la ao Pão de Açúcar. Como é que chamam mesmo aqueles caras que andam com os turistas? Um nome engraçado. Ah, lembro!

Cicerone. Acho que eu dava pra isso.

O Baixo, não tão calmo como o Nariz, olhava para os lados e pela janela traseira. Sua voz saiu soprada.

— Nariz, acho que são eles!

O motorista olhou pelo retrovisor.

— Será que estão atrás da gente? — perguntou Nariz, subitamente aflito.

— Dê passagem pra eles.

Nariz conduziu o carro bem para a lateral, mas o Fusca policial não passou. Quase emparelhou-se com o Chevette.

— Estão olhando pra gente! — disse Nariz. — O jeito é correr.

Nariz pisou fundo no acelerador, fazendo os pneus rangerem. Pela janela traseira, o Baixo viu o Fusca também na velocidade. Mas havia trânsito e Nariz tinha de costurar. O

Baixo voltou-se para Pat:

— Segure-se bastante, garota!

Ao tirar uma fina dum Mercedes estacionado, Nariz quase perde a direção, mas não se tornou mais cauteloso por isso. Estava apavorado e com raiva do azar. O Baixo, sempre olhando para trás, ia dizendo se o Fusca estava mais longe ou mais perto.

— A gente já se livrou deles?

— Que nada, estão querendo atirar no pneu!

— Pare! Pare! — gritava Pat.

— Cale a boca! Ninguém vai parar!

Estavam em Copacabana, o trânsito ia se intensificar mais. O Baixo olhou e viu o Fusca bem perto.

— Estão colando, entramos pelo cano. O melhor é encostar e tentar fugir com a maleta.

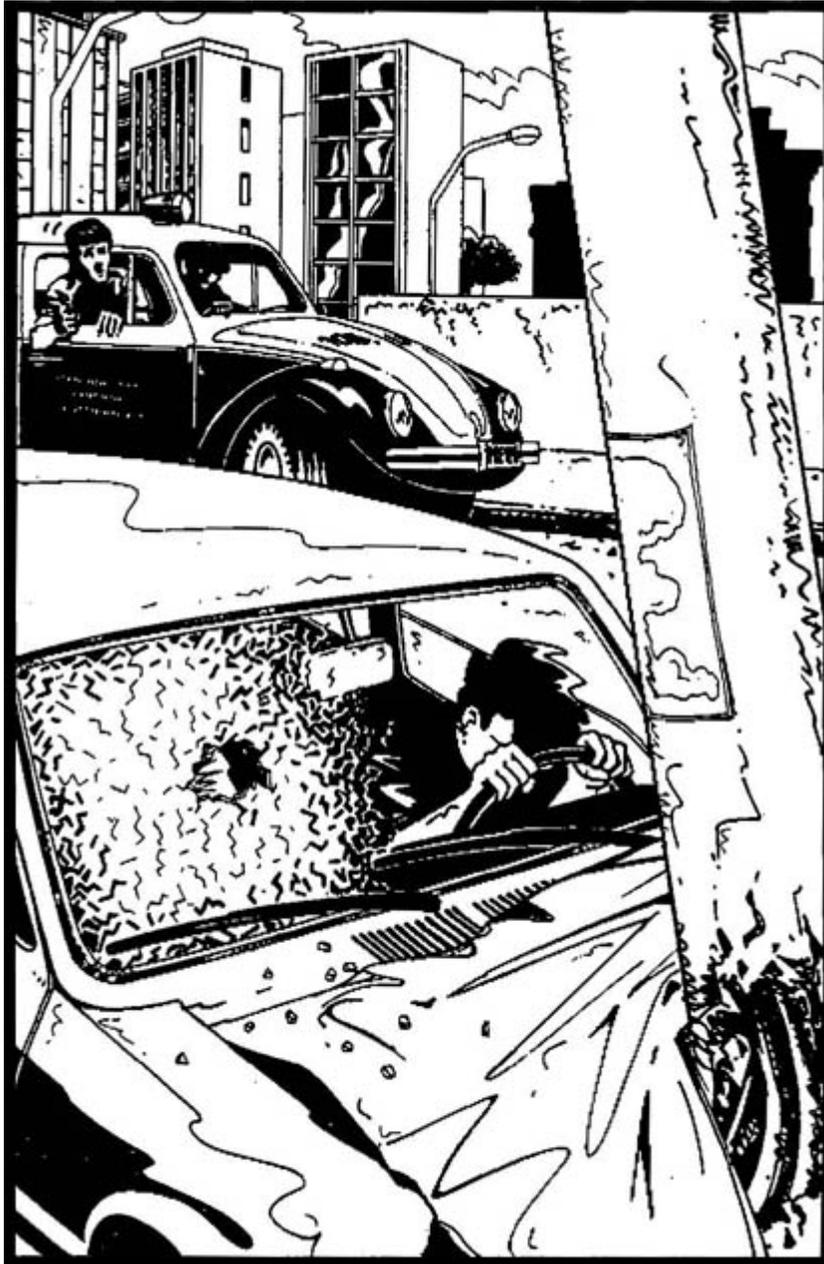
Nariz viu um bom espaço aberto em sua frente, acelerou. Aí aconteceu qualquer coisa, o pneu furou ou foi alvejado. O Chevette, como se rodopiasse numa pista de gelo ou como um toureiro incapaz de escapar dos chifres do touro, bateu noutro carro e depois estourou de encontro a um poste.

O Fusca da polícia também encontrou dificuldade para breicar sem se chocar com o carro dos sequestradores. Parou muito adiante. Três policiais correram para o local do desastre. A primeira coisa que viram foi uma mocinha tentando abandonar o veículo.

— Você é a moça sequestrada?

— Sou — respondeu Pat.

- Está ferida?
- Não sei. Estou tonta.



*Por um descuido, Baixo encontrava ali o seu fim,
e Nariz era forçado a abandonar seus sonhos.*

O que viajava do lado do motorista sofrera todo o impacto, imóvel e ensanguentado. Um dos policiais o examinou.

- Parece morto.
- E o que dirigia? — perguntaram a Pat.

— Fugiu com a maleta do dinheiro — disse ela.
Outro Fusca da polícia parou ao lado.
— Pegaram todos? — perguntaram.
— Um escapou com uma maleta com o dinheiro, mas deve estar perto. Vamos procurá-lo. Alguém fique com a menina e se comunique com a central.

FELIZ ANIVERSÁRIO, NARIZ!

Na confusão que se estabeleceu, Nariz correu com a maleta para o outro lado da avenida. Entrou num cinema.

Felizmente, véspera de feriado, havia sessão da meia-noite.

Pouca gente na sala. Pôs o tesouro no chão e fixou o olhar na tela. Filme de banguê-banguê e dos bons. Conseguiu acompanhar o enredo, mas sem esquecer que, segundo seus cálculos, estava com cento e quarenta milhões. Aquela noite realizaria o sonho de dormir sobre um colchão de dinheiro.

Terminada a sessão, Nariz levantou-se e foi saindo com a maleta. Com naturalidade. Achou que seria ainda mais natural se assobiasse. Lembrou uma das prediletas do Baden e pisou a sala de espera, quase vazia.

Um homem sorridente se aproximou dele e abraçou-o, um abraço para imobilizar movimentos. Era Walmor. Outro investigador arrancou-lhe a mala da mão, enquanto o próprio Walmor lhe tirava o revólver. Havia dois outros por perto.

— Gostou do filme? — perguntou Walmor.

— Como souberam que estava aqui?

— Você não poderia ter se afastado muito. Começamos a fazer perguntas. Até chegarmos ao bilheteiro do cinema.

Como não há outra porta, esperamos.

— E ele viu eu entrar com a mala.

— Não, ele não viu a mala, Lembrou-se do BEM-VINDOS

AO RIO de sua camiseta. Você trocou de carro, mas se esqueceu de trocar de camisa.

— Ninguém é perfeito. O que aconteceu ao Baixo, o que estava comigo no carro?

— Morreu — respondeu Walmor.

— E a garota?

— Teve muita sorte. Nem um arranhão.

Já no carro policial, Walmor disse a Nariz: — Você merece uma grande pena. Mas o fato de ser menor vai livrá-lo outra vez.

— Espera — lembrou Nariz. — Que dia é hoje?

— Dia 5.

— Se não estivesse preso, convidaria vocês para uma cerveja. Hoje faço anos. Agora sou maior de idade. A cana vai ser brava.

QUAL FOI O PIOR MOMENTO?

A chegada de Pat com seu Rogério no apartamento 402 do hotel Royal foi uma festa. Todos abraçaram Pat e depois todos se abraçaram. O abraço mais longo foi de Cláudio. Aí houve uma invasão: jornalistas e repórteres da televisão para gravarem uma entrevista com os dois. Profissionais que Cláudio e Pat conheciam há muito tempo, pelo vídeo, gente famosa, estava ali para lhes fazer perguntas. Cada um aguardando sua vez.

Cláudio e Pat mostraram-se muito mais desembaraçados do que sempre foram. Quem passara pelo que haviam passado não podia ter medo de câmeras e microfones.

— Qual foi o pior momento que vocês enfrentaram?

— Quando Cláudio tentou fugir e eu, presa no quarto, não sabia se ele tinha conseguido ou não — respondeu Pat.

— Meu pior momento foram estas últimas horas. Eu, já livre, aqui no hotel, sem saber o que acontecia com Pat.

O entrevistador sorriu maliciosamente.

— Um preocupando-se com o outro. Não sei o que ainda vai acontecer com esses dois...

TERECA, À JANELA, VÊ O SEU DESTINO

No dia seguinte logo cedo, ouvindo o rádio, Tereca ficou sabendo de tudo. Estava na casa da tia, vendo os carros passarem na estrada, só o que havia para fazer lá. Aproveitou que a velha Júlia fora comprar café para chorar, mas sem ruído, apenas deixando as lágrimas rolarem pelo rosto. A morte do Baixo era a última coisa que podia esperar. Então, fatos assim, tão inesperados, acontecem? Pena

que somente agora, através da notícia do rádio, descobria que gostava muito dele. Teria de revivê-lo pelas recordações.

A tia entrou com o nada de café que foi comprar. Estava feliz.

— Não esperava que voltasse tão cedo, Tê.

— Acho que vou passar algum tempo com a senhora.

— E quando vai viajar?

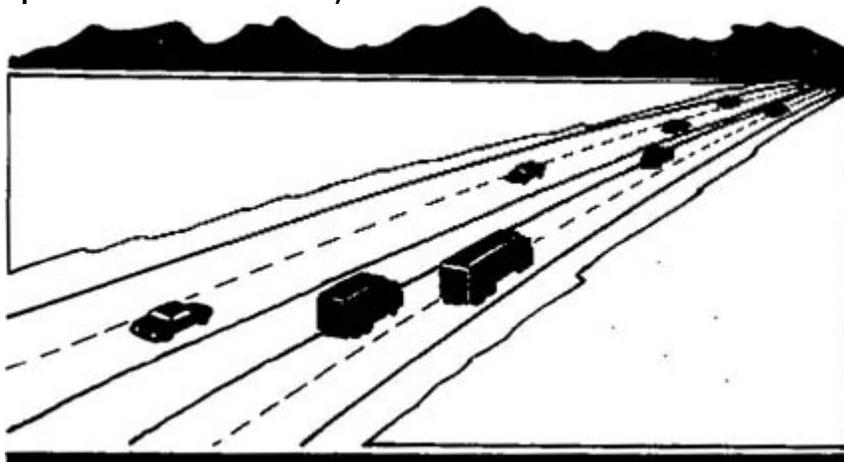
— Não sei, tia. As coisas mudam. Talvez não vá.

A velha da casa na estrada ensaiou um sorriso tímido.

Aproximou-se da sobrinha com esperanças.

— Se não for, ficará comigo? Aqui não é tão mau. A gente se entretém com os carros que passam.

Tereca olhou pela janela e não como quem promete, mas como quem cumpre seu destino, disse: — Ficarei, sim. Claro. Eu gosto daqui. Estou de volta, tia.



A VOLTA DA CAMISETA: BEM-VINDOS AO RIO

No dia seguinte, feriado, todos levantaram tarde.

Cláudio ficou muito contente ao saber que os pais de Pat estavam hospedados no mesmo hotel. As duas famílias tomaram o café da manhã juntas.

— Eu queria propor uma coisa — disse Walter ao pai de Pat.

— Diga.

— Recebemos nosso dinheiro de volta, não?

— Não perdemos um único cruzeiro.

— Então o que me diz, para comemorar, que fiquemos mais alguns dias no Rio?

Rogério achou graça e passou o braço em torno do ombro da sua mulher.

— Sabe que pensei nisso? O que diz, Ana?

— Acho que estamos todos merecendo uns dias de férias.

Celina foi a última a falar, porém a mais entusiasmada.

— Quero me divertir como nunca. Estou precisando disso. Desesperadamente.

Pat e Cláudio entreolharam-se: Será que alguém desejava essas férias mais que eles? Duvidaram.

Mais tarde, no saguão do hotel, os dois foram ler os jornais, todos com amplo e fotografado noticiário sobre o rumoroso sequestro.

— Então o que chamavam de Baixo morreu mesmo — disse Cláudio, vendo o retrato dele entre o dos outros sequestradores.

— Morreu. Ontem não tinha certeza. Eu o vi, coberto de sangue, dentro do carro.

— Ele tinha qualquer coisa — comentou Cláudio. — Um jeito especial. Iria longe se tivesse tido uma oportunidade.

Talvez haja milhares assim.

— Ele pediu muito a Nariz para que parasse o carro.

Queria me libertar logo. Não talvez porque tivesse pena de mim, mas porque sabia conduzir as situações.

— É o que chamam de líder — disse Cláudio.

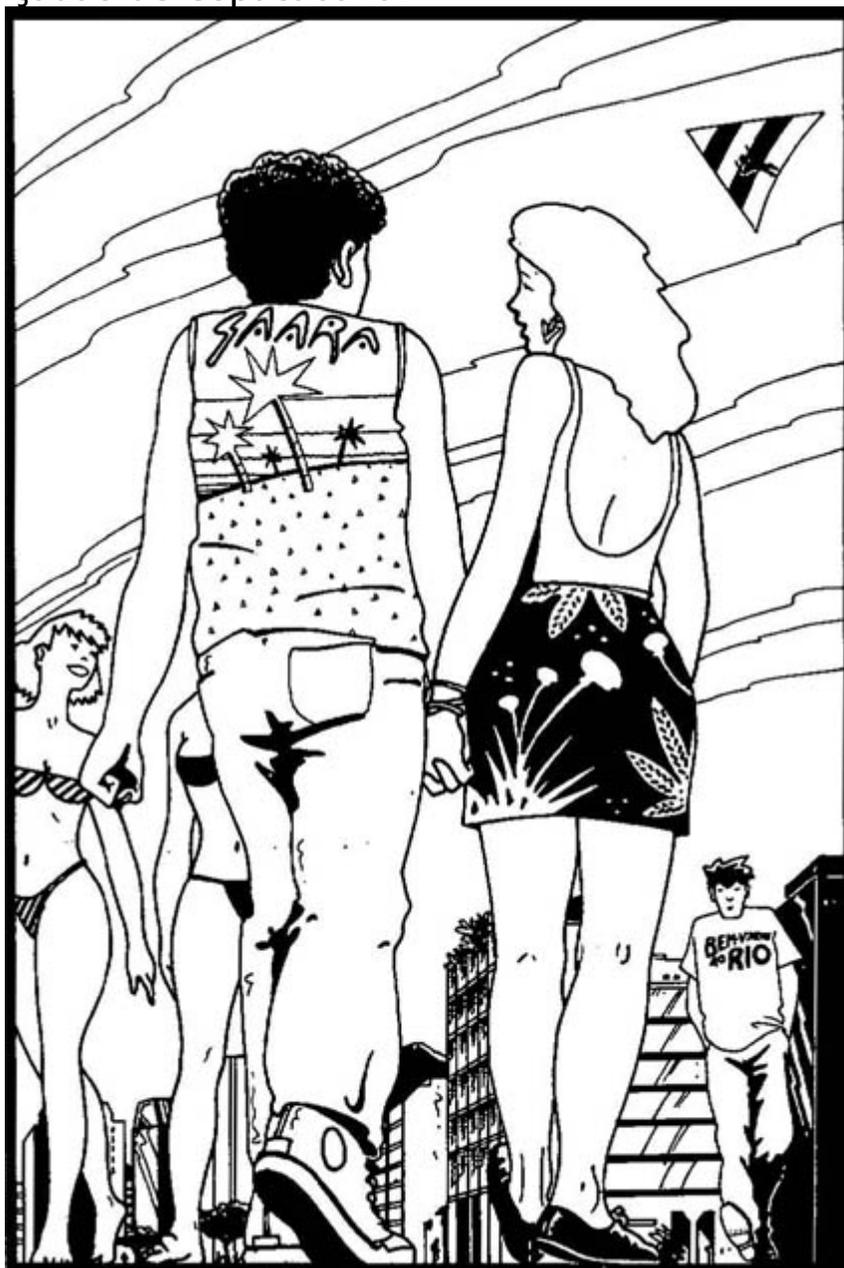
— A namorada dele foi a única que escapou. Aqui diz que só o Baixo sabia seu endereço.

— Um tal de Sebão, que não vimos no casarão, também escapou. Havia mandado uma carta para a polícia. Chegou tarde, mas provou sua inocência.

Estava um dia esplêndido, manhã dum céu e mar para turistas. Cláudio e Pat passeavam de mãos dadas, já sem o sequestro na cabeça. Às vezes, olhavam-se e sorriam.

Subitamente Pat parou de andar, apavorada, abraçou Cláudio com força, a boca já aberta para um grito, e apontou, o dedo trêmulo, para alguém que se aproximava. Era um rapaz da idade e altura de Nariz, vestindo uma camiseta branca com letras azuis: BEM-VINDOS AO RIO. Cláudio, entendendo o susto de Pat, sorriu, abraçou-a também e beijou-a, dando-lhe outro susto, este bom. O moço da

camiseta, que passava, sorriu para eles, levando seu sorriso pelo calçadão de Copacabana.



*Eles caminhavam contentes pela calçada,
mas uma simples camiseta os fez lembrar de toda a história.*

- Fim -